ANNO XXXII N. 276

Por 3 mezes adiantados 4$000.
Por 3 mezes vencidos 4$500.

SABBADO 22 DE NOVEMBRO DE 1856.

Por anno adiantado 15$000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPCAO' NO NORTE
Parahiba, o Sr. Gervazio V. da Natividade; Natal, o Sr. Joaquim I. Pereira Junior; Aracaty, o Sr. A. de Lemos Braga; Ceará, o Sr. J. José de Oliveira; Maranhão, o Sr. Joaquim Marques Rodrigues; Piauhy, o Sr. Domingos Herculano A. Pessoa Cearense; Pará, o Sr. Justiniano J. Ramos; Amazonas, o Sr. Jeronymo da Costa.

PARTIDA DOS CORREIOS.
Olinda: todos os dias, ás 9 e meia horas do dia.
Iguarassú, Goianna e Parahiba: nas segundas e sextas-feiras.
S. Antão, Bezerros, Bonito, Caruarú, Altinho e Garanhuns: na terça-feira.
S. Lourenço, Páo-d'Alho, Nazareth, Limoeiro, Brejo, Pesqueira, Ingazeira, Flores, Villa-Bella, Boa-Vista, Ouricury e Exú: nas quartas-feiras.
Cabo, Ipojuca, Serinhãem, Rio-Formoso, Una, Barreiros, Agua-Preta, Pimenteiras e Natal: quintas-feiras.
(Todos os correios partem ás 10 horas da manhãa.)

AUDIENCIAS DOS TRIBUNAES DA CAPITAL.
Tribunal do commercio: segundas e quintas.
Relação: terças-feiras e sabbados.
Fazenda: quartas e sabbados ás 10 horas.
Juizo do commercio: segundas ás 10 horas e quintas ao meio-dia.
Juizo de orphãos: segundas e quintas ás 10 horas.
Primeira vara do civel: segundas e sextas ao meio-dia.
Segunda vara do civel: quartas e sabbados ao meio-dia.

EPHEMERIDES DO MEZ DE NOVEMBRO
5 Quarto crescente ás 3 horas 4 minutos e 48 segundos da t.
12 Lua cheia ás 7 horas 23 minutos e 48 segundos da m.
19 Quarto minguante ás 8 horas, 15 minutos e 48 segundos da m.
27 Lua nova ás 2 horas, 24 minutos, 48 segundos da tarde.
PREAMAR DE HOJE.
Primeira 0 e 30 minutos da tarde.
Segunda 0 horas e 54 minutos da manhãa.

DIAS DA SEMANA.
17 Segunda. S. Gregorio Thaumaturgo b.
18 Terça. S. Odon ab.; S. Esiquio m.
19 Quarta. S. Isabel viv. rainha f.; S. Ponciano p. m.
20 Quinta. S. Felix de Valois; S. Octavio m.
21 Sexta. Apresentação da SS. Virgem Mãi de Deos.
22 Sabbado. S. Cecilia v. m.; S. Felemon m.
23 Domingo. 27 S. Clemente p. m.; S. Crysogno m.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPCAÕ NO SUL
Alagoas, o Sr. Claudino Falcão Dias; Bahia o Sr. D. Dupré; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins.
EM PERNAMBUCO.
O proprietario do DIARIO Manoel Figueiroa de Faria, na sua livraria, praça da Independencia ns. 6 e 8.

PARTE OFFICIAL.

MINISTERIO DA MARINHA.

Decreto n. 1829 de 4 de outubro de 1856.

Manda observar novo plano para os uniformes dos officiaes do corpo da armada e classes annexas.

Hei por bem approvar o novo plano para os uniformes dos officiaes do corpo da armada e classes annexas, que com este baixa assignado por João Mauricio Wanderley, do meu conselho, ministro e secretario de estado dos negocios da marinha, ficando sem effeito o decreto n. 259 de 13 de dezembro de 1842. O conselho supremo militar o tenha assim entendido e faça executar.

Palacio do Rio de Janeiro, em 4 de outubro de 1856, trigessimo-quinto da independencia e do imperio.—Com a rubrica de S. M. o Imperador.—João Mauricio Wanderley.

Plano a que se refere o decreto desta data, para os uniformes dos officiaes do corpo da armada e das classes annexas.

CORPO DA ARMADA NACIONAL E IMPERIAL.

I.

Officiaes generaes.

Primeiro uniforme ou de gala.

Chapéo armado de plumas brancas, como mostra a Fig. 1, abas de 6 1|2 pollegadas de altura na parte posterior, 5 1|2 na frente; 5 ditas para cada canto; tope de contas verdes dispostas circularmente, com a estrella bordada a fio de ouro, tendo de diametro 2 3|4 pollegadas; presilha, formada de um canotão lustroso n. 5 1|2 dobrado e torcido, e de outro singelo do mesmo numero, com um botão grande na volta do torcido, igual aos da abotoadura da farda; borlas da forma da Fig. 2 cobertas de gallão de esteira de 1 1|2 pollegada de largura com cinco voltas de canotão igual ao da presilha.

Farda.—De panno azul ferrete; peito traspassado, tendo duas ordens de botões grandes cada uma separadas uma da outra por 3 pollegadas de intervallo na parte inferior; gola e canhões com as borduras como mostram as Figs. 3 para o almirante, 4 para o vice-almirante, 5 para o chefe da esquadra, e 6 para o chefe de divisão; portinholas nas abas com tres botões grandes por baixo; dous botões grandes na feição, um a meio da prega de cada aba, outro no remate das vistas na extremidade de cada uma das mesmas, e tres pequenos na abertura de cada manga. (Estampa 1.ª)

Botões.—Convexos, dourados, tendo dous circulos concentricos separados por um espaço, no qual estarão dispostas em relevo e circularmente vinte estrellas, na parte central haverá uma ancora com amarra disposta verticalmente, e no espaço que lhe ficar superior uma coroa; todas as partes salientes serão brunidas, sendo o fundo fusco; diametro 1 pollegada para os grandes, 1|2 para os pequenos. (Fig. 7.)

Dragonas.—Duas dragonas de ouro com a pala de gallão de fieira de 2 1|4 pollegadas de largura (Fig. 8); guarnecida a palmatoria com uma roca de ouro fusco e lustroso de 6|8 de pollegada de diametro; os lados de pala e a parte de dentro da palmatoria junto a roca ornados com um bordado de canotilho fusco e lustroso de 1|2 pollegada de largura; um botão pequeno igual aos da abotoadura da farda a meio da largura da pala e distante 1|2 pollegada do extremo interno; franja de duas ordens de canotão lustroso n. 5 1|2, solta e de 4 pollegadas de comprimento; um cordão fusco e lustroso de 1|4 de pollegada de diametro sobre o remate da franja logo abaixo da roca; sobre a pala os distinctivos de [illegible] de prata, representam as Figs. 9 o do almirante, 10 o do vice almirante, 11 o do chefe de esquadra, e 12 o do chefe de divisão; comprimento igual a' largura do hombro; passadeira bordada a fio de ouro sobre panno azul ferrete. (Fig. 13.)

Calça.—De panno azul ferrete, guarnecida nas costuras exteriores de gallão de ouro de quatro cordões de meia pollegada de largura. (Fig. 29.)

Serão usadas sobre botins ou sapatos abotinados.

Gravata.—Ou lenço de seda preta de maneira que não appareça o laço.

Fiador.—De cordão de fio de ouro, de 12 pollegadas de comprimento, com a borla de forma achatada, e bordada de canotilho fusco e lustroso, como mostra a Fig. 15, tendo 1 1|4 pollegada de comprimento, e 1 1|8 na sua maior largura; franja de canotão n. 5 1|2, solta de 2 pollegadas de comprimento, rematada com requifes de ouro fusco e lustroso.

Talim.—De gallão de ouro de quatro cordões de 1 1|2 pollegada de largura, forrado de velludo azul; chapa dourada e circular de duas pollegadas de diametro, tendo no centro uma ancora com amarra disposta verticalmente, e no espaço que lhe ficar superior uma coroa entre dous ramos de fumo e café servindo de orla, tudo em relevo brunido sobre fundo fusco, um porta espada de correr do mesmo gallão para suspender o florete, como mostram as Fig. 16 e 17. Será usado por cima da farda abotoada.

Luvas.—De pellica branca.

Florete.—Como mostra a Fig. 18; punho solido de metal dourado, terminando na parte superior por uma corôa imperial, tendo a meio em relevo o distico—Pedro II—na frente, e do lado opposto o sol; guarda em forma de meia lua, tendo em relevo no centro uma ancora com amarra e corôa entre dous ramos de fumo e café, circulada de uma serrilha parallela a folha e virada para baixo; arco do mesmo metal, dirigido do punho a' guarda, tendo a meio em relevo a figura da America de ambos os lados; folha achatada com 7|8 de pollegada na sua maior largura; bainha de couro preto envernizado com bocal e ponteira de metal dourado, tendo esta 4 1|2 pollegadas, e aquelle 3 1|4, com botão no lado externo para prende-lo ao talim.

Segundo uniforme.

Chapéo, fardas, botões.—Iguaes aos do primeiro uniforme. (Estampa 1.ª)

Dragonas.—Como as do primeiro uniforme, com a differença de não terem bordadura nos lados da pala e na parte de dentro da palmatoria junto a' roca, e de ser esta ultima guarnecida pela parte interna de um cordão igual ao que ha no remate da franja abaixo della: os distinctivos sobre a pala devem ser de prata solida. (Fig. 19.)

Calça.—De panno azul ferrete sem gallão, ou de brim branco, conforme a estação. Serão usadas sobre botins ou sapatos abotinados.

Gravata, fiador.—Iguaes aos do primeiro uniforme.

Talim.—De couro preto envernizado, correa dobrada da cintura de 1 1|2 pollegadas de largura; duas guias duplas de couro envernizado em forma de cordão com 2|8 de diametro; chapa dourada e circular de 2 pollegadas de diametro, tendo no centro uma ancora com amarra disposta verticalmente, e no espaço que lhe ficar superior uma corôa entre dous ramos de fumo e café servindo de orla, tudo em relevo brunido sobre fundo fusco, os passadores e mais ferragens douradas, como mostra a Fig. 20.

Sera' usado por cima da farda abotoada.

Luvas.—De pellica branca.

Espada.—Como mostra a Fig. 21: punho sollido dourado, rematado com uma cabeça de leão, e forrado na parte interna e nos lados adjacentes de lixa branca circulada do arame dourado; guarda de meio copo, tendo externamente uma ancora com amarra disposta verticalmente, e no espaço que lhe ficar superior uma corôa, tudo em relevo brunido sobre fundo de dourado fusco, e lisa internamente; maior largura da folha 1 1|8 de pollegada, bainha de couro preto envernizado com bocal de 4 pollegadas, braçadeira de 3 1|2, e ponteira de 7 1|2, tudo de metal dourado; uma argola no bocal e outra na braçadeira para prende-la ao talim.

Terceiro uniforme.

Chapéo armado sem plumas, igual ao do primeiro uniforme, ou bonet de panno azul ferrete como mostra a Fig. 22; cinta com uma bordadura de 1 1|2 pollegada de largura (Fig. 14.) sobre esta na frente verticalmente posta uma ancora com amarra e corôa dentro de um circulo de vinte estrellas, tudo bordado a fio de ouro; no lado esquerdo o tope nacional; correas de gallão de um cordão de 1|2 pollegada de largura, com uma passadeira de cerrer de metal dourado em forma de fivela, presa por dous botões pequenos iguaes aos da abotoadura da farda cobrindo a costura da pala.

Sobrecasaca.—De panno azul ferrete; peito traspassado, tendo duas ordens de oito botões grandes cada uma separadas uma da outra por tres pollegadas de intervallo na parte inferior; golla virada; canhões com a bordadura da respectiva patente; pestana na algibeira de cada aba, com um botão grande no meio e outro no extremo inferior; dous botões grandes na feição e tres pequenos na abertura de cada manga. (Estampa 1.ª)

Botões.—Iguaes aos marcados para o primeiro e segundo uniforme.

Calça, gravata, fiador, talim, luvas, espada.—Iguaes aos marcados para o segundo uniforme.

II.

OFFICIAES SUPERIORES E SUBALTERNOS.

Primeiro uniforme ou de gala.

Chapéo armado igual ao dos officiaes generaes, sem plumas, com o botão igual aos da abotoadura da farda respectiva, sendo as voltas das borlas para os officiaes subalternos de canotilho n. 1|4. (Fig. 23.)

Farda.—Como a dos officiaes generaes, com a differença de não ter bordaduras na gola e canhões, tendo em cada um destes ultimos em seu lugar tres botões grandes na frente. (Fig. 24.)

Botões.—Convexos, dourados, tendo na peripheria um circulo guarnecido por fora de serrilha, e na parte central uma ancora com amarra disposta verticalmente, e no espaço que lhe ficar superior uma corôa, tudo em relevo brunido sobre fundo fusco; diametro uma pollegada para os grandes, 1/2 para os pequenos. (Figs. 25 e 26.)

Dragonas.—Para o capitão de mar e guerra:

Duas dragonas de ouro iguaes ás do segundo uniforme dos officiaes generaes sem os distinctivos do grão, e com botão sem estrellas. (Fig. 19.)

Para o capitão de fragata:

Como as de capitão de mar e guerra, com a differença de ser a franja no hombro esquerdo de canotilho n. 1/4. (Figs. 19 e 27.)

Para o capitão-tenente:

Como as do posto antecedente, com a differença de ser usada no hombro direito a de canotilho n. 1/4. (Figs. 19 e 27.)

Para o primeiro-tenente:

Como as do capitão de mar e guerra, com a differença de ser a franja em ambas de canotilho n. 1/4. (Fig. 27.)

Para o segundo-tenente:

Como as de primeiro-tenente, porem sem franja a do hombro esquerdo. (Figs. 27 e 28.)

Calça.—De panno azul ferrete, guarnecida nas costuras exteriores de gallão de ouro de quatro cordões de 1 1/4 pollegada de largura para officiaes superiores, e de dous cordões de 1 pollegada para os officiaes subalternos. (Figs. 29 e 30.)

Gravata.—Ou lenço de seda preta, de maneira que não appareça o laço.

Fiador.—De cordão de fio de ouro de 12 pollegadas de comprimento, borla de forma de pêra, tecida de fio de ouro, como mostra a fig. 31, tendo 1 1/4 de pollegada de comprimento e 7|8 no seu maior diametro; franja de canotão n. 5 1/2 de duas pollegadas de comprimento, rematada com requife de ouro fusco e lustroso para os officiaes superiores; e franja de canotilho n. 1/4 para os officiaes subalternos. (Fig. 32.)

Talim.—Igual ao do segundo uniforme dos officiaes-generaes. (Fig. 20.)

Espada.—Igual á do segundo uniforme dos officiaes generaes. (Fig. 21.)

Luvas.—De pellica branca. (Estampa 4.ª)

Segundo uniforme.

Igual ao primeiro, com a differença de ser a calça ou de brim branco, ou de panno azul ferrete, sem gallão, conforme a estação. (Estampa 5.ª)

Terceiro uniforme.

Bonet.—De panno azul ferrete, como mostra a fig. 33, tendo um gallão de ouro de quatro cordões de 1 1/2 pollegada de largura para os officiaes superiores, e de dous cordões de 1 pollegada de largura para os officiaes subalternos (fig. 34); sobre este na frente verticalmente posta uma ancora com amarra, e no espaço que lhe ficar superior uma corôa, tudo bordado a fio de ouro (Fig. 35); tope nacional no lado esquerdo sobre o gallão; correas de couro envernisado preto, presas em dous botões pequenos iguaes aos da abotoadura da farda, cobrindo a costura da pala. Os officiaes superiores poderão *ad libitum* usar deste bonet ou de chapéo armado do primeiro uniforme.

Sobrecasaca.—Como a dos officiaes-generaes (Estampa 6.); nos canhões em lugar de bordadura tres gallões de ouro de dous cordões, e 1 pollegada de largura, separados por um espaço de 1/4 de pollegada e dispostos circularmente para o capitão de mar e guerra; dous gallões do mesmo padrão e largura, igualmente collocados para o capitão de fragata um gallão do mesmo padrão e largura, e outro de um cordão de 1/4 pollegada de largura, collocado da mesma forma, ficando o mais estreito pela parte inferior, para o capitão-tenente; um só gallão de dous cordões e 1 pollegada de largura, igualmente collocado, para o primeiro-tenente; dous gallões de um cordão e 1/4 pollegada de largura, collocados da mesma forma para o segundo-tenente. Entre o extremo inferior do canhão e o primeiro gallão acima haverá um espaço de 1 1/4 pollegada, menos a do capitão de mar e guerra, em que o intervallo acima será de 1/8. (Estampa 7.)

Botões, calça, gravata, fiador, talim e espada. Iguaes aos marcados para o segundo uniforme.

Os officiaes que servirem de secretarios, ou de ajudantes d'ordens dos commandos de divisão ou de esquadra, usarão de cordões de ouro semelhantes aos adiante marcados neste plano para os guardas-marinhas, apropriados porem para poderem servir com as dragonas. (Fig. 36.)

III.

GUARDAS-MARINHAS E ASPIRANTES.

Primeiro uniforme ou de galla.

Guardas-marinhas.

Chapéo.—Armado como o dos officiaes subalternos, mas sem borlas. (Estampa. 6.)

Farda, botões, calça e gravata.—Iguaes ás dos officiaes subalternos.

Cordões.—Serão usados no hombro esquerdo de fio de ouro da grossura de 1|8 de pollegada formando tres voltas de grandeza differente destinadas a ficarem pendentes ao lado do braço, de modo a suas concavidades olharem todas para cima, sendo a superior a menor e a inferior a maior, esta ultima de 16 pollegadas de comprimento e acompanhada por uma trança feita do mesmo cordão, as duas pontas cahidas uma de 16 pollegadas e a outra de 17, ambas com tres nós de cinco voltas, e terminadas com agulheta de metal dourado, preso tudo em cima do hombro por um alamar do mesmo cordão de 4 1/2 pollegadas de comprido, forrado de panno azul ferrete, e com um botão pequeno igual aos da abotoadura da farda no extremo interno (fig. 36) como usam presentemente os aspirantes.

Fiador.—Como o dos officias subalternos, porem sem franja.

Talim, luvas e espada.—Iguaes aos dos officiaes subalternos.

Segundo uniforme.

Igual ao primeiro, com a differença da calça ser de brim branco, ou de panno azul ferrete sem gallão, conforme a estação. (Estampa 5.)

Terceiro uniforme.

Bonet.—Igual ao dos officiaes subalternos.

Sobrecasaca.—Como a dos officiaes subalternos (estampa 6.), com um so gallão de um cordão de meia pollegada de largura, collocado circularmente em cada canhão, na distancia ja marcada. (Estampa 7.)

Botões, calça, gravata, fiador, talim, espada.—Iguaes aos do primeiro uniforme, sendo a calça conforme a estação, de brim branco ou panno azul ferrete sem gallão.

Aspirantes.

Uniforme.

Bonet.—Igual ao dos guardas-marinhas.

Fardeta.—De panno azul ferrete, peito traspassado, tendo duas ordens de oito botões pequenos cada uma separadas uma da outra por tres pollegadas de intervallo na parte inferior; golla virada, uma estrella bordada a fio de ouro na parte externa de cada manga, duas pollegadas abaixo de sua união com o corpo da fardeta; tres botões pequenos na abertura de cada manga, e outros tres sobre a frente do canhão.

Botões.—Iguaes aos dos guardas-marinhas.

Calça.—De panno azul ferrete, sem gallão, ou de brim branco, conforme a estação.

Gravata.—Ou lenço de seda preta, de maneira que não appareça o laço.

Talim.—Como o dos guardas-marinhas, differindo na largura da correa da cintura, que será de 7|8 de pollegada, e nas guias, que serão de correas de largura de 5|8 de pollegada.

Espadim.—Como mostra a fig. 37, punho de madreperola, terminando na parte superior com um remate de metal dourado; os lados interno e externo forrados com uma lamina metalica lavrada e dourada; guarda formada por duas hastes do mesmo metal dourado, fazendo cruz com o punho; bainha de metal lavrado dourado com duas argolas, uma no lugar do boccal e outra no da braçadeira; comprimento total 13 pollegadas, folha achatada.

IV.

CLASSES ANNEXAS.

Officiaes de capella.

Uniforme.

O habito da respectiva religião.

Observação.

He inteiramente prohibido aos capellães o uso de vestimentas seculares emquanto durar o seu embarque, a bordo ou em acto de serviço, ainda mesmo que sejam presbyteros do habito de S. Pedro.

V.

OFFICIAES DE SAUDE.

Cirurgiões.

Uniforme.

Primeiro, segundo e terceiro igual aos officiaes da armada das patentes correspondentes, sendo porem as fardas, sobrecasacas, gallão do bonet e das divisas avivados de roxo. (Estampas 8.ª, 9.ª e 10.ª)

Pharmaceuticos.

Uniforme.

O mesmo que o dos cirurgiões, devendo usar com o primeiro e segundo de duas dragonas de ouro iguaes ás dos segundos-tenentes, trazendo porem no hombro direito a que não tem franja; e com o terceiro de divisas de guarda marinha. (Estampas 8, 9 e 10.)

Enfermeiros.

Uniforme.

Fardeta.—Como a dos aspirantes, sem estrellas e avivadas de roxo.

Bonet.—Como o dos aspirantes, sem gallão na cinta, e em seu lugar uma facha roxa da mesma largura, sendo a ancora com a marca e coroa bordada de retroz ou lãa cor de ouro.

VI.

Officiaes de fazenda do numero.

Uniforme.

Primeiro, segundo e terceiro igual ao dos officiaes da armada, sendo porem as fardas, sobrecasacas, e o gallão do bonet e das divisas avivados de branco. (Estampas 8 e 11.)

Officiaes de fazenda extranumerarios.

Uniforme.

Terão apenas o terceiro dos da sua classe durante o tempo de embarque. As divisas serão correspondentes as do commissario e escrivão de não, para os que embarcarem em navios de mais de 20 peças, ou vapores de força superior a de 300 cavallos; porem os que embarcarem em navios de 10 a 20 peças, ou vapores de força superior a de 130 cavallos, terão as de commissario e escrivão de fragata: nos navios menores os escrivães terão as de guarda-marinha.

Despenseiros.

Primeiro uniforme.

Sobrecasacas.—Como a da classe de fazenda, sem divisas. (Estampa 12.)

Bonet.—Como o da classe de fazenda, com gallão do padrão e largura, das divisas de guarda marinha, sobre vivos brancos.

Segundo uniforme.

Fardeta.—Como a dos aspirantes, sem estrellas, e avivada de branco. (Estampa 12.)

Bonet.—Igual ao primeiro uniforme.

Fieis dos commissarios.

Uniforme.

Fardeta.—Igual á dos despenseiros. (Estampa 12.)

Bonet.—Como o dos despenseiros, sem gallão, tendo em seu lugar uma faxa branca de uma pollegada de largura, sendo a ancora com amarra e corôa bordada de retroz ou lãa cor de ouro.

VII.

NAUTICA.

Pilotos de numero.

Uniforme.

Sobrecasacas.—Como as dos officiaes da armada, tendo o emblema de ancora com amarra e corôa bordada a fio de ouro na gola. (Estampa 13.)

Bonet, botões, gravata, fiador, talim, espada.—Como os dos guardas marinhas.

Calça de panno azul ferrete, ou de brim branco, conforme a estação.

Observação.

He permittido o uso da fardeta para o serviço de bordo com os mesmos distinctivos.

Pilotos extranumerarios.

Uniforme.

Igual aos dos pilotos do numero, do qual só poderão usar em quanto durar a sua commissão.

Praticantes de nomeação ou arvorados.

Uniforme.

Fardeta.—Igual á dos aspirantes, sem estrella, com ancora e corôa, como a do bonet, bordada de cada lado da gola, de retroz ou lãa cor de ouro. (Estampa 13.)

Bonet.—Como o dos aspirantes, sem gallão, tendo o emblema da ancora com amarra e coroa bordada de retroz ou lãa cor de ouro.

VIII.

MACHINA.

Primeiros machinistas.

Uniforme.

Sobrecasaca.—Como a dos officiaes da armada, avivada de verde, e sem divisas, tendo na gola de ambos os lados um cylindro com embulo e corôa. (Fig. 40.)

Bonet.—Como os dos officiaes subalternos da armada, e o gallão assente sobre vivos verdes. (Estampa 13.)

Segundos, terceiros e quartos machinistas.

Uniforme.

Terão o uniforme igual ao dos primeiros machinistas, com a differença porem de ser o gallão do bonet da largura das divisas de guarda marinha e do mesmo padrão sobre vivos verdes (Estampa 13.), e o mesmo emblema sem corôa para o segundo de ambos os lados, para o terceiro sómente do lado direito, e para o quarto do lado esquerdo.

Foguistas.

Uniforme.

Como o dos fieis dos commissarios, sendo os vivos verdes, assim como a faxa do bonet.

Carvoeiros.

Uniforme.

Igual ao da marinhagem.

Observações.

He permittido aos machinistas o uso da fardeta avivada de verde, para o serviço de bordo.

IX.

Officiaes de apito.

Mestres de numero de não, e extranumerarios que servirem como taes a bordo das naos, fragatas e corvetas de primeira ordem, de vapores de força igual ou superior a de 300 cavallos.

Uniforme.

Sobrecasaca.—Como a dos officiaes da armada sem divisas, tendo na gola de cada lado duas ancoras de metal dourado dispostas em cruz. (Estampa 13.)

Bonet.—Como o dos officiaes subalternos da armada.

Mestres do numero de fragata e de navios de mais de 10 peças, ou vapores da força de 130 até 300 cavallos inclusive.

Uniforme.

Sobrecasaca.—Como a dos mestres de numero de na'o, tendo na gola de ambos os lados uma só ancora de metal dourado. (Estamda 13.)

Bonet.—Como o dos mestres de numero de na'o.

Contramestres de numero extranumerarios, mestres extranumerarios embarcados em navios menores.

Uniforme.

Sobrecasaca.—Como a dos mestres de numero de não, tendo sómente no lado direito da gola uma ancora de metal dourado. (Estampa 13.)

Bonet.—Como o dos mestres de numero de não, sendo o gallão do padrão e largura das divisas de guarda marinha.

Guardiões de numero e extranumerarios.

Uniforme.

Fardeta.—Como a dos aspirantes, sem estrellas com ancora de metal dourado sómente no lado esquerdo da gola. (Estampa 13.)

Bonet.—Como o dos aspirantes, sendo o gallão da largura e padrão das divisas de guarda marinha.

X.

ARTIFICES.

Primeiros carpinteiros e calafates.

Uniforme.

Sobrecasaca.—Como a dos mestres do numero de não sem ancora na gola.

Bonet.—Como a dos mestres do numero de na'o. (Estampa 13.)

Segundos e terceiros carpinteiros, calafates, serralheiros e tanoeiros.

Uniforme.

Fardeta.—Como a dos guardiões, sem ancora na gola. (Estampa 12.)

Bonet.—Como o dos guardiões.

Escreventes e mestres de armas.

Uniforme.

O mesmo dos segundos e terceiros carpinteiros, com uma coroa bordada a retroz ou lãa cor de ouro na gola, sendo a do escrevente do lado direito, e a do mestre de armas do lado esquerdo. (Estampa 12.)

Observações.

1.ª Sómente os officiaes generaes poderão usar de chapéo redondo, porem com sobrecasaca sem divisas e fóra de acto do serviço.

2.ª He permittido o uso de collete branco ou azul ferrete, tendo botões iguaes aos da abotoadura da manga da farda, com o segundo uniforme ou sobrecasa, e fóra de acto do serviço.

3.ª O uso de chapéo armado coberto de oleado sómente he permittido com o terceiro uniforme, ou com o segundo em tempo de chuva.

4.ª Os officiaes de todas as classes exceptuando a dos generaes, para os quaes não foi marcada fardeta, poderão usar desta, quando os navios em que se acharem embarcados estiverem a vela, sendo avivados com as respectivas cores as dos que pertencerem as classes annexas.

5.ª As calças de que devem usar aquellas classes para que não foram designadas serão de brim branco, ou panno azul ferrete, conforme a estação.

6.ª Os officiaes do apito, e os nomeados para serviço, ao qual pertença graduação superior, só poderão usar do uniforme respectivo em quanto durar a sua commissão.

7.ª A medida adoptada neste plano refere-se a escala ingleza.

Palacio do Rio de Janeiro, em 4 de outubro de 1856.—*João Mauricio Wanderley.*

GOVERNO DA PROVINCIA.

Expediente do dia 19 de novembro

Officio — Ao Exm. marechal commandante das armas, recommendando a expedição de suas ordens para que a tropa de primeira linha, reunida aos corpos da guarda nacional desta cidade, ao de policia, e sob a direcção do official a quem por lei competir o commando, marche para o pateo deste palacio no dia 2 de dezembro proximo vindouro, anniversario do feliz natalicio de S. M. o Imperador, afim de assistir ao cortejo, que terá lugar á hora do costume, devendo a guarnição da praça nesse dia e no antecedente ser composta de praças da guarda nacional, que não poderem marchar, para o que ficam expedidas as convenientes ordens ao respectivo commandante superior, com quem S. Exc. se entenderá ácerca do detalhe para semelhante formatura.—Expediram-se as convenientes ordens neste sentido.

Dito — Ao mesmo, declarando que convem que as praças do batalhão nacional e do primeiro de infantaria vindas da côrte, sejam dispensadas do serviço da guarnição, no caso de ser possivel.

Dito — Ao mesmo, convidando-o e aos officiaes do exercito existentes nesta capital, e que estiverem disponiveis no dia 23 do corrente, para acompanharem a procissão de *Corpus Christi*, que tem de sahir da igreja matriz da freguezia de Santo Antonio no referido dia das 3 para ás 4 horas da tarde. — Iguaes convites foram feitos ao Exm. commandante superior da guarda nacional do Recife, e officiaes sob seu commando, ao commandante da estação naval e officiaes da armada empregados na mesma estação, ao inspector do arsenal de marinha e officiaes ao serviço do referido arsenal, e ao commandante do corpo de policia com a respectiva officialidade.

Dito — Ao inspector da thesouraria de fazenda, approvando a deliberação que tomou de accôrdo com a junta daquella thesouraria, de contratar com a caixa filial do Banco do Brasil nesta provincia a compra de uma letra a favor dos agentes do Brasil em Londres na importancia de libras dezoito mil, ao cambio de 27 3|4 dinheiros por mil réis, independente de abonação.

Dito — Ao mesmo, autorisando-o a mandar effectuar, sob a responsabilidade da presidencia, o pagamento que pede o capellão da colonia militar de Pimenteiras Fr. José de San Thomaz d'Aquino, da quantia de 68$200 rs., que venceu por excesso de soldo.

Dito — Ao mesmo, recommendando a expedição de suas ordens para que na recebedoria de rendas internas seja recebida a importancia de 53$000 rs., que tem de pagar Francisco Antonio Brayner de Souza Rangel de sello, emolumentos e fita para obtenção da carta imperial do officio de tabellião de notas, escrivão do crime e civel do termo de Pao-d'Alho.

Dito — Ao mesmo, mandando realisar, sob responsabilidade da presidencia, o pagamento da quantia de 75$560 rs., que dispendeu o commissario do vapor *Amazonas* com o enterramento do cadaver do soldado que falleceu a bordo do mesmo vapor.

Dito — Ao brigadeiro director do arsenal de guerra da côrte, accusando recebidos os 17 livros que S. S. remetteu para o segundo batalhão de infantaria.

Dito — Ao inspector da thesouraria provincial, inteirando-o de haver deixado o professor publico d'Agua-Preta, Ivo Pinto de Miranda, entrar agora no gozo da licença de um mez, que lhe fôra concedida no primeiro de outubro ultimo. — Igual communicação se fez ao director geral da instrucção publica.

Dito — Ao mesmo, recommendando que por intermedio do thesoureiro pagador da repartição das obras publicas, mande adiantar ao capitão Affonso de Albuquerque Maranhão mais dous contos de réis para a continoação dos pagamentos de que se acha elle encarregado, relativos ás obras de melhoramento da estrada do porto de Gallinhas a Caieté. — Communicou-se ao director das obras publicas.

Dito — Ao director geral da instrucção publica, autorisando-o, em vista de sua informação, a espaçar por mais 30 dias o concurso annunciado para o provimento da cadeira de instrucção elementar da freguezia de Santa Maria da Boa-Vista.

Dito — A' camara municipal de Goianna, dizendo que com o parecer que remette por copia do procurador fiscal da thesouraria provincial, responde ao officio em que Ss. mcs. consultam ácerca do pagamento que pede o porteiro da mesma camara.

COMMANDO DAS ARMAS.

Quartel general do commando das armas de Pernambuco, na cidade do Recife, em 21 de novembro de 1856.

ORDEM DO DIA N. 371.

O marechal de campo, commandante das armas, faz publico para conhecimento da guarnição, que hontem fez a sua apresentação no quartel general, o senhor segundo cirurgião alferes do corpo de saude do exercito Dr. Francisco Mendes de Amorim, que em virtude do aviso do ministerio dos negocios da guerra de 3 de outubro proximo findo, foi mandado servir nesta provincia, e determina que este senhor facultativo fique servindo no 2.° batalhão de infantaria, e empregado no hospital regimental.

Faz igualmente publico que hontem nomeou o conselho de guerra que tem de sentenciar o soldado do dito 2.° batalhão José Serafim de Santa Anna, pela culpa prevista no art. 23 dos de guerra, sendo do mesmo conselho, presidente o Sr. capitão Manoel de Campos Leite Penteado, auditor o Sr. auditor Dr. Bernardo Machado da Costa Doria, e vogaes, os Srs. tenente Francisco Henriques de Noronha, e alferes João Bibiano de Castro, Luiz Martins de Carvalho, Estevão José Paes Barreto, e Coriolano de Castro e Silva.

José Joaquim Coelho.

EXTERIOR.

RETRATOS E PERFIS AMERICANOS.

O general André Jackson.

I.

O general Jackson, cujo retrato pretendo aqui esboçar, foi um dos homens mais eminentes que tem apparecido na scena politica de qualquer paiz.

Em outra qualquer parte, menos nos Estados-Unidos parecia ter elle sido destinado para o poder, posto que se tizesse recommendavel por gloriosos serviços, talento real e variados conhecimentos; excellentes qualidades, tanto de espirito como de coração; por um patriotismo ardente e tal, que ultrapassava o que se chama a exageração do patriotismo americano, se he permittido censurar um dos mais nobres e puros sentimentos.

He isto bastante, na verdade, para justificar a immensa popularidade de que gozava o general Jackson quando foi eleito, e mesmo antes de sua primeira candidatura á presidencia dos Estados-Unidos; mas essa popularidade era devida, em certos pontos, a titulos que, por sua natureza, deviam aparta-lo para sempre da scena politica.

Impetuosidade de caracter; espontaneidade e rapidez de resoluções, dom precioso, convenho, quando he o predicado de um espirito que sabe dominar-se, mas perigoso quando he dirigida pelo capricho e exaltamento; obstinação tenaz nas idéas antecipadas, á ponto de se não curvar nem á propria autoridade da lei; vontade inflexivel; colera terrivel contra tudo o que se oppunha a seus desejos; soberano desprezo contra todo o obstaculo, ainda legitimo, que lhe contrariava as intenções; profundo desdem pelo—*que se dirá?*—, ainda mesmo quando o descontentamento e a reprovação partisse da opinião publica; inclinação desmarcada pelos triumphos populares; sentimento limitadissimo das noções de verdadeira justiça e intractavel altivez; taes eram, creio pode-lo affirmar, os traços que denotavam, na organisação do general Jackson, um homem de tempera pouco commum.

Accrescente-se a tudo isso uma necessidade instinctiva de fadigas e trabalhos de toda a especie. Era-lhe insupportavel o repouso, quer de corpo, quer de espirito. He predestinação ou privilegio. Não ha um só facto mais importante da vida do general que tivesse corrido segundo as regras ordinarias. Até mesmo em seu casamento se encontra o que quer que seja de extraordinario e, direi, de maravilhoso.

Os bons e maos costumes de Jackson já eram bastante conhecidos, quando elle se apresentou candidato aos suffragios do povo americano. Nada se ignorava de sua vida e caracter. Tambem era elle tão franco e expansivo, que nada absolutamente occultava de seu procedimento. Essa casa de vidro, que se exige para a habitação dos homens publicos, ainda lhe parecia pouco transparente; quebrou-lhe pois os vidros com os cotovellos, com os pés e com a cabeça, e viveu, por assim dizer, no meio da rua, exposto dia e noite á expectação publica.

Sabia-se bem o que elle valia e de quanto era capaz, tanto para o bem, como para o mal. Quando, pela primeira vez, se apresentou candidato, cousa que ás pessoas sensatas não só pareceu incrivel, mas até perigoso, obteve um crescido numero de suffragios, posto que não em maioria tal, que lhe assegurassem um completo triumpho. As eminentes qualidades de que era dotado e a popularidade que tinha levaram as massas a esquecer-lhe os deffeitos; porem o congresso, calculando com estes ultimos, deu a preferencia a seu competidor Quincy Adams.

A mesma razão que arrastara a mor parte da opinião publica em favor de Jackson, além de outros motivos que lhe eram pessoaes, levou o congresso a votar em Quincy Adams.

Tres membros do partido democratico acabavam de succeder-se na cadeira presidencial: Jefferson, Madison e Monroe, e cada um delles por dous termos, isto he, por espaço de oito annos. A elevação de Jackson, representante fanatico do mesmo partido, e promettendo trazer de mais, na applicação de sua doutrina, esse caracter impetuoso e habitos militares, de que tratarei depois, como que asseguraya a esse partido uma herança do poder. Era isso o que desejava ardentemente o povo americano. Era justamente isso o que temia o Congresso.

Quatro annos depois, quando triumphou, em nada tinha Jackson moderado a rudeza, transportes e violencias de sua natureza. Era ainda o mesmo homem; sempre popular, offerecendo sempre os mesmos perigos, como chefe de um poder executivo, cuja iniciativa he a principio limitada, e quando se manifesta he sempre encoberta com as formas e debaixo das formulas prudentes, respeitosas e evidentemente pouco conciliaveis com o despotismo e com a vontade sempre inconsequente de Jackson.

O filho da União Americana he cidadão antes de ser soldado; o general, ao contrario, em todas as occasiões de sua vida se mostrara mais soldado do que cidadão. Era para receiar esta especie de antagonismo entre os habitos do general e os costumes do paiz. E, apezar disso, foi elle eleito com grande satisfação de seu partido. He necessario dizer tambem, que o *reinado* de Quincy Adams correra honesta e sabiamente, mas de um modo pouco brilhante e que contrastava com os vinte e quatro annos de presidencia, tão gloriosamente preenchidos pos seus tres predecessores.

Pareceu então que, não só o partido democratico tinha uma desforra a tirar pela recente derrota, mas tambem que o povo americano sentia uma certa necessidade de emoções.

Dir-se-hia que a calma e placidez do governo federal começava a ser-lhe insupportavel. Pode-se muito bem explicar isto pelo rapido incremento da população, pelos numerosos elementos estranhos introduzidos no seio da nação e que se não tinham ainda podido amoldar á influencia dessas instituições, inteiramente estranhas aos outros povos.

Quanto ás emoções que procurava, o povo americano foi plenamente satisfeito, porque Jackson abalou com excesso a constituição, essa arca santa da republica dos Estados-Unidos. Elle encontrou meios, segundo a expressão do sceptico estadista inglez «de fazer passar um carro jungido a quatro cavallos» a par da inviolabilidade das leis atravez dessa constituição até então respeitada, mesmo daquelles que votaram contra a sua adopção e que foram depois encarregados de a executar. James Monroe era desse numero.

Não quero dizer que Jackson tivesse tomado o partido de collocar-se absolutamente acima da lei; ao contrario elle a invocava incessantemente nos maiores abusos que praticava; mas estes desmandos nasciam dos defeitos que tenho indicado em seu caracter. Se oppunham-se, por exemplo, a uma medida, cuja adopção elle indicava, propunha ou tomava immediatamente outra violenta, extrema, fóra de sua esphera e poder. He que elle tinha o habito do mundo, e sentia a necessidade de uma obediencia cega.

Em todo o caso, os oito annos da presidencia de Jackson deram a mais authentica prova da perfeita união dos Estados entre si e a medida da força vital da republica federal.

Nunca os elementos de discordia e as paixões dividiram tanto os partidos nos Estados-Unidos como nesses oito annos. Pode-se dizer que, nesse tempo o raio volteava sobre a America do Norte. Felizmente serenou-se a tempestade sem desastres.

II.

Tratando particularmente de sua elevação politica, foi Jackson sem contestação o homem que, depois de Washington, mais agitou e preoccupou a opinião publica nos Estados-Unidos. Adversarios e adeptos, amigos e inimigos, todos se puzeram em campo, uns para louva-lo com excesso, outros para critica-lo e injuria-lo até a exageração.

Jackson era em verdade um destes homens singulares, que não inspiram mornas sympathias, nem meias antipathias.

Os sentimentos, que infundia nos mais, quer se dirigissem ao coração, quer ao espirito, reflectiam-se-lhe necessariamente como um feliz espelho.

Até o momento em que se envolveu definitivamente na politica, Jackson fôra idolatrado de todas as classes da sociedade americana. Chamavam-lhe Old-Hickory (velho carvalho, (1) em allusão á sua firmeza militar, e este alcunha era mais popular na America, do que o nome do mais illustre varão. Nos bar-rooms (botequins e cafés,) onde se introduzia

(1) O hickori he uma arvore, cujo lenho he tão duro como o do carvalho.

FOLHETIM.

O CANTO DOS HELLENOS.

PELO CONDE DE LEGURAT.

Novella,

que ganhou o segundo premio, decretado pela Sociedade dos Homens de Lettras.

« *Preservar sua imaginação de todo o desvio, he um simples calculo de felicidade para uma mulher virtuosa.* »
Madama Necker de Saussure.

(*Continuação.*)

Pouco depois, episodios da vida real vieram arrancar-me um tanto aos meus sonhos.

Chegava-me uma companheira inesperada. A primogenita de minhas primas foi-nos repentinamente enviada pelos seus pais sob pretexto de aperfeiçoar sua educação, mas talvez com sentimento de ciume inspirado pelo amor com que minha avó tratava-me. Era uma moça de dezesete annos, mui risonha, e alegre de deixar a Franche Comté por Paris, porém que voltejava estouvadamente atravez dessa sociedade nova, cujos usos fui encarregada de ensinar-lhe. Minha avó admirava-se de acha-la um tanto grosseira, e dizia que ella entrava em um salão como uma segadora em um campo. Minha pequena superioridade de elegancia teria talvez sido sufficiente para impedir de estabelecer-se grande intimidade entre Noemi e mim; além disto minha prima chegava tarde. Ella ria ainda emquanto eu sonhava. Não podiamos entender-nos.

Ha muito que não tenho-te fallado de minha tia. He porque desde o dia em que seu filho embarcou-se como aspirante, ella passou muitos annos na Bretanha sem animar-se mais a perder de vista o mar. Escrevia-nos de tempos em tempos dando-nos algumas noticias das viagens longinquas de Jorge e de suas breves apparições nos arredores de Rennes. Porém na época da chegada de Noemi recebemos algumas linhas de madama de Braizieux, a qual annunciava-nos que tendo seu filho obtido uma licença de alguns mezes viriam juntos passa-los comnosco em Paris ou no campo.

Semelhante noticia não podia chegar mais fóra de proposito. Eu tinha um presentimento vago de que a presença de minha tia perturbaria completamente a vida idéal, que eu para mim creara.

Vide *Diario* n. 274.

Estavamos no mez de janeiro, isto he, no meio do carnaval. Eu custava a persuadir minhas duas companheiras a ir muitas vezes a casa de madama de Larcy.

— Sem duvida a musica he agradavel, dizia minha avó; mas fallando francamente não gosto de ver um salão transformado em viveiro de passarinhos!

Um dia recebemos um bilhete da baroneza contendo estas palavras, escriptas com lapis:

« Por Santa Ignez, venham amanhãa de noite! »

Achámos o salão cheio de gente e de flores em honra da padroeira da casa. Entre todos esses ramalhetes notei um feito de violetas e de camelias brancas, que pareceu-me mais simples e mais bello que os outros. Admirei-o.

— Não he tão lindo? perguntou-me madama de Larcy. Vou dizer ao principe que vossê tambem he de minha opinião, pois he a elle que o devo, bem como este magnifico album contendo vistas da Grecia.

Emquanto eu folheava com embaraço o bello volume, a baroneza accrescentou:

— Não acha que para ser inteiramente amavel o principe devia fazer-nos ouvir outra vez o canto dos Hellenos?

— Esta noite, respondi com hesitação, elle não poderá recusar-lhe isso.

Madama de Larcy apartou-se. Não segui-a com a vista, pois continuava a folhear com distracção as paginas do album. Um instante depois o principe cantava.

Tornei a ouvir essa melodia tão chara! Desta vez foi-me difficil occultar minha perturbação. Eu sentia o olhar do nobre Grego abrazar-me a fronte. Cuidava adevinhar que era para mim que elle cantava, e experimentava um sentimento profundo de reconhecimento e de orgulho.

Sahindo do salão achei no meu capotinho um ramalhete absolutamente semelhante ao de madama de Larcy. Tomei-o em silencio, e occultei-o aos olhos curiosos de Noemi.

Alguns dias depois fomos ao baile da Liste Civile, dado no Casino da rua da Chaussée d'Antin. Minha prima maravilhada de ver uma grande festa, e não achando-se nunca sufficientemente bella para ahi figurar, fez-nos chegar tarde. Fomos muito mal collocadas. Procurei com os olhos na multidão uma só pessoa, que ahi não achava. Minha avó enfadava-se de não conversar, e criticava a multidão. « Não he uma reunião de pessoas elegantes, dizia ella, he a feira de Beaucaire! » Noemi lamentava os bailes de Besançon, nos quaes dansava toda a noite. Concordámos em retirar-nos cedo; porém foi-nos infinitamente difficil ganhar a antecamara. Apenas chegamos ahi, minha avó e eu soltámos um grito de susto: tinhamos perdido minha prima! Depois de a termos procurado muito tempo ella voltou-nos muito espantada, coberta com um capote de casemira vermelha da Algeria, que tomára na falta do seu.

— Ah! exclamou ella, quanto custa atravessar esta multidão! Segui duas mulheres, cujos toucados assemelhavam-se aos seus, e se não fôra um bello homem vestido de preto, que dignou-se de guiar-me, eu estaria perdida!

— Então elle está aqui! disse eu comigo. Vigiava sobre nós.

Depois tive pezar de não tê-lo reconhecido no meio desse tumulto; pois não veio-me ao espirito que esse homem fosse um desconhecido.

Não estavamos ainda no fim de nossas penas; não podiamos achar nossos criados. Sem cavalleiros, entre uma mulher idosa e uma moça estouvada eu não sabia como tirasse minhas companheiras do embaraço. Emquanto deliberavamos, o frio ganhava-nos. Repentinamente um joven pagem de vestuario grego chegou-se á minha avó, e disse-lhe respeitosamente:

— Meu amo ordenou-me que offerecesse sua carruagem á senhora marqueza.

— Quem he seu amo? perguntou minha avó com sorpreza.

— O principe Alpheo Michaelis.

Eu experimentava uma angustia extraordinaria. Essa situação parecia-me tão delicada, que teria querido fugir com risco de voltar para a casa a pé, sem embargo de meus sapatos de setim branco. Minhas companheiras julgaram differentemente.

— Não conheço ninguem com tal nome, disse minha avó ao criado mysterioso; porém já que seu amo digna-se de fazer-me uma proposta tão graciosa, Deos me livre de rejeita-la; pois corremos risco de ser esmagadas á porta deste fatal Casino, ou de gelar-nos sobre a ponte antes de chegar á rua de Grenelle.

A offerta foi, pois, aceita. Na carruagem Noemi fallou dos contos de Perrault e dos principes que ahi soccorrem sempre os infelizes. Minha avó que esquecêra-se do canto dos Hellenos discorria sobre a polidez dos estrangeiros, e sobre a decadencia dos costumes francezes.

— He preciso que eu encontre esse principe em alguma parte para agradecer-lhe, disse ella subindo a escada. Tenho uma idéa vaga de ter ouvido pronunciar seu nome em casa de madama de Larcy. Talvez seja algum de seus rouxinoes. Hei de fallar-lhe a esse respeito. Parece que os Athenienses temse conservado polidos. Depois que os Francezes metteram-se em conquistas, tem tomado todos os defeitos das nações vizinhas.

Com effeito, indo outra vez á casa da bareneza, minha avó contou-lhe sua aventura.

— Oh! isso he bello! exclamou madama de Larcy.

E correndo a chamar o principe, ella no-lo trouxe para apresenta-lo formalmente. Minha avó acolheu-o com agrado, e convidou-o a vir vê-la sem suspeitar que podia ser perigoso admittir no nosso circulo um estrangeiro tão brilhante. Promptamente esquecemos os perigos da idade que não temos mais.

Eis-ahi o principe admittido no nosso velho palacio. Aqui, Branca, minha historia vai assemelhar-se á de muitas outras moças. Em semelhante caso não trata-se de algumas visitas recebidas de tempos em tempos. Conheci a intimidade receiosa, cheia de doces emoções, as esperanças que nunca são enganadas, os silencios mais eloquentes do que palavras, as meias palavras logo comprehendidas. Alpheo vinha a todas as horas: suas maneiras respeitosas, tão differentes daquellas dos moços da época, agradavam muito a minha avó! Elle nos acompanhava muitas vezes ás reuniões, ao theatro, ao passeio, e algumas vezes até aos armazens. Eu abandonava-me com tanto mais delicia a esse attractivo, porque até então meu espirito e meu coração nunca tinham sido satisfeitos. O céo estava aberto sobre minha cabeça, como disse um autor de outr'ora. He mui brilhante e pura, querida filha, essa aurora do amor!

Dous mezes passaram assim rapidamente. Começava o mez de abril quando chegaram madama Braizieux e o filho. Contra seu costume minha tia não aceitou um aposento em casa da sogra, dizendo que já tinha-se alojado com Jorge no hotel Meurice. Accrescentou, que estando ambos anciosos para ir repousar no campo, esperavam que nossa viagem não fosse deferida.

A idéa dessa proxima partida causou-me uma especie de susto. Um iman fortissimo attrahia-me a Paris, e Braizieux, meu Braizieux tão amado! representava-se-me então como a Bastilha ou como as torres de Vincennes. Todavia minha avó consentio com summo gosto nessa proxima mudança. Fatigada dos prazeres do inverno ella aspirava a ver florescerem suas macieiras.

Tudo isso não era de natureza propria para curar-me das prevenções contra minha tia. Achei-a ainda a mesma; ha mulheres que parecem feitas para parar no outono da vida sem terem conhecido primavera ou verão, e sem temerem o inverno. Jorge, então tenente de marinha, estava já homem. Tinha muita simplicidade e distincção em suas maneiras, e physionomia agradavel; mas não achei-o notavel em nada. Elle chegava fóra de proposito, e minha recepção não podia deixar de resentir-se disso.

Tornando a ver-me, o principe reparou na minha tristeza. Mostrou-se mais afflicto do que eu pela noticia de nossa partida.

— Vou tentar o destino, disse-me elle; temo que seja-me contrario. Madama de Larcy trata-me com summa bondade, e consentirá em servir de medianeira para com minha familia; mas não posso livrar-me dos mais sombrios presentimentos.

Animei-me a tranquillisa-lo. Tinha uma confiança absoluta na indulgencia de minha avó.

Todavia quando no dia seguinte madama de Larcy foi annunciada, o coração palpitou-me com violencia. A principio ella dirigio a conversação para cousas insignificantes com a verbosidade estrepitosa e ouca das mulheres frivolas. Fallou da nova opera *Lucia de Lamermoor*, do baile dado por Mr. Hope, do incendio do Theatro Italiano, da corrida da Croix de Beray, da batalha de Constantina, e da sua ultima touca, e até da morte do imperador de Mogol. Minha avó sustentava soffrivelmente esse fogo rolante de palavras; minha tia, que por infelicidade ahi se achava, parecia estar aturdida. Emfim a embaixadora levantou-se, e pedio-lhe um momento de audiencia.

Com que febril impaciencia aguardei o resultado dessa conversação! Respondi com distracção ás poucas palavras que madama de Braizieux dirigio-me. Felizmente Noemi conversou por nós tres.

Quando minha avó voltou ao salão, pareceu-me estar muito agastada.

— Deve-se concordar, disse ella, que quem recebe as visitas de Mma. de Larcy póde supprimir as gazetas. He um livro bom de folhear, porém mui fatigante de ler. Ella sabe a historia do incendio do theatro Italiano como os proprios bombeiros, e conta os sorvetes, e as cadeiras de todos os bailes.

Abaixei os olhos com tristeza. Ah! não critiquemse as pessoas que trazem noticias agradaveis. Essas tem sempre graça e espirito aos nossos olhos.

Depois que minha tia retirou-se, minha avó afastou Noemi sob um pretexto futil, e disse-me com indifferença talvez affectada:

— Aquella pobre baroneza de Larcy he uma mulher excellente; mas tem o grande defeito de querer obsequiar, empregar, casar, ou reconciliar a todos. Ha dez annos apenas que ella queria fazer-me casar com um velho general inglez que morreu de um ataque de cholera em Bourbonne, e que viajava incessantemente entre seu papagaio e seu medico. Adevinhas para que ella veio agora? Foi com a intenção de offerecer-me para ti o principe Michaeli. Ora, minha filha, concordo que o principe he excellente; mas não quero que vás morrer de fome na Grecia, onde parece que elle não possue quasi nada, algumas ruinas talvez por todo o patrimonio, ou algumas economias que permittem-lhe ter uma carruagem de aluguel e luvas. He mui pouco para duas pessoas.

— Oh! querida avó, exclamei eu, não quero mais do que isso; deixe-me ser feliz!

A idéa de um romance começado sem seu conhecimento passou pelo espirito de minha avó, e encheu-a de sorpreza e de indignação.

— Que! disse-me ella, tu me enganavas assim? em quanto eu cuidava sómente em teus prazeres, e em tua felicidade, dispunhas de ti mesma abusando de minha confiança, rindo sem duvida de minha boa fé?

Debalde pleiteei minha causa com calor; minha avó irritada não deu-me ouvidos. Pela primeira vez eu tinha-a offendido profundamente.

— Tua tia tinha razão de censurar minha indulgencia para comtigo, disse-me ella. Agora comprehendo o meu erro.

Tudo era, pois, contra mim, mesmo o amor-proprio dessa segunda mãi, cuja colera até então eu nunca havia conhecido, e que lamentava a autoridade dos pais do antigo regimen, os conventos e talvez tambem as cartas reaes secretas. Minha avó não cuidou que devia ter previsto o perigo de longe, e lançou toda a culpa sobre mim.

Ah! querida Branca, quão afflicta fiquei! quão insupportavel pareceu-me a vida! Animada como era, não tinha aprendido a soffrer e a ceder. Sem coragem, sem energia, recusei sahir de minha camara, e mesmo comer, passei noites sem somno e dias sem repouso. Semelhante estado alterou-me rapidamente a saude já abalada pelas fadigas e emoções do inverno.

A febre veio inflammar-me o sangue. Vi incessantemente minha avó e minha tia a' cabeceira de meu leito. Ellas fallavam em voz baixa com ar inquieto apresentando-me sómente poções amargas. Oh! porque uma mãi vigilante, uma irmãa terna não vieram ensinar-me o caminho abençoado da resignação e da paz!

Pouco depois fui rodeada pelos melhores medicos de Paris. A homeopathia disputou minha cura á velha Faculdade. Receitaram-me sobre tudo o descanso. Minha avó lembrava-se com desespero do fim prematuro de minha mãi que morrera de dor pela perda de meu pai. Os medicos insistiam para que fossem satisfeitos os meus menores caprichos: receitavam-me a felicidade.

Um dia minha avó entrou na minha camara, e abraçou-me mais affectuosamente que de costume. Eu estava insensivel aos cuidados como ao abandono.

— Querida filha, disse-me ella, quero pagar teu restabelecimento pelo preço que te aprouver. Mr. Marjolin diz que eu te envie aos Pyreneos; será o ar de Athenas absolutamente necessario á tua cura?...

Depois accresceutou com emoção:

— Sê feliz a teu gosto, minha filha; seja feita a vontade de Deos!

Lancei os olhos em torno de mim com uma especie de espanto, como um prisioneiro a quem se abrisse repentinamente a porta da masmorra, e que fosse deslumbrado pela luz do dia. Vi junto de mim um bello ramalhete de violetas. Balbuciava, ria, e chorava ao mesmo tempo. Tinha toda a eloquencia da felicidade.

Dessa hora em diante, querida Branca, a doença ficou vencida; a mocidade reconduzio-me promptamente á vida. Todos os dias um novo ramalhete de violetas substituia o da vespera. Minha avó com affectuosa delicadeza achava meio de fallar naturalmente do principe a proposito de bagatellas, como fizera um mez antes; pouco depois conduziram minha poltrona ao salão.

Era um bello dia de abril, tudo tinha um ar de festa para minha primeira recepção. Alpheo esperava-me. Tentei de balde fallar-lhe, e desfallecida estende-lhe somente a mão.

O ar da primavera não chegava assás generosamente á rua de Grenelle, como diziam os medicos; por isso elles enviaram-me a Braizieux. Desta vez cumpri a receita com prazer. Estava mesmo anciosa por partir; mas exigi que o principe nos acompanhasse, pois não podia consentir em nova separação. De balde objectaram-me com a decencia, e com o uso: fui inflexivel.

Tinha o medo medo de um avarento que não quer deixar seu thesouro longe de si. Então minha avó apressou os preparativos do casamento, o qual havia de fazer-se sem pompa na igreja da aldêa. Todavia mandaram chamar as modistas, e consultaram-me sobre o enxoval. Que me importa isso? Eu queria casar-me simplesmente, e não misturar a vaidade com a felicidade.

Durante minha doença minha tia viera todos os dias offerecer seu auxilio á minha avó; porem os cuidados frios e pontuaes de madama Braizieux, seu ar calmo e digno irritavam-me. Eu preferia-lhe mademoiselle Laurente contra a qual tinha ao menos o direito de impacientar-me.

A proporção que minha convalescença adiantou-se, minha tia diminuio suas visitas. Ella vinha acompanhada do filho, o qual frio e distrahido parecia sempre ancioso por deixar-nos.

Concordou-se que partiriamos a pequenas jornadas, minha avó, Alpheo e eu, e que minha prima confiada aos cuidados de Mma. de Braizieux viria reonirse a nós com ella e Jorge na semana seguinte. Noemi prisioneira desde algum tempo ficou mui satisfeita com esse arranjo, que permittia-lhe visitar Paris como provinciana, e de minha parte sua presença ter-me-hia importunado muito. Achei nossa viagem deliciosa. Aspirava com embriaguez de convalescente os perfumes das primeiras flores, tão agradaveis para quem deixa os muros de Paris. Os prados de relva nascente, as sebes floridas, os castellos, as casinhas, tudo parecia-me ter um aspecto novo e encantador: uma viagem tem tantas delicias, quando parece que he a felicidade que ella conduz....

Passamos uma semana deleitosa em Braizieux. Até minhas velhas arvores pareciam-me antigos amigos que participavam de minha alegria. Eu estava ainda debil a tal ponto que minhas queridas companheiras de solidão impunham-me um repouso absoluto. Alpheo lia-me os poemas de lord Byron, as meditações de Mr. de Lamartine, e principalmente as Messenienses de Casimir Delavigne. Elle lia bem, com voz harmoniosa e sonora; demais, quem he que não tem conhecido o poder de uma voz amada? Outras vezes formavamos castellos no ar da Grecia. Tendo uma carta geographica debaixo dos olhos, seguiamos a estrada de Marselha, e pouco depois estavamos prestes a saudar do convez do navio as praias immortaes. Não era na Italia nem na Suissa que haviamos de passar o tempo ditoso do noivado, mas em Athenas. A vida das menores particularidades sobre essa terra que havia de ser minha patria, eu cuidava percorrer antecipadamente as ruas de Eolo, de Minerva, de Hermes; habitar o hotel de Londres, dende goza-se de um bello espectaculo, o monte Hymetto e o Parthenon. Queria ser apresentada na corte da joven rainha Amelia, ufana de ver todos admirarem minha escolha. Nessas ruinas, em que tantos outros tem procurado heroes e deoses, eu esperava empregar meu cuidado em procurar lembranças da França e da mocidade de Alpheo. Minha avó sorrindo reconduzia-nos a Paris ou a Braizieux.

— Tenho visto mais ruinas do que achareis na Grecia, nos diz ella. Se todos soubessem quanto são insipidos e feios os velhos Aristides e os velhos Alcibiades, ninguem cuidaria em sua memoria.

Ah! esse delicioso episodio foi de breve duração. Minha tia e seus companheiros chegaram, e desde então nossa tranquillidade converteu-se em penivel constrangimento.

(*Continuar-se-ha.*)

MUTILADO
ILEGÍVEL

voluntariamente para tocar o seu copo com os dos homens mais grosseiros, toda a bebida um pouco carregada chamava-se, e ainda hoje conserva o nome de Jackson-punch (ponche á Jackson.) Seu nome era o synonymo conhecido de tudo o que representava a força.

He finalmente uma grande figura historica, de que os Estados-Unidos podem com razão gloriar-se, ainda mesmo depois desses oito annos de presidencia. Julgada muito depois, e ao longe, a conducta de Jackson, no governo, dá uma alta idéa de sua capacidade e razão esclarecida. Não houve um só ponto de administração interior nem de politica externa de que não tratasse, e em que não deixasse signal de si. Ainda hoje he facil reconhecer-lhe por toda a parte as obras, diz M. Mich. Chevallier, fallando do general « como he facil seguir o som de uma trombeta, ou a direcção das lavas de um vulcão. »

Tracemos a historia das primeiras phases dessa existencia, que começava a se tornar celebre nos annaes dos Estados-Unidos logo aos quatorze annos de idade. Morrendo Jackson aos setenta e oito annos, pode-se dizer que nos ultimos sessenta e quatro de sua vida não descançou um só momento.

Seus biographos, por causa da extrema veneração que lhe tributavam, não desprezaram cousa alguma para faze-lo conhecido, e colligindo tudo quanto dizia respeito ao Old-Hickory, e podia satisfazer a curiosidade publica. Nem se esqueceram de registrar o numero de libras que pesava o seu heroe!

Seguindo-lhes o exemplo, direi ao leitor que Jackson pesava apenas cento e quarenta e cinco libras, o que forma um verdadeiro contraste com a sua immensa estatura de seis pés e uma pollegada.

Era pois de extrema magreza, mas de um talhe direito. Physicamente parecia delicado, e entretanto, diz M. Eaton, o biographo que nos forneceu estes esclarecimentos, era de tal constituição, que o tornava proprio a supportar as mais duras fadigas, aquellas que nenhuma outra pessoa poderia soffrer por tão longo tempo como elle, e sem que se resentisse do menor incommodo. Era força de habito, adequirido logo nos primeiros annos, como se verá.

M. Eaton, que foi amigo intimo de Jackson, ardente defensor de sua politica, e que fora membro de seu gabinete, traça-lhe os lineamentos, pintando-o com olhos de um azul carregado, coberto de sobrancelhas arqueadas e movediças. A vista de uma vivacidade extrema, tornava-se penetrante e difficil de supportar-se quando algum pensamento o agitava. A cabeça, ossea, e a larga fronte eram cobertas de cabellos espessos e estirados como uma clina.

Tinha maneiras affaveis, mao grado os gestos, o tom imperioso, e a attitude firme e decidida, que lhe attrahiam o respeito e acatamento de quem quer que fosse, mesmo no meio desses intretenimentos familiares, e toque de copos nas tascas, onde ia conversar sobre os negocios do paiz com os homens do povo.

Quanto á moralidade e probidade era elle irreprehensivel. He uma justiça que se lhe tem sempre tributado, ainda quando as paixões politicas chegavam a ponto de lhe contestar e rebaixar os gloriosos serviços. Aquelles, que mais intimamente o conheceram, nunca poderam descobrir um unico acto de sua vida privada que fosse digno de censura.

A claridade era a sua virtude dominante.

« Não conheceu miseria que não procurasse logo soccorrer. »

Penetremos agora na vida aventurosa de Jackson.

III.

Não he difficil conhecer a causa do odio encarniçado que Jackson votou sempre á Inglaterra. Era isto uma herança. Sua familia, orionda da Escocia e ligada á igreja presbyteriana, tinha sido exilada para a Irlanda pelo governo inglez. O avô, Hugh Jackson, era fabricante de pannos, nas circumvizinhanças de Carrickfergus. Tinha quatro filhos, todos rendeiros; o mais moço, chamado André (Andrew), emigrou para a America em 1765 com a mulher e dous filhos, Hugh e Robert. A miseria e a intolerancia politica o tinham expellido da Irlanda. Foi estabelecer-se em Waxhaw, na Carolina do Sul, onde comprou terras e se fez rendeiro.

Foi ahi que nasceu André Jackson, nosso heroe, aos 15 de março de 1767. Seu pai morreu alguns dias depois de seu nascimento.

A viuva ficou sem recursos e com tres filhos. Ella enviou os dous mais velhos ás aulas publicas, e confiou o mais moço, que era André, aos cuidados do doutor Homphries, afim de prepara-lo a receber ordens. André entregou-se com ardor ao estudo do grego e do latim, e fez nestas duas linguas rapidos progressos, segundo o affirma um de seus biographos, M. Kendall.

Mas estes trabalhos pacificos foram inopinadamente interrompidos pela sublevação revolucionaria das colonias contra a metropole.

André Jackson, com oito annos apenas, foi, pois, uma innocente testemunha desse movimento patriotico, e assistio a partida de todos os vizinhos e amigos de sua mãi para o exercito independente.

Em 1779, tendo os Inglezes invadido a Carolina do Sul, todos pegaram em armas. Hugh, irmão mais velho de Jackson, partio de arma ás costas e morreu logo no principio da campanha. Era a primeira divida de sangue que pagavam os Jacksons a essa nova patria, que iam conquistar aos Inglezes, oppressores até então de sua familia. Deu-se logo depois uma batalha nos arredores de Waxhaw, onde os Americanos soffreram uma derrota. Transportaram-se os mortos e feridos a Waxhaw, e Jackson, com treze annos de idade, presenciou o espectaculo dos horrores e calamidades da guerra. Os gritos de vingança, que de todos os lados se ouviam, exaltaram-lhe a imaginação. Ao mesmo tempo do fundo do coração uma voz lhe vinha recordar o irmão morto pelos mesmos, que acabavam de juncar os plainos de sua aldeia de cadaveres e de soffrimentos.

Tomou immediatamente uma resolução. Partio com seu irmão Robert, e foi reunir-se a um corpo de voluntarios, destinado a obrar debaixo das ordens do general Sumter. Apenas chegado ao campo, Jackson assistio a um sanguinolento combate em Hanging-Rock. A companhia de que fazia parte foi muito dizimada.

Isto se passava em julho de 1780. Jackson contava treze annos e meio, e nessa idade tinha ja visto morrer um irmão, mais de trezentos de seus concidadãos mortos e feridos, e experimentara o fogo do inimigo.

Em razão de sua tenra idade, os dous irmãos Jacksons, André e Robert, tendo o ultimo, quando muito, quinze annos, não poderam ser alistados em nenhum corpo regular de milicias. Depois de ter assistido a varios combates, e approximando-se as tropas inglezas á marchas forçadas de Waxhaw, que ameaçavam invadir, vieram ambos reunir-se a sua mãi para conduzi-la a Carolina do Norte. Quando voltavam para o exercito foram feitos prisioneiros.

Não he raro ver extinguir-se no captiveiro a energia dos mais corajosos soldados. O enthusiasmo alimenta o espirito nos combates, emquanto que a fria atmosphera de uma prisão e o insultante triumpho do inimigo trazem o desanimo ao coração. Este phenomeno, frequente nos homens feitos, poderia mais facilmente reproduzir-se em dous jovens pouco aguerridos. Não aconteceu, porém, assim; os dous pequenos Jacksons mostraram naquella terrivel conjunctura uma firmeza de caracter, que fazia augurar bem de um e de outro.

Certo dia, passando revista um official inglez, ordenou á André, que limpasse suas botas, cobertas de lama. O joven americano respondeu com tal altivez e desprezo a este insulto, que o official, puxando pela espada, lhe fez uma profunda ferida no braço. Outro official ferio o irmão de André, fazendo-lhe tão violento golpe na cabeça, que partio o craneo, de que veio, pouco tempo depois, a resultar a morte do pobre moço.

André e Robert foram transportados a Cambden, onde supportaram com a maior coragem e heroica resignação as dores de suas feridas, e para cumulo de males foram atacados das bexigas, que então causavam grandes estragos. Finalmente, em consequencia da troca de prisioneiros, foram elles restituidos a sua desgraçada mãi no mais lastimoso estado. Robert só viveu dous dias depois de sua soltura. Quanto á André, passou-se muito tempo antes que se restabelecesse da ferida e da doença. Apenas convalesceu, que sua mãi succumbio aos ataques de uma febre perniciosa, adquirida a bordo de um batelão em Charleston, onde tinha ido para tratar e consolar varios amigos, que tinham cahido prisioneiros, como os seus dous filhos.

M. Kendall, o biographo que ha pouco citei, faz observar o seguinte:

Todos os membros da familia Jackson, que tinham fugido da Irlanda, por evitar a oppressão dos Inglezes, pereceram em sua nova patria, em consequencia dessa mesma oppressão. André, que era o unico filho nascido nos Estados-Unidos, como se ha de o leitor recordar, foi tambem o unico que sobreviveu a todos os infortunios porque passou « para ser o vingador de sua raça. »

Na conclusão da guerra da independencia, na qual se achou envolvido até o fim, Jackson estava só no mundo, na posse de uma pequena propriedade de pouco valor, e sem conselheiro para guia-lo. Aconteceu então o que soe acontecer no fim das longas guerras; os primeiros momentos de paz e de calma, foram cheios de indecisão. Os espiritos, e sobretudo os inexperientes, como que ficam desorientados e incertos do trilho que devem seguir. A ociosidade lhes pesa. Habituados á actividade ruidosa dos campos de batalha, não podem acostumar-se subitamente á paz, e he quasi uma necessidade para elles procurar nas emoções da desordem, alguma cousa que lhes recorde os— alerta!—e os — quem vem la'?— continuos do campo de batalha.

Jackson sentio esses dissabores dos primeiros tempos, e lançou-se cegamente, em companhia de alguns libertinos, n'uma vida desregrada. Os duelos, soccos e espadeiradas eram o seu viver continuo. Nestes loucos desmandos de sua mocidade adquirio elle o arrebatamento de caracter, e essa impetuosidade que mostrou em todas as cousas. Póde-se facilmente crer nisto, lembrando-se de dous ou tres factos que ja' referimos da infancia de Jackson.

Entretanto elle bem depressa renunciou essa miseravel existencia, rompendo corajosamente com os seus habitos de depravação, e emprehendeu, com o ardor que lhe era proprio, o estudo das leis. Tinha neste tempo (1784) dezoito annos. Dous annos depois prestava todos os exames e recebia o seu diploma. Foi então nomeado, sem o haver pedido, para o cargo de advogado geral (solicitor) no districto ao oeste da Carolina do Norte, o qual veio depois a formar o Estado de Tenessee.

Neste posto tinha elle tantos ou talvez mais tiros a trocar com os Indios do que requerimentos a fazer. Foi esta a causa porque se deu um tal lugar a Jackson, mas elle por sua parte não deixou passar muito tempo sem provar quanto a escolha do governador da Carolina tinha sido intelligente e acertada. Era difficil reter o solicitor em sua séde de Jonesborough; elle estava quasi sempre á frente dos roteadores do Cumberland-River, fazendo uma caça rude aos Indios; porem ao mesmo tempo organisando o paiz e preparando sua rapida prosperidade. Conta-se que, no espaço de alguns mezes, fez elle vinte e duas viagens atravez das solidões de duzentas milhas que separam Jonesborough de Cumberland-River.

Em uma destas expedições (1794) Jackson, á frente de muito poucos homens intrepidos, derrotou uma grande partida de Indios e arrasou completamente a principal de suas aldeias, chamada Nikajack e situada nas margens do Tennessee. A bravura de que deu tantas provas nesses diversos conflictos tornára popular o seu nome entre os Indios, que o temiam e respeitavam. Elles davam-lhe os dous appellidos de Sharp-Knife (cutello afiado) e de Poented-Arrow, (flécha pontuda.)

Sua reputação começou nesta época, porque os roteadores do Tennessee, a quem prestava assignalados serviços, o consideravam como um Deos, e faziam circular suas altas proezas acompanhadas de pomposos elogios.

Era assim que o magistrado preludiava os futuros destinos do general.

IV

Jackson previra a prosperidade do territorio de Tennessee, simples districto então e mais tarde um dos poderosos Estados da União.

Tennessee, situado no Far-West, cuja fecundidade e immensos recursos deviam em pouco tempo augmentar a importancia da Confederação Americana, offerecia particular attrativo aos emigrados da Europa, que ja começavam a tomar o caminho da America, e aos dos Estados Vizinhos, apresentando as riquezas de um solo ainda coberto de prados e florestas, mas todo cortado de rios e cuja vegetação sobre-excedia á de todos os outros Estados.

A rapida agglomeração de individuos de habitos, caracteres e origens diversas, dando provas de uma independencia e intrepidez pouco communs, fortes de corpo e de espirito, como era mister para os trabalhos que tinham de emprehender, e para os perigos a que estavam expostos, disseminados sobre pontos isolados, sem vias de communicação e consequentemente sem laços sociaes; esses individuos assim agglomerados, digo, formavam no solo americano dos Estados-Unidos uma raça nova, excepcional— a raça dos homens do Occidente.

Conservou-se alli por muito tempo um typo semi-selvagem, original ainda hoje e muito distincto do resto da população dos Estados-Unidos, posto que os seus costumes se tenham tornado mais brandos. Tudo alli era *sui generis*, nada tendo de commum com os Estados do Norte, do Oriente, ou do Sul.

Estas observações eram indispensaveis, para que o leitor podesse formar uma idéa exacta dos meios empregados para a realisação de certos factos, que pretendo referir.

Não admira que Jackson, tendo concorrido para a formação dessa sociedade singular e passando no meio della os primeiros annos da mocidade em que as impressões são mais faceis e profundas, se resentisse do caracter que a ella era peculiar; tanto mais quanto era elle o heroe desse novo mundo.

Para se mostrar mais digno deste papel importante, tinha elle sido levado a exagerar aquelles habitos excentricos, mormente os mais notaves, afim de melhor garantir sua posição. Nem para isto lhe era necessario contrafazer a natureza, que só por si era capaz de inventar esses costumes extravagantes. Amoldou-se pois a elles com somma facilidade. Era a todos os respeitos digno do enthusiasmo desses homens extraordinarios.

Jackson, que, como disse, entrevira o futuro do Tennessee, tinha resolvido estabelecer-se na região em que se acha hoje edificada a cidade de Naskille. Foi pois assentar ahi sua residencia, e como era solteiro (bachelor) e de genio instavel, que contrastava com a idéa de mobilia e de casa, hospedou-se na habitação de uma senhora chamada Denelson, viuva de um coronel desse nome, emigrado da Virginia.

A senhora Donelson tinha uma linda filha, cuja graça e affabilidade eram de encantar. Casou-se com certo capitão Robards, velhaco rematado, de costumes dissolutos e que tinha-lhe um tal ciume, que tocava ao ultrage. A Sr.ª Robards, abandonando-o fôra refugiar-se á principio no lar materno depois de intentar uma acção de divorcio perante o corpo legislativo da Virginia.

Emquanto o processo seguia os tramites legaes, e em virtude da impressão que ella não ignorava ter produzido em Jackson, se tinha retirado para a casa de uma sua parenta em Natchez, no territorio do Mississipi.

Algum tempo depois soube-se que a questão de divorcio fôra recebida pela legislatura de Virginia. Jackson dirige-se immediatamente a Natchez, pede a mão da Sr.ª Robards, desposa-a (1791) e volta para Cumberland.

Dous annos de verdadeira felicidade, apenas perturbada uma ou outra vez pelas cabeçadas de Jackson, se tinham passado depois da sua união, quando no fim do anno de 1793, soube elle que, na occasião em que se casara, ainda o divorcio entre o capitão Robards, e sua mulher não tinha sido pronunciado pela legislatura da Virginia.

Essa legislatura, tendo admittido a petição, reenviara a questão ao tribunal de justiça do Kentucky para ser ahi julgada. Lá, depois de muitas delongas, a Sr.ª Robards acabava havia apenas alguns mezes, de ganhar definitivamente o seu pleito.

Vê-se, pois, que Jackson desposara uma mulher, cujos primeiros laços conjugaes não estavam definitivamente dissolvidos no momento de sua união.

Um facto desta natureza teria sido considerado monstruoso em nossa sociedade, ou mesmo impossivel. Elle se explica, todavia pela estranha situação em que se achavam os Estados-Unidos nessa época, e indica, quando menos, a irregularidade se não a desordem profunda da organisação administrativa do paiz. Jackson vio-se conseguintemente obrigado a casar-se de novo para legitimar por uma nova ceremonia a união involuntariamente illegitima durante dous annos.

Deixando Jackson a magistratura em 1794, deu-se ao exercicio da advocacia com especial fervor; e, direi mesmo, com energia e coragem extraordinarias.

Estas expressões serão facilmente justificadas sabendo-se que, encarregado do ajuste de certas contas, não teve duvida em expor-se não só a colera mas ao odio e aos violentos ataques dos devedores. Teve de lutar varias vezes contra cavilosas machinações, que lhe punham em perigo a existencia.

Comprehende-se muito bem que não eram cousas destas que lhe embargavam o passo. Depois de ter quebrado alguns braços e pernas com outras armas, que não as da lei, levou sua empreza ao cabo, triumphando dos tumultos e dos ataques directos, e fazendo entrar na bolsa de seus clientes o dinheiro que se lhes devia, manchado de sangue, he verdade, mas não por sua causa. Tinham-no forçado a isso.

O Tennessee tinha feito ja tão rapidos progressos em 1795, que se achava em circumstancias de occupar a cathegoria de Estado. Tratava-se, pois, de organisar uma constituição e angariar votos em apoio da admissão desse territorio como Estado da federação com o seu novo titulo. Os amigos de Jackson nomearam-no membro da commissão encarregada do trabalho de redigir a constituição, e, admittido o Tennessee, foi eleito seu primeiro representante no congresso, onde tomou assento a 5 de dezembro de 1796 conservando-se até março do anno seguinte em que expirou o seu mandato.

Pouco tempo depois foi eleito membro do senado, de cujo cargo pedio demissão, tendo apenas tomado assento e servido em uma sessão.

He para notar-se que Jackson nessa epoca levasse a sua abnegação ao ponto de não querer figurar na politica e nem achasse prazer nisso.

Durante a sua curta passagem na camara dos representantes e no senado, não pronunciou um só discurso, limitando-se apenas a dar sempre o seu voto de accordo com o partido democratico contra a administração de Washington, que terminava e a de John Adams, que succedera aquella.

Recolhendo-se a vida particular, entregou-se com mais ardor ao estudo theorico e pratico das leis. Sua popularidade no Tennessee, diz um dos seus biographos, era igual senão maior que a de outro qualquer cidadão na America.

Nomeado membro do supremo tribunal de justiça do Estado, exerceu por pouco tempo esse cargo, e demittio-se, decidido a retirar-se a vida privada, por causa do mau estado de sua saude.

O theatro em que Jackson se tinha até então mostrado, era demasiadamente acanhado; a reputação extraordinaria de bravura que tinha adquerido era o resultado de muitos actos isolados de coragem, e de serviços prestados exclusivamente a causa publica. Os cargos pouco importantes que exercera, e o pouco tempo que estivera na gerencia de negocios publicos, haviam-lhe, todavia, attrahido algumas inimisades.

Entre os mais encarniçados inimigos contava elle o governador do Estado de Tennessee, chamado Sevier.

Em consequencia de uma discussão calorosa entre Jackson e Sevier trocaram-se carteis de desafio. Os dous adversarios montaram immediatamente a cavallo, sem mais formalidades, e se dirigiram ao campo munidos de pistolas. Sevier levara além disso uma espada e Jackson uma longa canna, que levara na mão em guisa de lança.

Chegando ao lugar indicado, Jackson esporêa o cavallo, carrega sobre seu adversario e com tal impeto, que aquelle não pode resistir ao choque, indo lançar-se por terra. Jackson ia quebrar-lhe o craneo no momento em que chegaram as testemunhas dos dous contendores e lhe suspenderam o braço.

Conflictos desta ordem eram frequentes na vida de Jackson, e estavam em harmonia com os costumes do paiz, e, salvo certas particularidades, com os de quasi todos os povos da America.

Conta-se delle um outro duelo, quasi em iguaes condições, posto que revestido de circumstancias muito mais graves. Jackson, depois de ter trocado com o coronel Benthon algumas palavras offensivas, concordou em um encontro. Benton, sabendo quanto seu adversario era impetuoso, hospedou-se em um hotel de Nashville differente daquelle em que Jackson se achava alojado.

Este, sabendo de uma tal circumstancia, dirige se ao hotel, acompanhado de dous amigos e annuncia-se logo disparando um tiro de pistola na hombreira da porta. O irmão de Benton, que alli se achava, retribuio-lhe immediatamente: então travou-se, no estreito espaço de uma camara, uma verdadeira batalha, onde correu o sangue em abundancia.

Aos tiros de pistola succedem o punhal e o cutello. O coronel Benton recebeu duas graves feridas, e Jackson, por sua parte, tambem ficara summamente maltratado. O irmão de Benton, lançado por terra, estava a ponto de succumbir, quando um dos habitantes do hotel chegou para salva-lo de uma morte certa, pois que, vendo-se assim, ia ja descarregar no peito de um dos adversarios um tiro de pistola, com o fim de morrer mais depressa.

Eis ahi costumes, dira' com razão o leitor, bem singulares! Devo dizer que estas especies de duelos se davam, como acabo de referir, em uma epoca em que os habitantes do Oeste iam a igreja armados de mosquete; em que, por uma simples palavra mal comprehendida, mal enterpretada, n'uma mesa redonda se cruzavam os tiros de pistola com detrimento dos visinhos que pagavam as vezes pelos culpados.

Felizmente ja la' vai esse tempo. He facil com todo explicar-se a existencia de taes costumes em uma sociedade constituida como o foram os Estados do Oeste.

Com formas um pouco mais polidas e menos brutaes se deram, e ainda se dão os duelos em todas as partes da America, com pouca differença. Assim, acontece muitas vezes que dous adversarios se acham n'um campo, armados de arcabuzes e dão-se caça, como teriam feito a um animal feroz. Um dos meus melhores amigos foi morto n'um duelo em Martinica, ha 15 annos, ao quarto tiro trocado com seu adversario, os dous primeiros de fuzil, a 30 passos, de costas voltadas e girando sobre os calcanhaes para se achar face a face ao dar-se o signal. Os adversarios, não se tendo ferido, continuaram o combate a pistola na distancia de oito passos. Trocaram-se assim cada um delles duas balas.

Conheci tambem um medico, que n'um duelo de espada, recebeu quatorze feridas e fez dezesete em seu adversario, e isto ha doze annos, nas Antilhas, entre francezes perfeitamente civilisados e de costumes polidos.

Esta especie de combates são como que um objecto de publico espectaculo. Não se chama quatro testemunhas para assistir a elles; convidam-se algumas vezes duzentas, trezentas, ou quinhentas pessoas. Não se busca lugares apartados e occultos; o campo escolhido he umas vezes o jardim de um amigo e outras o salão do theatro, como succedeu em 1846 em Nouvelle-Orleans.

Para terminar as proezas de Jackson, cujo numero he incalculavel, direi que, em um duelo, que teve com o Sr. Charles Dickson, feito e executado desta vez com toda a regularidade, foi elle ferido gravemente. Dickson, tendo sido o primeiro a atirar, firio a Jackson no peito, quebrando-lhe a bala duas costellas, o que o fez cahir instantaneamente; mas levantou-se logo depois, e disparando por sua vez, ferio mortalmente a Dickson, que expirou pouco depois. Jackson levou muito tempo primeiro que se restabelecesse completamente, e como era conhecido o seu modo de proceder nesses combates, causou grande espectação a morte do seu adversario, tanto que foi necessario que as quatro testemunhas redigissem um documento e subscrevessem, justificando plenamente a sua conducta.

V.

Em 1802 foi Jackson nomeado major-general do exercito do seu Estado. Desde então o seu destino mudou-se completamente. Estava porem escripto que na vida deste homem original, nada succederia regular e simplesmente. Este posto, que foi a origem de sua futura felicidade, elle o veio alcançar por um acaso. A dignidade de general de milicia era dada por uma eleição de officiaes. Jackson e esse mesmo Sivier, a quem elle lançara fora da sala no duelo a cavallo, obtiveram o mesmo numero de votos. Nestas circumstancias, foi designado para o posto um individuo, de nome Roane; mas este offereceu demittir-se, sob a condição de que Jackson fosse nomeado em seu lugar. Esta transacção foi admittida.

A brilhante carreira de Jackson teria de certo abortado, se Roane conservasse o seu posto.

Nessa época temia-se algumas difficuldades com a Hespanha, proprietaria da Florida, e de uma parte do territorio de Luiziana, de que os Estados-Unidos acabavam de comprar a porção pertencente á França. A milicia do Tennessee (1803) foi posta em pé de guerra e o general Jackson recebeu ordem do ministerio da guerra para preparar os meios de transportar suas tropas para Nouvelle-Orleans. A actividade que desenvolveu nesta conjunctura revelou capacidades militares, que, mão grado sua coragem e arrojos, não se podiam esperar de um jurisconsulto. Jackson resignou então o lugar de juiz, que exercia havia seis annos (1804).

Estou persuadido de que o leitor não poderá facilmente conciliar, depois do que já sabe da vida de Jackson, esse caracter emprehendedor, cavalheiresco, fogoso e excentrico com a placidez e gravidade do magistrado.

Com effeito, Jackson era bem pouco proprio para exercer o cargo de juiz. Seu modo de raciocinar lhe não permittia procurar o verdadeiro sentido da lei. O labyrintho e os subterfugios dos codigos e legislações eram-lhe inaccessiveis. Algumas vezes dirigia-se directamente ao fim. Como advogado nas causas criminaes, fazia elle do negocio de seu cliente o seu proprio, o que dava em resultado, não poucas vezes, bellos rasgos de eloquencia. Como juiz, as sentenças que proferia faziam-se notar por uma simplicidade e clareza sem emphase nem pretenção.

Kendall, fazendo esta mesma observação sobre a conducta de Jackson como jurisconsulto, accrescenta, que sua retirada não foi bem recebida senão por aquelles que temiam-lhe a justiça, entretanto que excitou grande descontentamento na maioria de seus concidadãos.

Jackson tinha nessa época uma pequena fortuna honrosamente adquirida. Retirou-se para sua propriedade de *Ermitage*, aguardando, n'um repouso que desejára, os acontecimentos que o futuro lhe preparava; applicando-se com ardor a' agricultura e a' picaria, tendo mesa sempre prompta para seus amigos, e offerecendo-lhes uma franca e cordeal hospitalidade. Podia entregar-se ao repouso, porém não o fez pela antipathia que votava a' inercia. Foi precisamente durante este periodo de pretendido retiro, que elle teve com Dickinson o duelo de que acima fallei. Tambem se passou neste tempo uma aventura assás mysteriosa, que produzio grande impressão nos Estados Unidos, e na qual, com a maior ingenuidade e boa fé, Jackson representou nada menos que o papel de traidor, sem o saber. Para prevenir qualquer juizo da parte do leitor, direi antecipadamente que Jackson esteve a ponto de tornar-se complice de uma notavel conspiração.

VI

O general Jackson tomou conhecimento, quando fazia parte do congresso, com o coronel Aaron Burr, vice-presidente da União, sob a primeira administração de Jefferson, de quem fôra competidor a' presidencia. Aaron Burr, cuja audacia não era menor que a ambição, que lhe devorava a alma, vendo que Jefferson lhe fôra preferido, irritou-se a ponto de patentear por actos o desgosto que lhe causára essa derrota. Apresentou-se depois como candidato ao lugar de governador do Estado de New-York; mas o general Hamilton, que o tinha por um intrigante politico, combateu-lhe fortemente a candidatura, e de feito conseguio malogra la. Aaron Burr, vivamente irritado por este novo contratempo, enviou ao general Hamilton um cartel de desafio. Hamilton, cuja morte foi uma calamidade para o paiz, onde era um dos homens mais estimados, apezar das instancias dos amigos, compareceu no logar indicado e ahi pereceu. Aaron Burr vio-se de tal sorte perseguido pela animadversão publica, depois deste incidente, que se retirou da scena politica, e por muito tempo esteve esquecido. Mas, retirando-se, concebêra elle um ousado plano, que não tardou muito que o não pozesse em execução. Em 1805 visitou o Occidente, e annunciou sua intenção de ahi compar terras e na Louisiana. Apresentou-se em casa do general Jackson, que o acolheu amigavelmente, e prestou-se de todo a seu serviço, com especialidade depois que ouvio dizer, que viera elle com approvação do governo, tomar as necessarias medidas para uma expedição contra o Mexico, no caso de que rompesse a guerra entre a Hespanha e os Estados-Unidos. Jackson, a quem por demais agradava esta noticia, adjudou o seu hospede a executar todos os planos, relacionou-o com pessoas seguras e bastante discretas para guardarem o segredo até a occasião opportuna, e que por si mesmo se empenharam na futura empreza de Aaron Burr. O proprio general prestou-lhe um barco para a exploração do Cumberland.

Aaron Burr, que em suas Memorias faz a Jackson os maiores elogios, descrevendo-o como homem de alta intelligencia—« uma dessas almas francas e ardentes como se deseja encontrar »—: Aaron Burr, digo, voltou ao Occidente no anno seguinte. Alguns boatos vagos chegaram aos ouvidos de Jackson acerca dos designios de seu hospede, o qual todavia encontrou o mesmo acolhimento sympathico; e como prescrutasse vaga e subtilmente a intenção e animo do general, este lhe respondeu que, se as circumstancias permittissem, estaria prompto a marchar com elle contra o Mexico, encarregando-se mesmo de lhe fornecer tropas, mas previnio-o de que romperia com elle todas as relações, se se tratasse de alguma tentativa contra os Estados-Unidos. Fallando assim, Jackson lançou sobre o seu interlocutor um daquelles olhares penetrantes de que falla o biographo Eaton, que intimidavam e desconcertavam.

Aaron Burr, depois de ter guardado silencio por algum tempo, protestou energicamente contra uma tal supposição. Alguns dias depois Jackson, melhor informado e tendo concebido mais vivas suspeitas do coronel, cortou com elle todas as relações. O plano de Burr começava a fazer-se conhecido. Sua intenção era sublevar os Estados do oeste e do sul, convida-los a uma separação, constituir com elles um imperio do qual se fazia o chefe e depois atacar a republica dos Estados-Unidos, que o não quizera eleger presidente e nem mesmo governador do Estado de New-York! No caso de que lhe fosse difficil realisar este plano, atacaria Nova-Orleans, apoderar-se-hia dessa cidade, que havia pouco tempo se submettera aos costumes e idéas americanas, e marcharia depois á conquista do Mexico. « O homem que se persuadia poder effectuar um tal projecto com elementos americanos, » escrevia Jefferson em 1807, (2)—» não merece senão um lugar em Bedlau. »

Jackson, poucos dias depois da resposta clara e cathegorica que dera ao coronel, recebeu ordem do ministro da guerra para levantar tropas, oppor-se á suas criminosas intenções, e prende-lo immeditamente; mas quando lhe chegaram os esclarecimentos ja' o coronel havia partido, descendo pelo Cumberland e Mississipi. Jackson, a frente de doze companhias de milicias vai-lhe no encalço e o alcança; o coronel tinha apenas em sua companhia doze pessoas desarmadas. Talvez que a disciplina militar e a responsabilidade tivessem levado Jackson a executar as ordens recebidas; mas a prisão de um homem por simples prevenção, bem como a daquelle cujo delicto não he flagrante, e a liberdade de um cidadão são cousas tão melindrosas e sagradas nos Estados-Unidos, que Jackson hesitou. Dispersou a milicia e deixou que Burr continuasse sua viagem, expedindo ao governo um relatorio dos factos, no qual expunha a situação em que encontrara o coronel. Recebera ordem de prender um culpado, um conspirador, mas encontrara um homem desarmado, inoffensivo, viajando com seus amigos.

Algum tempo depois foi preso Burr, conduzido a Richemond (na Virginia) e accusado de traição contra os Estados-Unidos. Tratava-se de saber se Jackson deveria ser considerado complice e preso, como duas vezes o fôra o general Wilkenson injustamente accusado; mas por fim limitaram-se a reprehende-lo fortemente. E, na verdade, Jackson nada sabia, e não tendo recebido confidencia alguma de Aaron Burr, declarou que, se fosse chamado para testemunha, deporia em favor do accusado, porquanto a seus olhos a conducta do coronel não tinha merecido censura; que, se algumas desconfianças concebera a seu respeito, foram-lhe ellas suggeridas por boatos sem fundamento. Burr, tendo sido posto em liberdade em virtude de fiança, não assistio ao processo e foi todavia absolvido.

Na citada carta de Jefferson, acrescenta elle acerca do projecto de Burr—« nenhum crioulo, nenhum americano tomou o partido deste homem; seus partidarios eram novos emigrados e pessoas demais que fugiam á acção da justiça, ou de seus credores, aventureiros e especuladores de toda a especie.—»

Burr, que tivera occasião de aquilatar, em suas relações com Jackson, a nobreza e energia do caracter deste, mostrou-se muito commovido por sua declaração favoravel, e conservou-lhe sempre a mais cordeal affeição. Não fallava no general senão com enthusiasmo, e foi o primeiro que, sem o consultar, apresentou-o candidato a presidencia em 1815.

VII

Jackson, sem abandonar a agricultura, interessou-se tambem em um estabelecimento commercial em Nashville.

Emprezas desta ordem eram inteiramente oppostas ao caracter do general, o qual tanto reconhecia isto, que senão quiz ingerir em cousa alguma, depositando toda a sua confiança em seu socio. Este, tão mal correspondeu a ella, que Jackson se vio em pouco tempo sobrecarregado de consideraveis dividas. Pagou-as todavia a' troco de muitas economias, e com o producto de parte de seus bens, que se vio forçado a vender para esse fim. Graças, porém, a sua natural actividade em breve se achou em uma posição vantajosa.

O movimento, o estrepito e as grandes acções eram decididamente o que mais convinha a' sua natureza.

Qualquer que seja a face pela qual se pretenda encarar a guerra de 1812 entre a America e a Inglaterra, pode-se dizer que Jackson foi o seu motor. Essa guerra, declarada por um acto do congresso, datado de 12 de junho, era um motivo de satisfação para Jackson, que desejava ser nella empregado. A fallar a verdade, posto que ninguem lhe pozesse em duvida a coragem, sua capacidade militar, como general do exercito, ainda senão tinha podido manifestar de modo a dar garantias.

O congresso, pelas deliberações de 6 de fevereiro e 6 de julho de 1812, autorisara o presidente a aceitar os serviços de 25:000 voluntarios. Jackson, aproveitando a occasião de occupar um lugar importante, fez um vigoroso appello ás milicias de sua divisão, arrolou 2:500 voluntarios e se apresentou ao governo, do qual recebeu ordem de se dirigir para o sul, afim de se defender esse lado do paiz, que se julgava em perigo de ser atacado fortemente.

Em janeiro de 1813 desceu o Ohio e o Mississipi, arrostando as neves, os gelos e todas as contrariedades de um rigoroso inverno para se ir estabelecer em Natchez, onde deveria receber instrucções. Ainda se não vio, diz Eaton (vida de Jackson), exercito mais cheio de energia, graças sobre tudo a' seu general, que o não abandonava, partilhando com os soldados todos os soffrimentos e privações, e communicando-lhes a alma o mesmo ardor de que se achava animado.

Esta campanha terminou por uma decepção, e quasi que o ridiculo teria recahido sobre o general Jackson, se este, com risco seu, não tivesse sabido tomar certas medidas que lhe pozeram em relevo o caracter energico e independente. O sul dos Estados-Unidos, que parecia ao principio ameaçado de um ataque violento, subsistio ao contrario inteiramente extranho a' guerra; e o governo, não julgando necessario entreter tropas ahi inutilmente, mandou que Jackson as debandasse, permittindo aos soldados o retirarem-se para seus lares, e que prestasse contas ao general Wilkinson. Foi isto, pois, como ja disse, uma decepção e uma especie de mystificação para Jackson.

Escapou a uma tal contrariedade, tomando na mais seria consideração o deploravel estado de sua tropas, das quaes duzentos homens se achavam doentes no hospital e o resto em um estado de nudez, que não permittia a mor parte destes infelizes voluntarios buscar suas casas; teriam sido talvez obrigados a engajarem-se nos corpos regulares do general Wilkinson. A conducta de Jackson nesta conjunctura, posto que de todo contraria a disciplina, servio para mostrar de quanto era elle capaz, e grangeou ao mesmo tempo a confiança e amizade dos soldados. Não obstante as instancias e até mesmo as ordens do general Wilkinson, Jackson resolveu contrariar as instrucções do ministro da guerra, ao menos o que dizia respeito á immediata dispersão dos voluntarios. Poz-se a caminho para Tennessee, mas á frente das tropas, que não debandou, continuando a dar-lhe o exemplo de paciencia e resignação para supportar toda a sorte de privações.

Foi ao entrar em Nashville que despedio os voluntarios, depois do que explicou ao governo o seu procedimento, o qual por fim o approvou. As despezas dessa volta, de que a principio se disputara o pagamento, allegando que estavam a cargo do general desobediente, foram assumidas pelo governo.

Jackson devia porem offerecer logo depois outros exemplos de desobedencia, e da resolução de obrar, até certo ponto, segundo os caprichos e phantasia. Entretanto retirou-se de novo a vida privada, posto que não fosse este repouso de longa duração.

(*Continuar-se-ha.*)

(2) Carta ao marquez de Lafayette de 14 de julho de 1807.

PERNAMBUCO.

PAGINA AVULSA.

BOM DIA!

— Com a chegada do Sr. Dr. Almeida da Europa, o hospital portuguez tem de tomar um grande impulso, visto que S. S. veio com disposição de levar a effeito o que tem planejado a favor desse estabelecimento.

Temos notado que o Sr. Dr. Almeida interessa-se vivamente para que floresça quanto ser possa tudo que diz respeito nesta provincia aos cidadãos portuguezes, o que em verdade he digno de todos os elogios, tanto mais quanto prende em tudo o desinteresse, e só o amor que S. S. consagra a sua patria, e sympathias que vota a nossa terra. No dia 19 do corrente tomou o Sr. Dr. Almeida conta da provedoria do hospital portuguez, apresentado nessa occasião a junta administrativa o alvará' authographo pelo qual S. M. el-rei Dr Pedro V se declara protector do hospital portuguez. Consta-nos, porém, que S. S. não esta' muito satisfeito em ter de ficar junto a antiga fabrica de vinagre, o edificio e terreno comprado para o novo hospital portuguez, o deposito do gaz, pelos inconvenientes que acarreta o acido carbonico, principalmente tão em contacto com doentes; todavia he bem provavel que tudo se remedie, sem haver prejuizo nos interessados.

— Em breve temos de ver as bellas calçadas das casas do Sr. Araujo na Ponte Velha completamente arruinadas, porque os meninos pretos que vão lavar os cavallos dos senhores (salva a redacção), não só correm como alucinados pelo areal como por cima das calçadas. Commummente as familias que habitam essas casas estão para o interior dellas, e não podem pôr cobro a esse desaforo.

— Se não querem dar esmolas aos mendigos não os ridicularisem, porque — a sorte deste mundo he mal segura —; elles se contentam com o costumeiro — perdoe.— Esses insultos são proprios de canalhas que desconhecem o que seja civilidade, sisudez, e compaixão, e não de moços *bonitos* que devem ter muito em mira esses principios, alguns alias tão comezinhos que regem as sociedades.

— Entendemos ser prudencia em quanto a policia não verificar cabalmente donde partio o ataque que soffreu a escolta que conduzia um preso para esta cidade, no Genipapo, não se aventurar juizo algum contra este ou aquelle; muitas reputações tem soffrido por juizos precipitados e temerarios; ha espiritos tão essencialmente amigos dos males, e discredito alheios, que aspiram por qualquer nova desagradavel para se regosijarem e darem largas a maledicencia: *modus in rebus*.

— Deixem essa pobre corcundinha, meus amigos; *Deus fecit nós*: não devemos zombar dos defeitos de ninguem, porque, se as vezes somos bem formados do physico, temos um moral tão *corcundo* que mette medo e assim deixem a corcundinha.

— Ainda não vimos, mas dizem, que a estrada do Mondego torna-se em trevas logo as 9 horas.

— Ainda não he chegado o Sr. João Caetano, e ja nos consta haver quem queira especular com os camarotes e cadeiras! Valha-nos Deos ...

— Não sabemos se sera' certo, mas dizem que se vendem bilhetes das loterias da côrte em carteiras pelas portas: la vai como nos disseram, e a ser verdade parece que a policia deve tomar em consideração, e averiguar quem a tanto se arrisca, e compromette; como desejamos que *alguem* não soffra por ahi algum incommodo, por isso dizemos —xô— que he para não ser pilhado com a bocca na botija.

— Parece que este anno a nossa aristocracia, e bom gosto affluira' para o Beberibe, por que dizem que ja não ha alli uma casa para alogar. Com effeito, essa pittoresca povoação sempre ha de ser desejada pelos seus *getidos* banhos e pureza climaterica. O Poço parece que vai caducando, sempre, porém, cioso de sua antiga *nobiliarchia*.

— O vapor «Paraná», sahido hontem deste porto, levou a seu bordo os seguintes passageiros:

Tenente Pedro Thomé de Castro e Araujo e um criado, Diogo Soares de Albuquerque, João Lopes de Carvalho Lobão, sua senhora e um criado, José Antonio Pereira Vinagre, Jacintho Ignacio Menezes Pacheco, Torquato E. B. de Luna, Henry Brunn, Canuto José Velloso da Silveira, Dr. Manoel Carlos de Gouveia e um criado, José da Silva Coelho, Manoel Marques Camacho, Lourenço Fernandes Campos Café Junior, Carlos Nathan, José Marques Braga.

— Hoje tem lugar no Monteiro um brilhante soirée pela installação da sociedade — Recreio familiar do Monteiro — composta de escolhidos cavalleiros, em cujo numero alguns distinctos estudantes da faculdade de direito, ella apresenta uma bella face. Os convites distribuidos com discernimento recahiram em escolhidas familias desta cidade. Pelos estatutos que a regem, he absolutamente prohibido haver luxo nelles; as senhoras e os cavalleiros trajarão simplesmente.

— Um outro tambem deve ter lugar no palacete da rua da Praia, por occasião de fundar-se a sociedade — Recreio Juvenil.—

— Hospital de caridade.—20 de novembro, 76 doentes.

Até amanhãa.

REPARTIÇÃO DA POLICIA.

Secretaria da policia de Pernambuco 20 de novembro de 1856.

Illm. e Exm. Sr.—Levo ao conhecimento de V. Exc. que das differentes participações hoje recebidas nesta repartição, consta que se deram as seguintes occurrencias:

Foram presos: pela delegacia do primeiro districto deste termo, os escravos Pedro e Paulo, este por fugido e aquelle por desordeiro.

Pela subdelegacia da freguezia de Santo Antonio, o preto escravo Ignacio, a requisição do respectivo senhor.

E pela subdelegacia da freguezia da Varzea, Antonio Francisco de Mendonça, e Francisco Xavier Ferreira, ambos por ferimentos.

Deos guarde a V. Exc. — Illm. e Exm. Sr. conselheiro Sergio Teixeira de Macedo, presidente da provincia.—O chefe de policia, Dr. *Policarpo Lopes de Leão.*

—21—

Illm. e Exm. Sr.—Levo ao conhecimento de V. Exc., que das differentes participações hoje recebidas nesta repartição, consta que se deram as seguintes occurrencias:

Foi preso: pela delegacia do segundo districto deste termo, Manoel Joaquim de Barros, por desobediencia.

Pela subdelegacia da freguezia do Recife, os pretos escravos Leonardo e Geraldo, este a requerimento do senhor e aquelle por fugido.

E pela subdelegacia da freguezia de Santo Antonio, Anna Joaquina de Jesus, por briga, Francisca Maria de Jesus, por desordem, e o preto escravo Francisco, por furto.

Deos guarde a V. Exc.—Illm. e Exm. Sr. conselheiro Sergio Teixeira de Macedo, presidente da provincia.—O chefe de policia, Dr. *Policarpo Lopes de Leão.*

Communicado.

Exposição da doutrina catholica conteuda na Summa theologica de S. Thomaz de Aquino ácerca da vontade de Deos. T. I pags. 187 a 206,

ou

Provada *sinceridade e da boa fé* com que procede quem cita o mesmo Santo Doutor para negar a liberdade do Ente Supremo.

QUESTÃO XIX.

Da vontade de Deos.

Artigo I. Ha vontade em Deos?

Resposta:

Em Deos ha vontade assim como ha intelligencia. Com effeito, a vontade he a consequencia da intelligencia; porquanto, assim como toda a creatura recebe de sua forma o seu ser em acto, do mesmo modo a intelligencia he posta em acto por sua forma intelligivel. Ora, todo o ser he de tal sorte disposto a respeito de sua forma natural, que quando não a tem, aspira e tende para ella, e quando a tem, nella repousa. O mesmo acontece com toda a perfeição natural, isto he, com tudo o que he bom na natureza. E he essa inclinação para o que he bom que chama-se appetite natural nos entes que são privados de conhecimento. Por conseguinte o entendimento tem naturalmente uma disposição analoga para com o bem, percebido por essa forma intelligivel. Quando o possue, nelle repousa, quando o não tem, procura-o, e he precisamente nessas duas cousas que consiste a vontade. Logo, ha vontade em todo o ser que tem uma intelligencia, assim como ha appetite animal em todo o ente que tem sentidos. Assim, visto que ha intelligencia em Deos, cumpre que haja nelle vontade. E como sua intelligencia he seu ser, sua vontade o he tambem.

Artigo II. Quer Deos outra cousa que a si proprio?

Resposta:

Deos quer não sómente a si proprio, senão tambem ainda outra cousa que não elle; o que podemos tornar sensivel pela comparação que precedentemente temos empregado. Com effeito, a creatura não tem só uma inclinação natural para o seu bem proprio, de modo a adquiri-lo quando o não possue, ou a repousar nelle quando o possue; mas ella he ainda levada a diffundi-lo sobre os outros entes tanto quanto isso lhe he possivel. Assim, vemos que todo o agente, segundo sua actualidade e sua perfeição, reproduz seu semelhante. Está, portanto, na essencia da vontade communicar aos outros, quanto he possivel, o bem que se possue. E se isso he a respeito da vontade humana, com mais forte razão o he do mesmo modo a respeito da vontade divina, da qual mana por imitação toda a especie de perfeição. Logo, se as creaturas communicam aos outros entes sua bondade em razão de sua perfeição, tanto mais deve ser a vontade divina levada a communicar aos outros entes sua bondade reflectindo sobre elles, tanto quanto he possivel, a sua imagem. Deos quer, pois, a si mesmo, e quer tambem as outras cousas. Elle quer a si mesmo como fim, e quer os outros seres como referindo se a esse fim, pois convém a bondade divina dar-se em partilha a todas as creaturas.

(*Chamamos a attenção do leitor para o que segue.*)

Artigo III. Tudo o que Deos quer, o quer necessariamente? (1)

Resposta:

A palavra *necessaria* tem dous sentidos; ella póde ser tomada absoluta e hypotheticamente. (2) Julga-se da necessidade absoluta de uma proposição pela relação dos termos. Assim, a proposição he de uma necessidade absoluta quando o predicado está contido no sugeito; por exemplo, o homem he necessariamente animal, ou bem ainda quando o sugeito he da mesma natureza que o predicado; por exemplo, he necessario que o numero seja par ou impar; mas esta proposição: Socrates esta assentado, não he necessaria absolutamente, pois podia bem acontecer que elle não se assentasse; ella he necessaria sómente de uma necessidade hypothetica, isto he, supposto que elle esteja assentado, he necessario que o esteja emquanto o está. A respeito da vontade, importa observar que ha cousas que ella quer de uma necessidade absoluta, mas não acontece o mesmo com tudo o que ella quer. Pois que a vontade de Deos está necessariamente em relação com sua bondade, que he o seu objecto proprio, Deos quer necessariamente a sua bondade como nós queremos necessariamente a felicidade. Toda outra faculdade tem igualmente uma relação necessaria com o seu objecto proprio e principal, assim, a vista dirige-se necessariamente para as côres, pois he de sua natureza procura-las. Mas Deos quer as cousas que estão fóra delle conforme ellas se referem á bondade delle como a seu fim. Ora, quando nós queremos um fim, não queremos necessariamente os meios que conduzem a esse fim, salvo se esses meios são taes, que sem elles não poderiamos alcançar nosso fim. Assim queremos necessariamente alimento quando queremos conservar a vida; queremos necessariamente um navio quando queremos navegar, porque sem alimentos não se póde viver, sem navio não se póde andar sobre as aguas. Mas, não queremos necessariamente um cavallo para passear, porque podemos muito bem passear sem isso. O mesmo acontece com o mais. Donde segue-se que sendo a bondade de Deos perfeita, e podendo passar sem tudo o que está fóra della, pois que nada não póde augmentar sua perfeição, *não he absolutamente que Deos queira outras cousas que elle*; mas cumpre que elle as queira de uma necessidade hypothetica; pois, supposto que queira com effeito uma cousa, não póde não quere la, porque sua vontade não póde mudar.

Artigo IV. He a vontade de Deos a causa dos entes?

Resposta:

He necessario dizer que a vontade de Deos he a causa dos entes e—que Deos obra por sua vontade e não por uma necessidade de sua natureza,—como alguns philosophos o tem pensado. Isso póde demonstrar-se de tres modos. Primeiro, pela ordem das causas activas. Obrando a intelligencia e a natureza para um fim, como o prova Aristoteles (Phys. lib. II text. 49), importa que uma intelligencia superior determine previamente o fim que deve alcançar aquelle que obra por natureza e os meios que deve empregar, bem como importa que o caçador determine o alvo que sua flecha deve attingir, e o modo porque ella o deve ferir. Por conseguinte he necessario que aquelle que obra pela intelligencia e pela vontade seja antes daquelle que obra pela natureza; e, pois, que Deos he o primeiro de todos os agentes, he necessario que elle obre por sua intelligencia e por sua vontade. Segundo.—Segundo a constituição intima do agente natural. Com effeito, esta especie de agente não produz jamais senão um só e mesmo effeito, porquanto a natureza opéra sempre de um só e mesmo modo, salvo se encontra um obstaculo. O que faz que seja assim, he obrar ella sempre segundo o que he, e emquanto he no mesmo estado, produz os mesmos effeitos, pois todo o agente tem por natureza um ser determinado.—Por conseguinte não sendo o ente divino determinado, mas contendo em si toda a perfeição do ser, não se póde admittir que obre pela necessidade de sua natureza—: Neste caso elle não poderia produzir senão um effeito indeterminado, infinito em seu ser, o que he impossivel, como o temos mostrado (Quest. VII, art. 2.—Elle portanto não obra pela necessidade de sua natureza, mas todos os effeitos, cuja causa he, procedem de sua infinita perfeição, segundo a determinação de sua vontade e de sua intelligencia. Terceiro.—Segundo a relação dos effeitos para a causa. Os effeitos procedem da causa que os produz segundo nella preexistem, pois todo o agente produz seu semelhante. Ora os effeitos preexistem na causa segundo o modo de ser da propria causa. Por conseguinte, sendo o ser de Deos a sua intelligencia, os effeitos preexistem nelle de um modo intelligivel: procedem delle segundo o mesmo modo e por conseguinte de um modo voluntario, pois he á vontade que pertence o desejo de realisar o que a intelligencia tem concebido. Logo a vontade de Deos he a causa dos entes.

Artigo V. Póde assignar-se uma causa a vontade de Deos?

Resposta:

A vontade de Deos não tem nenhuma especie de causa. Com effeito cumpre observar que a vontade he uma consequencia do entendimento, e que a causa da vontade daquelle que quer he a mesma que a causa da intelligencia daquelle que comprehende. Ora, no entendimento acontece que se se comprehende separadamente, ou um depois do outro, o principio e a conclusão, a intelligencia do principio he a causa da sciencia da conclusão; mas se o espirito visse a conclusão no principio e comprehendesse uma e outra com o mesmo olhar, a sciencia da conclusão não teria mais então por causa a intelligencia do principio, porque neste caso a sciencia de uma e a intelligencia do outro não seriam senão uma só e mesma cousa, e uma cousa não pode ser causa de si mesma. O que não impediria todavia o espirito de considerar os principios como as causas da conclusão. O mesmo tem lugar relativamente a vontade, para a qual o fim he para os meios, o que para a intelligencia os principios são para as conclusões. Donde resulta que, se alguem quer o fim, e depois os meios por dous actos distinctos, a vontade do fim sera' causa da vontade dos meios; mas, se se quizer por um só e mesmo acto o fim e os meios, não aconteceria' mais o mesmo, porque uma cousa não pode ser causa de si mesma. Todavia sera' verdade dizer que se querem em relação ao fim. Ora, assim como Deos comprehende todas as cousas em sua essencia por um só e mesmo acto, assim tambem quer todas as cousas por um só e mesmo acto em seu amor. Por conseguinte assim como em Deos a intelligencia da causa não he a causa da intelligencia do effeito, pois que elle comprehende os effeitos em sua causa; assim do mesmo modo a vontade que elle tem do fim não he causa da vontade que elle tem dos meios; todavia elle quer que esses meios se refiram ao fim. Por conseguinte elle quer a causa pelo motivo, mas não he por causa do motivo que elle a quer.

Art. VI. Compre-se sempre a vontade de Deos?

Resposta:

Sendo a vontade de Deos a causa mais universal de todas, releva que seja sempre comprida.

Para convencer-nos disso importa observar, que sendo o effeito semelhante em sua forma a' causa que o produz, devendo discorrer sobre as causas efficientes do mesmo modo que sobre as causas formaes. Ora nas causas formaes, posto que um effeito possa não ter tal ou tal forma particular, não póde todavia deixar de ter pelo menos uma forma geral (2). Assim elle póde bem ser um homem ou um ser vivo, mas não póde ser um não ser. A mesma observação he applicavel as cousas efficientes. Um effeito póde ser produzido fóra de tal ou tal cousa particular, mas não fóra da causa universal que comprehende em si todas as causas segundas; pois se uma causa particular vem a não produzir o seu effeito, he porque tem sido embaraçada em sua acção por uma outra causa particular que esta' ella mesma comprehendida no dominio da causa universal. Por conseguinte, um effeito não póde escapar ao imperio da causa universal. He isso o que vê-se perfeitamente nas cousas corporeas. Uma estrella póde ser impedida de produzir o seu effeito; mas a causa que a impedir de o produzir podera' sempre ser reduzida, pelo meio das causas intermediarias, a forma geral que rege o primeiro céo. Por conseguinte, visto que a vontade de Deos he a causa universal de todos os entes, he impossivel que não produza seu effeito. Porque o ente que parece subtrahir-se a ella debaixo de um respeito torna a cahir nella debaixo de outro. Assim o peccador que peccando aparta-se da vontade de Deos tanto quanto póde faze-lo, torna a cahir debaixo do seu imperio, visto que he punido por sua justiça.

Artigo VII. He mudavel a vontade de Deos?

Resposta:

A vontade de Deos he soberanamente immutavel. Com effeito deve observar-se que ha differença entre mudar de vontade e querer a mudança de alguma cousa; pois sem mudar de vontade, póde-se querer que uma cousa seja feita agora e que depois o contrario tenha lugar. Não ha mudança de vontade senão quando se começa a querer o que dantes não se queria, ou quando se cessa de querer o que se quiz. O que não póde acontecer senão em consequencia de uma mudança de idéas, ou de uma mudança nas disposições do ser daquelle que quer; porquanto não tendo a vontade o bem por objecto, póde-se por dous motivos começar a querer uma cousa que não se queria antes: 1 Quando se começa a achar boa uma cousa que antes não se achava, o que suppõe uma mudança do sujeito. Assim, quando o frio chega, começa a gente a sentir-se bem junto do fogo, o que não tinha lugar antes. 2º Quando começa-se a conhecer a bondade de um objecto que sempre se tinha ignorado até então; porque recorremos ao conselho para saber o que he bom em relação a nós; mas todas estas mudanças não são possiveis em Deos, pois temos demonstrado (questão IX art. 1 e questão XIV, art. 15) que sua substancia, assim como sua sciencia são absolutamente immutaveis; por tanto devemos concluir que sua vontade o he tambem.

Artigo VIII. Torna a vontade de Deos necessaria, as cousas que ella quer?

Resposta:

A vontade de Deos torna necessarias certas cousas, mas não impõe esse caracter a tudo o que ella quer. Alguns philosophos tem querido explicar essa differença pelo meio das causas, e tem dito que as cousas que Deos faz pelas causas necessarias são necessarias, e que as que elle faz pelas causas contingentes são contingentes; mas este raciocinio não nos satisfaz por duas razões: 1.ª Porque o effeito de uma causa primeira he contingente em consideração de uma causa segunda, pois pode ser impedido pela falta dessa causa segunda. Assim uma planta póde impedir a virtude do sol de produzir-se, entretanto que não ha nenhuma causa segunda que possa impedir a vontade de Deos de ter o seu effeito. 2º Porque se a distincção dos effeitos contingentes e dos effeitos necessarios não se refere senão as causas segundas, segue-se que existe fóra da intenção e da vontade de Deos, o que repugna. Vale pois mais dizer que essa distincção repousa sobre a efficacia da vontade divina, porque quando uma causa he efficaz em sua acção, o effeito que segue-se depende della, não sómente quanto a sua existencia, senão tambem quanto ao seu modo de ser e de obrar. Se o filho, por exemplo não parece-se com o pai, até nos accidentes que compõem seu modo de ser, não se deve attribuir senão a' debilidade do germen encarregado de sua reproducção; mas sendo a vontade divina soberanamente efficaz, segue-se não só que o que Deos quer, acontece, senão tambem que tudo se faz do modo porque elle quer que seja feito. Ora, elle quer que haja cousas necessarias e outras que sejam contingentes, afim de que haja ordem no universo, e que elle offereça um todo completo; por isso os effeitos queridos por Deos não são contingentes, porque as causas proximas que os produzem o são tambem; mas elles o são porque Deos quiz que o fossem, e porque neste ultimo proposito, submetteu-os a causas que o são igualmente.

Artigo IX. Quer Deos o mal?

Resposta:

O que he o que he de sua natureza desejavel como o temos dito (quest. V. art. 1); não he pois possivel que o mal que lhe he opposto seja o objecto do appetite natural, animal ou intellectual que não he outra cousa que a vontade, entretanto acontece que se deseje accidentalmente o mal, mas he porque então elle liga-se a alguma cousa de bom como o vamos ver. Com effeito, um agente natural qualquer não quer em si mesmo nem a privação nem a corrupção de um outro ente; elle quer somente uma forma cuja realisação arrasta a destruição de uma outra forma; elle quer a reproducção de uma cousa que tem por consequencia a corrupção de outra. Assim o leão que mata o cervo não se propõe se não alimentar-se e não mata esse animal unicamente por mata-lo. Do mesmo modo o impudico não considera senão o prazer que acha no mal, e não para na difformidade, na fealdade de sua ma acção. O mal liga-se portanto a um bem qualquer e não he senão a privação de um outro bem. Ninguem o desejaria jamais, nem mesmo accidentalmente, senão se desejasse o bem a que elle esta' unido mais vivamente do que o bem de que nos priva.—Ora não ha bem que Deos possa querer mais que sua bondade mesmo, com quanto elle queira em verdade tal bem mais do que tal outro. D'onde resulta que elle não quer de nenhum modo o mal do peccado que destroe toda a relação com sua divina bondade; mas elle quer o mal que não he senão uma imperfeição da natureza e o mal que he um castigo e quer o castigo, porque quer a justiça, e quer que haja cousas que se corrompam naturalmente, porque quer manter a ordem da natureza.

(Chamamos a attenção do leitor para o seguinte artigo.)

Art. X. Tem Deos o livre arbitrio? (3)

Resposta:

Nós mesmos temos o livre arbitrio a respeito das cousas que não queremos necessariamente ou instinctivamente; porque querer ser feliz não he de nossa parte um acto livre, mas um acto instinctivo. He por isso que os outros animaes, cujos movimentos todos são regeitados pelo instincto da natureza, não são considerados como dotados do livre arbitrio. Pois que Deos quer necessariamente a sua bondade e ha cousas que elle não quer necessariamente, como o temos provado (art. 3.), elle tem o livre arbitrio em relação as cousas que não quer necessariamente

Art. XI Deve-se distinguir em Deos a vontade do signal?

Resposta:

Ha cousas que applicamos a Deos em um sentido proprio, e outras que não lhe convem senão em um sentido methaphorico, como o dissemos (questão XVII, art. 3.) Assim, quando atribuimos a Deos, methaphoricamente algumas das paixões humanas fundamo-nos sobre a analogia ou sobre similitudo do effeito. Desde então o signal que manifesta em nós esta paixão pode tambem referir-se á divindade em um sentido methaphorico. Assim sendo o homem colerico levado a punir, a punição he para nós o signal da colera; he por isso que fallando de Deos, empregamos a palavra—colera—para para designar um castigo que elle inflige. Do mesmo modo o signal que manifesta ordinariamente nossa vontade he algumas vezes empregado methaphoricamente como indicando a vontade de Deos. Assim quando se ordena uma cousa he um signal que indica que se quer que ella seja feita. He o que faz que tomemos algumas vezes em um sentido methaphorico o preceito de Deos por sua vontade, como quando dizemos: —Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céo—(Math. VI, 10.) Ha todavia esta differença entre a vontade e a colera, que esta não se estende nunca ao proprio, porque simplifica fundamentalmente uma paixão, entretanto que a vontade pode ser tomada ao proprio a respeito de Deos. D'aqui distingue-se em Deos duas sortes de vontade, uma vontade propria e uma vontade methaphorica, a vontade propria he chamada *vontade de bom prazer*, e sua vontade methaphorica, *vontade de signal*, porque toma-se nesse caso o signal da vontade pela mesma vontade.

Art. XII. He conveniente distinguir em relação á vontade divina cinco signaes?

Resposta:

Chamam-se signaes da vontade os meios pelos quaes costumamos mostrar que queremos alguma cousa. Ora, podemos manifestar que queremos alguma cousa por nós mesmos, ou por outros. Manifestamos isso por nós mesmo, directa ou indirectamente e por accidentes. Manifestamos directamente quando operamo-la por nós mesmos e neste caso o signal recebe o nome de — operação.— Manifestamos indirectamente quando não nos oppomos á sua execução. Porque Aristoteles disse (Phys lib. VIII, text. 32) que não impedir uma cousa he faze-la por accidente ou indirectamente. Então o signal chama-se — permissão.— Manifestamos por outro que queremos uma cousa, dispondo-o a faze-la, quer constrangindo-o a isso por força, como quando ordenamos a alguem que faça o que queremos, ou quando prohibimos-lhe de fazer o contrario, quer empenhando-o de modo persuasivo e neste caso o signal da vontade toma o nome de—conselho.—Tendo o homem cinco modos de manifestar a sua vontade, distinguimos por este motivo cinco signaes da vontade divina. Demais o *preceito*, o *conselho*, a *prohibição* são chamados nas santas escripturas signaes da vontade divina; pois he dito em S. Matheus: — Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céo. (Math. VI, 10.) Segundo S. Agostinho, a permissão e a operação são tambem dous signaes da vontade suprema, pois he dito: Nada se faz se o Omnipotente não quer, ou não permitte que se faça, ou se elle proprio o não opera. (Enchir. cap. 95.) Pode-se dizer tambem que a *permissão* e a *operação* referem-se ao presente, a *permissão* ao mal, a *operação* ao bem, que a prohibição he sempre relativa ao mal, o preceito relativo ao bem obrigatorio, e o conselho relativo ao bem de sobrerogação e que todos tres referem-se ao futuro.

Tal he a doutrina catholica relativamente a vontade de Deos. Quem pois cita S. Thomaz de Aquino para sustentar que Deos não he livre, ou cita-o sem o ter lido, ou de proposito inverte o que elle diz para assim illudir os ignorantes. Em ambos os casos he um procedimento indigno de um homem illustrado e honesto.

(1) Os arnaudistas queriam que Deos obrasse segundo uma necessidade de sua natureza, e por conseguinte, que não obrasse segundo a liberdade de sua vontade. Abeilard dizia que elle não podia deixar de fazer o que faz, e negava tambem seu livre arbitrio Wiclef, Luthero, Bucero e Calvino negaram tambem a liberdade de Deos. Este erro he combatido neste artigo. (Nota do abbade Drioux.)

(2) A vontade absoluta não depende de nenhuma condição, ella está exclusivamente submettida ao livre arbitrio de Deos, como a vontade que elle teve de crear o mundo, sua vontade hypothetica depende de uma condição, tal he a vontade que tem de salvar todos os homens. A condição que a isso põe, he que elles queiram corresponder á sua graça e observar seus mandamentos. (Nota do mesmo abbade.)

(3) Este artigo se reduz á questão que temos tratado, artigo 3. A Escriptura expõe esta verdade em uma multidão de lugares (Rom. IX)—Cujus vult miseretur, et quem vult indurat (Jer. XVIII) Ecce figulus faciebat opus, etc. (Nota do mesmo abbade.)

Correspondencia.

Srs. redactores.—Preferindo por gosto e por caracter a vida tranquilla á agitada, não ambicionando gloria nem riquezas, como Vmcs. bem sabem, idolos, cuja vaidade tive a felicidade de cedo conhecer, não obstante contarem grande numero de adoradores, vivo quasi como anachoreta no meio da sociedade. Ninguem me vê em theatros, nem mesmo em reuniões, quer publicas quer particulares, posto que para muitas dellas tenha sido convidado.

Tendo feito estudos regulares como poucas pessoas o tem feito em Pernambuco, sem embargo disso nunca me apresentei candidato nem mesmo ao lugar de eleitor de parochia, chegando até ao ponto de ter voluntariamente renunciado o direito de votar, a que outros dão tanto apreço!

Não embaraçando á ninguem no caminho da fortuna, tenho a dita de não conhecer inimigos.

Concluidos os meus trabalhos diarios, todo o tempo que me resta he consagrado a leitura e ao estudo, unica distracção que conheço, e cujo gosto peço a Deos que sempre me conserve.

Bem tranquillo me achava quando soube do discurso que a 11 de agosto do corrente anno pronunciara o Sr. Dr. Feitoza na Faculdade de Direito, e perguntando qual o objecto de que tratara, responderam-me que do destino do homem e da humanidade, o qual considerara debaixo de um ponto de vista novo. Persuadido de que o havia feito segundo as idéas da moderna escola, fundada pelo Sr. João Reynau e que na França he conhecida debaixo do nome de mathematica, a qual, bem que christãa, não he todavia catholica, dei-me ao trabalho de lê-lo, pois do contrario o não faria, visto que tenho cousas melhores em que empregar o tempo; mas, Srs. redactores, qual não foi o horror de que se encheu o meu espirito, vendo que era elle um complexo de heresias, proprio para apartar a mocidade inexperiente a quem era dedicado, do caminho da verdade para o do erro, do caminho do bem para o do mal!

Era o primeira vez que isso se fazia em Pernambuco, e cri do meu dever como catholico, abrir os olhos a esses moços antes que tivessem cahido no precipicio em que os queriam lançar, embora assim obrando suscitasse contra mim as iras de quem o considerava como o padrão de sua gloria.

Como me dirigia a moços que cultivam as letras, julguei que lhes devia fallar não somente em nome da religião, senão tambem no da propria philosophia, mostrando-lhes por fim que eram ambas concordes em affirmar aquillo que o autor do discurso negava: isto he, a liberdade de Deos.

Em minhas cartas, sem transigir com o erro, todavia tratei urbanamente ao Sr. Dr. Feitoza, dizendo até que era geralmente considerado e com razão como um dos primeiros advogados do nosso fôro e uma das intelligencias mais esclarecidas da nossa provincia; mas esse Sr. respondeu-me chamando-me ostentador de falsa e indigesta erudição, sophista encapotado e dirigindo-me outras injurias e insultos taes que em vez de offenderem aquelle a quem são cuspidos, não fazem mais que mostrar o caracter e educação de quem delles serve-se. Entre outras permittam-me Vmcs. que cite a seguinte passagem, bastante impropria por certo de um homem que se preza e que respeita ao publico para o qual escreve:

« Mas não me lembrei que a falsa sciencia he presumpçosa, rala-se de enveja, e apunhala traiçoeiramente, procurando proselitismo entre os ignorantes, não á força de raciocinio poderoso, mas a poder de charlatanico dogmatismo. Não me lembrei de que se encontram a cada passo neste mundo corações pouco generosos, que atormentam a pobre imaginação com tanto que degradem a discussão e levem ao coração dos outros uma parcella do mal que em si encerram. »

Depois de ter-me assim injuriado, o Sr. D. Feitoza desafia-me para tirar a capa e declarar o meu nome, crendo talvez que em taes circumstancias não me animaria a tanto, o que o habilitaria para reclamar uma nova corôa de louro; mas enganou-se no seu calculo.

Eu poderia responder condignamente ao meu offensor, mas não o quero; para mim a liberdade não consiste na capacidade de infringir a lei, de obrar o mal; mas sim em querer o bem sabendo que he o bem. Descomponha-me pois elle quanto quizer, que não conseguirá desviar-me da carreira que me impõe a lei do dever.

Aceito o desafio do Sr. Dr. Feitoza com as seguintes condições:

Depois que tiver sido publicada a minha quarta carta, que he a ultima, terá elle uma dilação de dez dias para refuta-las, sendo essa refutação publicada no *Diario*, ja que Vmcs. prestam-se a isso; depois terei tambem uma dilação de dez dias para apresentar a minha treplica, e publicada ella, para que a questão tenha uma solução, Vmcs. se encarregarão de remetter tudo com o numero do *Atheneu*, em que foi estampado o discurso do Sr. Dr. Feitoza, ao Exm. Sr. arcebispo da Bahia e ao Exm. Sr. bispo capellão-mór, pedindo-lhes, em nome da provincia, que, em qualidade de mestres da fé, se dignem de decidir se as doutrinas contendas no discurso são conformes á que ensina a igreja, ou se lhe são contrarias.

Qualquer que seja a decisão dada por esses illustres e sabios prelados, Vmcs. a publicarão, sem attenção a cousa alguma, sem consideração a nenhuma pessoa, pois a tudo devem antepôr o interesse eterno de seus concidadãos.

Não proponho que seja a questão decidida pelas pessoas bastante autorisadas e competentes que entre nós existem, para evitar-lhes compromettimentos.

Se o Sr. Dr. Feitoza quizer estar pelo que fica exposto, não terá mais que declarar por este *Diario* que aceita as presentes condições, e nesse caso, peço aos Srs. redactores que, por baixo dessa declaração, declarem tambem por extenso todo o meu nome. (1)

De Vmcs. attento venerador e criado—Y.

Novembro 21 de 1856.

(1) Compromettemo-nos a fazer o que propõe o Sr. correspondente. *Os RR.*

Publicações a pedido.

Sentença proferida pelo Sr. Dr. chefe de policia e auditor de marinha, no processo instaurado pelo contrabando de africanos havido em Serinhaem.

Vistos estes autos, etc. — São accusados Francisco de Paula Cavalcanti Wanderley, conhecido por — Chico-caçador, — José Francisco Accioli Lins, conhecido por — Cazumbá, — o bacharel Antonio de Vasconcellos Menezes de Drummond, e Antonio da Silva Pereira, de terem subtrahido 46 africanos boçaes levados ás aguas de Serinhaem, em um palhabote vindo de Angola, pelo capitão ou commandante Augusto Cesar de Mesquita ou Menezes, em dias do mez de outubro de 1855; de terem effectuado esse crime na noite do dia 12 do

MUTILADO

ILEGÍVEL

mesmo mez, conduzindo os africanos subtrahidos, embarcados, para as bandas de Sarrambi: Manoel Fidelis do Nascimento de ter levado o dito capitão para terra, fazendo parte da guarda de paisanos, que foi a bordo fazer a apprehensão do contrabando, haver consentido na subtração dos africanos; e ter levado para sua casa de bordo do palhabote, uma lata de basilicão, um pedaço de cabo e outros objectos dessa importancia.

Os dous primeiros réos em suas defezas apresentaram as testemunhas de fls. 188 a fls. 192, as quaes depozeram que o réo Wanderley, esteve durante o citado dia 12 no engenho Coelhas, á duas leguas e meia da barra de Serinhaem, e o réo Accioli Lins no engenho Sibiró, á mesma distancia da barra de Serinhaem, onde estava fundeado o palhabote importador dos africanos, e disto sabiam, porque foram á casa do primeiro, e passaram pela do segundo: a primeira testemunha diz tambem que passou á noite em casa do primeiro réo, e não o vio sahir.

Esta testemunha he um official de marcineiro e assalariado do réo.

Mas perguntados se sabiam que os dous primeiros réos tomaram parte na subtracção dos africanos, limitaram-se á declarar, que lhes não constava, se esses réos tiveram alguns dos africanos subtrahidos do palhabote.

As testemunhas offerecidas pelo réo Antonio da Silva Pereira, e constantes de fls. 193 a fls. 197, igualmente limitaram-se a jurar que — lhes não constava que Antonio da Silva Pereira tivesse tido algum dos africanos subtrahidos, e que o não viram sahir de sua casa no dito dia 12.

Nenhuma outra prova produziram esses réos em suas defezas.

As testemunhas citadas, pois, não destruiram a accusação, antes a corroboraram, porque não provaram que os réos não commetteram o crime, nem mesmo depozeram de maneira a duvidar-se da possibilidade de irem os tres réos a bordo do palhabote fazer a subtracção.

A' vista do exposto, julgo os réos Francisco de Paula Cavalcanti Wanderley, conhecido por Chico caçador, José Francisco Accioli Lins, conhecido por Cazumbá, e Antonio da Silva Pereira, incursos nas disposições do art. 2 da lei de 7 de novembro de 1831 e 4 da lei de 4 de setembro de 1850; e como o delicto foi commettido á noite e houve ajuste entre os delinquintes para o perpetrarem (circumstancias mencionadas no art. 16 §§ 1 e 17 do cod. crim.), combinando os arts. 179 com a primeira parte do 34 e o 35 do citado codigo, condemno os ditos réos — Francisco de Paula Cavalcanti Wanderley, conhecido por — Chico-caçador,— José Francisco Accioli Lins, conhecido por—Cazumbá, — e Antonio da Silva Pereira á soffrerem a pena corporal de seis annos de prisão, e mais em virtude do art. 2 da lei de 7 de novembro citada, os condemno á pagar a multa de duzentos mil reis por cabeça de cada um dos africanos extraviados, e na despeza da reexportação delles para a Africa, respondendo cada um dos condemnados por si e por cada um dos outros quanto á multa e despezas de reexportação nos termos da lei em ultimo lugar citada.

Absolvo, porém, os accusados bacharel Antonio de Vasconcellos Menezes de Drummond, e Manoel Fidelis do Nascimento, do crime de que são accusados; o primeiro, porque provou não só que não teve parte alguma na importação dos africanos, como que foi elle quem determinou seu pai o coronel Gaspar de Menezes Vasconcellos de Drummond, a assumir o exercicio del elegado de policia de Serinhaem, para fazer a apprehensão dos africanos e do palhabote, que o coadjuvou com seus conselhos de advogado e com a sua penna, e nesse empenho esteve no engenho — Trapiche — até depois das onze horas da noite de doze, retirou-se em direitura para sua morada no engenho do Anjo, e só foi a Barra de Serinhaem no dia 13 em companhia de seu pai, para guia-lo na redacção dos termos de apprehensão, officios, etc.; finalmente, que apenas conheceu com seu pai o extravio de 46 africanos, (extravio que só podia ser sabido delle e de seu pai, porque só a este o capitão tinha communicado quantos trouxera, e seu pai a elle accusado), aconselhou a seu pai que disso désse parte logo ao governo, e de seu proprio punho escreveu a communicação: circumstancia que exclue toda a probabilidade de ter partilhado o crime, que facillimo lhe era occultar, não só pela razão expendida, como porque a capacidade dos commodos do palhabote era para isso inteiramente favoravel.

Ainda mais provou o accusado, que não podia se ter combinado com os dous primeiros—Wanderley e Lins, — porque com aquelle não tinha relações e com o segundo tinha indisposição: absolvo a Manoel Fidelis do Nascimento, porque mesmo da prova da accusação se vê que elle, conhecendo perfeitamente o coronel João Manoel de Barros Wanderley Lins e seu engenho — Serraria — que o capitão do palhabote procurava, enganando a este o levou de caso pensado á casa e presença do delegado de policia do termo de Serinhaem, coronel Gaspar de Menezes Vasconcellos de Drummond para entregar-lhe a presa. — Este procedimento deveria te-lo collocado na disposição do art. 5 da lei de 7 de novembro de 1831 citada. — Quanto ao ter Manoel Fidelix levado para terra e para sua casa alguns objectos do capitão, não he um crime previsto pela legislação citada, antes he de crer que elle julgou dever isso praticar para melhor enganar o mesmo capitão. Finalmente se não provou que de qualquer modo tivesse Manoel Fidelis, concorrido para a subtracção dos africanos desapparecidos de bordo em numero de 46.

Condemno mais os réos Francisco de Paula Cavalcanti Wanderley, conhecido por —Chico-caçador,— José Francisco Accioli Lins, conhecido por —Cazumbá,— e Antonio da Silva Pereira, á pagar pro rata, as custas deste processo, deduzindo-se a parte dos que ainda não foram julgados; e condemno a municipalidade no pagamento das que tocariam aos dous absolvidos: além disso, pagará por inteiro cada um dos condemnados, as custas feitas com a sua defeza.

Recife 25 de junho de 1856.—Dr. Policarpo Lopes de Leão.

Accordão em relação.—Que confirmam a sentença appellada na parte que absolveu os appellados o bacharel Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond e Manoel Fidelis do Nascimento, attenta a prova dos autos; reformam, porém, a mesma sentença na parte que condemnou os appellantes Francisco de Paula Cavalcanti Wanderley, José Francisco Accioli Lins, e Antonio da Silva Pereira, como complices na subtracção dos africanos apprehendidos na Barra de Serinhaem, para os absolver como absolvem, porquanto dos diversos interrogatorios, acareações, exames e informações á que procedeu o auditor de marinha, que instaurou o processo, assim como das diligencias, que depois tambem procedeu o delegado de policia tenente-coronel João Nepomuceno da Silva Portella, de fls. 98 em diante para descobrir os criminosos, como tambem das que antecedentemente fez o commandante do destacamento e o juiz municipal do Rio-Formoso, não se encontra de todas essas diligencias e das testemunhas da accusação prova alguma concludente e plena, qual a que o direito requer para uma condemnação, as testemunhas produzidas pelos appellantes de fls. 160 em diante, e suas defezas de fls. 230 até fls. 244, são relevantes para illudir a accusação, que se lhes fez, e por conseguinte para releva-los da pena que lhes foi imposta pela sentença appellada, visto como he esta fundada simplesmente em depoimentos vagos de ouvir dizer, incertos e contradictorios, que nenhum peso merecem, e não particularisam circumstancia alguma que os tornem acreditaveis, nem indicam a fonte ou origem de sua sciencia, e delles sómente poderiam resultar indicios tambem vagos e incertos, que nunca fizeram prova para autorisar uma condemnação em crimes ainda mesmo leves, e muito menos em crimes de tanta gravidade, como o de que se trata, para o qual se exige prova plena e robusta, e não presumpções que por mais vehementes são repellidas pelo artigo 36 do nosso codigo penal. Portanto, reformada nesta parte a sobredita sentença, e confirmada na outra parte absolvem os appellantes; e mandam que tanto estes como os appellados, sejam postos em liberdade, passando-se para isto alvará de soltura e baixa na culpa, e condemnam nas custas a respectiva municipalidade.

Recife 18 de novembro de 1856.—Azevedo, presidente.—Rabello.—Bastos.—Telles, vencido quanto a reforma.—Gomes Ribeiro, vencido quanto á reforma.—Bastos de Oliveira, vencido quanto á reforma.—Valle.

PROGRESSO DA INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Analyse ao relatorio que em abril de 1856 fez o illustre professor publico Sr. José Francisco Soares, ao Exm. Sr. Sa' e Albuquerque, dignissimo presidente da provincia das Alagoas.

O professor, (diz S. Exc.) que de certo não nutria pelo systema sentimentos de fanatismo, ou enthusiasmo irreflectido, dando conta da sua commissão, escreveu-me em seu importante relatorio as seguintes palavras —« matricularam-se em diversas datas do mez de janeiro 46 alumnos; destes 13 ja sabiam ler, 33, portanto, principiaram pelo novo systema: 17 destes ja tinham sido matriculados o anno passado em minha aula dos quaes somente nove conheciam as letras, e oito nada sabiam! A todos se podia chamar analphabetos: o restante, em numero de 16, entraram pela primeira vez.

Dos 33 um morreu, outro mudou-se da capital, 31 são os que frequentam a aula, todos tem adquirido um adiantamento maravilhoso. Seis formam a primeira decuria, lendo desembaraçadamente, palavras por sylabas, e principiam a fazer leitura corrente.

Promettem dentro de um anno estar promptos na leitura.

Os de mais formam a segunda decuria, lendo somente palavras por sylabas. Em 18 de fevereiro foi admittido, como ouvinte, um alumno de 9 annos, que matriculado em minha aula em março do anno passado, além de ja antes disso ter frequentado outra, não sabia ao menos as letras do alphabeto!!!!!

Pelo novo systema aprendeu-as em cinco dias! Faz parte da segunda decuria, e promette ler muito bem em pouco tempo,

Em março foram admittidos, como ouvintes, 4, que formam a terceira decuria, e principiam a ler palavras por sylabas. No corrente mez de abril (o mesmo mez em que faz este relatorio) foram admittidos, como ouvintes, até ao dia 13, 12 meninos, todos ja sabem as lettras, formam sylabas por cartões, principiam a ler palavras por sylabas. Alguns destes ja haviam frequentado outras aulas, e nem se quer sabiam as lettras!!! Cinco fazem parte da terceira decuria.

Advirta-se que este illustre professor como diz o Exm. presidente da provincia, não era enthusiasta do methodo Castilho, ao contrario mostrava uma especie de scepticismo ácerca das vantagens preconisadas pelos apologistas do novo methodo. Mas porque razão este mesmo professor, um dos mais habeis e dedicados que possue a instrucção primaria daquella provincia, não pode jamais obter pelo methodo antigo, as vantagens que adquire agora, quando está mais velho, mais cansado, mais aborrecido do magisterio do que quando principiou a leccionar, com toda a robustez, toda a dedicação, e todo o enthusiasmo que nos aviventa no começo de qualquer emprego?! Isto por sem duvida he devido unicamente á excellencia do methodo Castilho, cujo segredo está em prender a attenção dos meninos pelos meios suaves, alegres, e divertidos, que os faz amar a escola, e por essa luz elutrica que lhes rasga de improviso a densa nuvem que lhes obscurecia as faculdades intellectuaes, inda mais comprimidas pelo terror que lhes inspira a carranca do mestre, o temor dos castigos, e a posição sedentaria, tão opposta á idade pueril, até nos mesmos irracionaes.

Essa luz eletrica he a analyse, syntese da palavra fallada, sempre do maximo para o minimo, mas que poucos ainda hão comprehendido, de que he mais facil descer do cume para a base, do que galgar desta, para aquelle, e por cujo processo ja hoje muitos, ensinam as linguas vivas, e mortas, com duplicado fructo e rapidez, que jamais obtiveram os eruditos professores da antiguidade! O illustre professor, attesta que os matriculados em janeiro, inteiramente analphabetos, em abril estão quasi lendo correntemente: os matriculados em março, só com um mez de estudo, estão lendo por sylabas, ao passo que aquelles que se haviam matriculado o anno passado, e frequentado outras aulas, pelo methodo velho a maior parte nem as lettras conheciam, eram inteiramente analphabetos!! Sera suspeito o illustre pernambucano Exm. Sr. Sá e Albuquerque?! Estará mistificado o mui digno professor alagoense?!!

Eia, avante Sr. Soares, o futuro he vosso, o pó lo esquecimento não cubrirá o vosso nome, vós bem merecois da patria! Honra a illustre assembléa da vossa provincia! Eterna gloria ao Exm. Sr. presidente Sá e Albuquerque subrlantai, Sr. desentronisai da cadeira hemorroidal esses regressitas ramarraneiros, que olhando só ao seu bem estar, não se emportam com o adiantamento dos meninos, crendo que só a palmatoria, a carranca, e a immobilidade são os unicos meios que devem ser empregados a bem da instrucção primaria! Como se enganam! Jamais vence o rigor, o que o amor não veuce! O vosso exemplo, e o dos illustres collegas da Bahia animaram ao mesmo empenho a dignissima assemblea provincial de Sergipe, e seu Exm presidente. Segurai a instrucção primaria no sul do imperio, o norte fica por nossa conta.

Entre os briosos pernambucanos encontram-se genios transcendentes, capazes de grandes empresas e que jamais arrepiaram carreira, por mais que os ramerraneiros, furtando-se a uma discussão franca e leal, os invéctivem, abocan-hem, e tratem de pagode o novo systema. « Res non verba. »

Ha pouco foi-me lembrado pelo Illm. secretario da directoria geral desta provincia, um insigne professor, talvez a flor delles, o Sr. André Alves da Fonseca Junior, homem do futuro, progressista, de coração humanitario, cheio de vida, mestre dedicado, escravo dos seus deveres, zeloso do magisterio que exercita; se elle pelo methodo velho he tão proveitoso aos seus discipulos, que não fará pelo insigne methodo Castilho!? Elle o está estudando com toda a dedicação e intelligencia de que he dotado; até onde remontará esta aguia os seus elevados vôos?? Elle, moço, instruido, dotado de uma actividade enexcedivel! Grandes e relevantes serviços tem de receber delle a instrucção primaria!

Elle, e o Sr. Francisco Xavier Carneiro da Cunha, que ja foi professor publico, o Sr. João José Rodrigues, licenciado pela directoria geral, promptos nos preparatorios da instrucção secundaria, o Rvd. padre mestre Manoel Thomaz, professor jubilado, o Sr. Manoel José de Farias Simões, o Rvd. padre mestre Joaquim Maciel, o Sr. Manoel da Costa Ramos, o Rvm. Sr. vigario do Apudi, além dos dous professores do Piauy, e Rio Grande do Norte, onde ja temos uma mestra, pelo novo systema, e as Sras. D. Clea, D. Priscilla, e D. Francisco, Romana, e quatro professores nesta capital de Pernambuco, graças ao distincto Sr. Dr. Filippe Menna, que me constituio o chefe desta coorte progressista em o norte do imperio.

Felizmente o Exm. Sr. Sergio, dignissimo presidente desta provincia, e o mui digno Sr. Dr. director geral não são infensos ao methodo Castilho; com tão poderosos auxiliares envidaremos todas as nossas forças para que a instrucção primaria attinja aquelle grão de perfectibilidade, e rapidez, que as demais artes e sciencias hão desenvolvido ha meio seculo a esta parte.

O gaz ja se extrahe da agua, o fio electrico submarino transmitte em poucas horas as noticias a milhares de leguas de distancia, o Wagon corre com a rapidez do raio. . . . . e só a instrucção primaria ficaria estaccionaria!? Oh! não. Estudemos o novo methodo, appliquemo-lo a todas as phasses do ensino; a tarefa he ardua; mas antes de mim ja alguem o disse.

« O suor que se derrama a favor da patria, he sempre honorifico.»

O Exm. Sr. Dr. conselheiro Antonio Feliciano de Castilho ordena-me de pedir a todos os senhores professores, e professoras acima indicados, e a quaes quer outras pessoas que tenham estudado o seu methodo de leitura repentina, dignem-se remetter em carta fechada o seu parecer, sobre o novo systema de ensino, assim como o bem ou mal que sobre isto se haja publicado, e que se vier reconhecido por tabellião, melhor será, afim de se publicar no Relatorio geral, até principio do futuro janeiro. recebem-se as cartas na rua Nova, escola central do methodo Castilho, donde serão remettidas para Lisboa.

Francisco de Freitas Gamboa,
Professor particular autorisado pelo governo.

Commercio.

PRAÇA DO RECIFE 21 DE NOVEMBRO AS 3 HORAS DA TARDE.
Cotações officiaes.
Assucar mascavado — 2$750 a 2$900 por arroba com sacco.
Frederico Robilliard, presidente.
P. Borges, secretario.

CAMBIOS.
Sobre Londres, 27 3/4.
« Paris, 346.
« Lisboa, 98 a 100 por % de premio.
« Rio de Janeiro, 1/2 a 1 por 0/0 a 15 e 30 dias.
Acções do Banco, 40 a 45 de premio.
« « companhia de Beberibe 54$000.
« « companhia Pernambucana ao par.
« « Utilidade Publica, 30 por cento de premio.
« « Indemnisadora. —52 idem.
« « da estrada de ferro —20 por 0/0 de premio.
Disconto de lettras, de 7 a 7 1/2 por 0/0.
Dito do banco—7 a 8 por 0/0.
Ouro.—Onças hespanholas . . . 28$ a 28$500
Moedas de 6$400 velhas . . . . 16$000
« « 6$400 novas . . . . 16$000
« « 4$000. . . . . . 9$000
Prata.—Patacões brasileiros. . . 2$000
Pesos columnarios. . . . . 2$000
» mexicanos. . . . . . 1$860

ALFANDEGA.
Rendimento do dia 1 a 20. . . . 342:647$437
Idem do dia 21 . . . . 24:322$911
366:970$348

Descarregam hoje 22 de novembro.
Barca ingleza—Hermione—cerveja e ferro.
Brigue inglez—Odem—trilhos de ferro.
Brigue americano—Thomaz Walter—bacalháo.
Brigue portuguez—Relampago—diversos generos.

CONSULADO GERAL.
Rendimento do dia 1 a 20. . . . 30:144$585
Idem do dia 21 . . . . . . 1:667$672
31:812$197

DIVERSAS PROVINCIAS.
Rendimento do dia 1 a 20 . . . . 3:125$430
Idem do dia 21. . . . . . . 103$350
3:228$780

DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO PELA MESA DO CONSULADO DESTA CIDADE NO DIA 21 DE NOVEMBRO DE 1856.
Havre—Barca ingleza «Olinda», Lasserre & Tisset-frers, 600 saccos assucar mascavado.
Buenos-Ayres—Polaca hespanhola «Viageiro», Viuva Amorim & Filhos, 250 barricas assucar branco, 150 ditas dito mascavado.
Lisboa — Brigue protuguez «Soberano», Francisco Severiano Rabello e outros carregadores, 161 saccos assucar mascavado.
Porto—Brigue portuguez «S. Manoel I», diversos carregadores, 109 couros salgados, 52 cascos mel, 200 meios de sola.

Exportacao'.
Parahiba, hiate brasileiro «Camões», conduzio o seguinte: — 420 volumes generos estrangeiros, 100 meios de sola, 723 caixões charutos, 133 ditos chá, 2 latas chocolate, 7 ditas fumo, 190 caixões doce de goiaba, 10 saccas arroz, 18 canadas de espirito, 10 saccas café, 200 caixões sabão.
Liverpool por Maceió, barca ingleza «Nanphanten», de 612 toneladas, conduzio o seguinte: — 10 barricas linhaça, 2 barris doce de calda, 525 saccos e 200 barricas assucar, 259 saccas milho, 20 ditas feijão, 11 varas de renda, 1 lata confeitos, 2,198 meios de sola.

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.
Rendimento do dia 1 a 20 . . . . 15:750$341
Idem do dia 21. . . . . 560$813
16.311$154

CONSULADO PROVINCIAL.
Rendimento do dia 1 a 20 . . . . 28:427$828
Idem do dia 21 . . . . 1:789$397
30:217$225

Movimento do porto.

Navio entrado no dia 21.
Barcellona e Malaga—37 dias, do ultimo porto 27, polaca hespanhola «Joven Dolores», de 137 toneladas, capitão Pedro Coll, equipagem 10, carga vinho e mais generos; á Araoaga & Bryan. Pertence ao porto de Barcellona. Passageiro para o Rio de Janeiro, Antonio Coll. Seguio para os portos do sul.

Navios sahidos no mesmo dia
Rio de Janeiro—Brigue brasileiro «Firma», capitão Manoel de Freitas Victor, carga assucar e mais generos. Passageiros, Antonio Borges da Fonseca Junior e 1 cria india de 3 annos, Antonio Pereira Bispo e 1 escravo, Francisco Gonçalves dos Prazeres Rocha, o piloto José Vicente de Maia e 4 escravos, sendo 2 pertencentes ao capitão do mesmo navio e 2 pertencentes ao contra mestre.
Harbor Grace — Barca ingleza «Queen», capitão John Monn, em lastro.
Hampton Roads—Barca ingleza «Wagger», capitão J. Obrouell, carga assucar.
Boston—Barca americana «Warren Hallett», capitão Samuel W. Hallett, carga assucar.
Pará e portos intermedios—Vapor brasileiro «Paraná», commandante F. F. Borges.

Editaes.

—Pela inspecção da alfandega se faz publico que no dia 22 do corrente mez depois de meio dia se hão de arrematar em hasta publica, á porta da mesma repartição, sendo a arrematação livre de direitos ao arrematante as mercadorias abaixo designadas ja annunciadas em edital de 30 dias.

Sem marca 2 pedras de cantaria pequenas no valor de 2$ cada uma total 4$.
1 gaiola no valor de 100 rs.
1 canastra vasia no valor de 20 rs,
Marca F. 16 caixotes com ameixas e peras em máo estado no valor de 100 rs. cada um total rs. 1$600.
Letreiro 1 caixote com marmelada inteiramente arruinada no valor de 20 rs.
1:190 paroleiras, tendo algumas azeitonas inteiramente arruinadas, no valor de 20 reis cada uma, total 23$800.
Marca A. C. 1 barril vasio no valor de 100 reis.
Marca F, 30 caixotes vasios no valor de 40 reis cada um, total 1$200.
Marca M. 10 barricas vasias no valor de 200 reis cada uma, total 2$.
25 barris com aduelas no valor da 2$ cada um total 50$.
36 ditos ditos no valor de 2$ cada um total 72$.
Marca B. C. 1 barril vasio no valor de 600 rs.
Marca C C, 1 caixa com rapé naccional em máo estado no valor de 1$.
1 dita dita no valor de 10$.
Marca R. B. 1 dita com 195 livros impressos em broxura a 500 rs, cada um total 97$500.
Maaca V. L, 1 caixa com 40 embrulhos de colxetes com 666 grosas de pares no valor de 359$640.
Letreiro 1 embrulho com 12 folhetos impressos com 18 estampas pequenas no valor de 20 reis cada uma total 360.
Sem marca 3 garrafas com absinto, no valor de 500 reis cada uma total 1$500.
S. M. 16 cadernos de papel para imprimir, no valor de 100 rs. cada um, total 1$600.
S. M. 1 caixa com roupa e mais preparos para mascarados, sendo tudo usado, no valor de 25$000 reis.
Marca H M 100 livros inglezes e francezes em meia encadernação, e em máo estado, no valor de 800 reis cada um, total 80$ rs.
78 folhetos no valor de 400 rs. cada um, total 31$200 rs.
S. M. 1 caixa vazia no valor de 1$ rs
S. M. 1 dita com alguma roupa bastante usada, no valor de 1$600 rs.
1 Dita com alguma roupa de passageiro usada, no valor de 3$ rs.
1 Dita dito dito no valor de 1$000 rs.
1 Dita dito dito no valor de 1$060 rs.
1 Dita dito dito no valor de 2$000 rs.
S. M. 3 embrulhos com 20 abotuaduras de metal para casaca, no valor de 4$000 rs.
S. M. 6 1/2 garrafas de vinho branco de Lisboa no valor de 400 rs., cada uma, total 2$400.
6 caixas de papellão com chapeos de palha enfeitados para senhora no valor de 2$ rs. cada uma total 12$ rs.
1 Sacco com roupa no valor de 1$ rs.
1 cesto vazio no valor de 100 rs.
1 Lata vazia no valor de 100 rs.
Alfandega de Pernambuco 18 de novembro de 1856.—O inspector Bento José Firnandes Ramos.

O Dr. Anselmo Francisco Peretti, commendador da imperial ordem da Rosa, juiz de direito especial do commercio por S. M. Imperial e Constitucional etc.

Faço saber aos que o presente edital virem, que no dia 11 de dezembro vindouro, se ha de arrematar por venda a quem mais der, na sala dos audictorios depois da audiencia deste juizo:

Um sitio com arvoredos, chãos proprios, cercado com uma pequena casa coberta de telha, tendo uma entrada de 20 palmos pouco mais ou menos, alguma cousa extenso na estrada que vai da Casa Forte para o Arraial, avalido por 1:300$000 reis, penhorado por execução de Elias Emiliano Ramos contra João Baptista Paes Barreto.

E para que chegue ao conhecimento de todos, mandei passar editaes que serão publicados pela imprensa e affixados nos lugares designados no cod. commercial.

Dado e passado nesta cidade do Recife aos 20 de novembro de 1856.

Eu Maximiano Francisco Duarte escrivão o subscrevi.

Anselmo Francisco Peretti.

Declarações.

CORREIO GERAL.
A pessoa que lançou na caixa da administração do correio uma carta com subscripto a Marcelino Theotonio de Souza Sidreira, faltando-lhe a direcção, e por consequencia privada de poder seguir seu destino, queira dirigir-se a mesma repartição para o fim acima.

— Os senhores que arrematarám talhos de açougues publicos na camara municipal do Recife, compareçam na casa da mesma camara com seus fiadores, para assignar os respectivos termos —O secretario, Manoel Ferreira Accioli.

Pelo presente faço publico, que todo o escravo encontrado nas ruas desta cidade ou nas estradas dos arrabaldes da mesma depois do toque de 9 horas da noite, sera' preso e recolhido a' casa de detenção, e castigado na manhãa seguinte com 50 palmatoadas, salvo se os escravos apresentar bilhete assignado pelo respectivo senhor, declarando que vai a seu serviço. O presente edital sera' observado pelos agentes de policia, passado o prazo de 6 dias que ficam marcados, para que chegue esta providencia ao conhecimento dos donos. Secretaria de policia de Pernambuco 20 de novembro de 1856.

CONSELHO ADMINISTRATIVO.
O conselho administrativo tem de comprar o seguinte:
Panno azul para sobrecasacas e calças covados 3,139, dito para capotes ditos 6,582, baêta verde ditos 2,483, panno preto ditos 398, casemira carmesim ditos 400, esteiras 1,670, casemira azul covados 25, luvas brancas de algodão pares 120, foles inglez pequeno 1, sapatos pares 2,061.
Quem quizer vender estes objectos apresente as suas propostas em carta fechada na secretaria do conselho ás 10 horas do dia 26 do corrente mez.
Secretaria do conselho administrativo para fornecimento do arsenal de guerra 19 de novembro de 1856.—Bento José Lamenha Lins, coronel presidente.—Bernardo Pereira do Carmo Junior, vogal e secretario.

Companhia de Beberibe.

O Sr. caixa da companhia esta' autorisado a pagar o 17.º dividendo, relativo ao semestre findo no ultimo de outubro, na razão de 2$250 por acção. Escriptorio da Companhia de Beberibe, 21 de novembro de 1856.—O secretario, Luiz da Costa Portocarreiro.

THEATRO DE SANTA IZABEL.

ESPECTACULO SOB A DIRECÇÃO DO ARTISTA O SR. SANTA ROSA.
BENEFICIO
DA SRA. D.
Florinda Knoth
E DO SR.
JOÃO PEREIRA DA COSTA LIMA.
Quinta-feira 27 denovembro de 1856.

Depois que o Exm. Sr. conselheiro presidente da provincia se dignar comparecer na tribuna, os Srs. professores da banda de musica militar do corpo de policia, de que he mestre o perito Sr. professor Pedro Nolasco Baptista, executarão uma das suas melhores ouverturas.

Finda a qual subira' a' scena a muito linda e interessante comedia joco-seria em tres actos, intitulada,

A SENSIBILIDADE NO CRIME.

Actores:
As Sras. D. Florinda Knoth, Jesuina, Alexandrina; os Srs. Santa Rosa, Alves, Ribeiro, Rozendo e Lima.
Os intervallos serão preenchidos com as melhores peças de musica do repertorio do mesmo Sr. Pedro Nolasco, e entre as quaes executarão (a pedido de muitas pessoas),

O MISERERE
opera da aria
O Trovador.

Dara' fim ao espectaculo com a muito jocosa farça,

A CRIADA ASTUCIOSA
OU
O BICUDO SOMNOLENTO.

He este o espectaculo que vai ser apresentado ao illustrado publico desta cidade, de quem esperam acolhimento.
Os bilhetes podem ser procurados em casa da beneficiada, rua de Hortas, sobrado n. 70.
Principiará as horas do costume.

Avisos Maritimos.

Rio de Janeiro.
Espera-se do Assu' o brigue «Imperador do Brasil», o qual depois da sufficiente demora para receber escravos a frete, seguira' para o porto indicado: a tratar com Manoel Alves Guerra, na rua do Trapiche n. 14.

AO RIO DE Janeiro

segue com brevidade o brigue nacional MARIA LUZIA, capitão João da Silva Moraes: tem grande parte do seu carregamento prompto, e para o restante trata-se com o consignatario Antonio de Almeida Gomes, na rua do Trapiche n. 16, segundo andar.

Maranhão e Pará

o palhabote nacional LINDO PAQUETE, capitão José Pinto Nunes, vai seguir com brevidade, pode ainda engajar alguma carga; trata-se com o consignatario Antonio de Almeida Gomes, na rua do Trapiche n. 16 segundo andar.

PARA O PORTO
segue com brevidade o superior brigue «Esperança», novo, da primeira viagem e forrado de cobre; para carga e passageiros, trata-se com Barroca & Castro, na rua da Cadeia do Recife n. 4, ou com o capitão na praça.

Para o Aracaty
O hiate «Duvidoso» segue com brevidade; para carga e passageiros, dirijam-se a Martins & Irmão, rua da Madre de Deos n. 2.

Aracaty.
Segue nestes dias o hiate Exalação; para o resto da carga e passageiros trata-se na rua da Cadeia do Recife n. 2.

PARA LISBOA.
O palhabote portuguez «Brilhante», capitão Antonio Braz Pereira, sahira' com toda a brevidade por ter a maior parte da carga prompta; para o resto da mesma trata-se com o dito na praça, ou com o consignatario Domingos José Ferreira Guimarães, na rua do Queimado n. 35.

Rio de Janeiro.
Até o fim da presente semana pretende seguir para o Rio de Janeiro a veleira barca brasileira «Saraiva», tem prompto dous terços de seu carregamento; para o resto e escravos a frete, para os quaes tem excellentes commodos, trata-se com o seu consignatario Antonio Luiz de Oliveira Azevedo, rua da Cruz n. 1.

Leilões.

Leilão.
O agente Borja, por autorisação do Exm. Sr. Dr. juiz especial do commercio, a' requerimento dos administradores da massa fallida de Nuno Maria de Seixas, fara' leilão, das propriedades abaixo declaradas, pertencentes a referida massa, a saber: 1 sobrado de 3 andares, sito na rua do Vigario n. 13; 1 dito tambem de 3 andares, na rua do Livramento n. 56; 1 dito de 2 andares, na rua Augusta n. 2; 1 casa terrea sita na travessa do Monteiro n. 1; 1 dita na travessa do Marisco n. 14; 1 dita na rua do Alecrim n. 1; 1 dita na rua do Mondego n. 7; 1 sitio na Casa-Forte, com boa casa de vivenda, senzala e cocheira, etc.; e 1 terreno de 28 palmos, correspondente a rua do Brum e a dos Guararapes; os Srs. pretendentes queiram, portanto, examinar com antecedencia as supraditas propriedades: o leilão tera' lugar quarta-feira 26 do corrente, as 10 horas da manhãa, no armazem do agente annunciante, sito na rua do Collegio n. 15.

LEILÃO DE BOLACHINHAS INGLEZAS.
O agente Pestana fara' leilão por conta de quem pertencer de 118 barricas de bolachinhas inglezas, as quaes serão vendidas pelo maior preço que dér, e em lotes a vontade dos compradores, terça feira 25 do corrente em seu armazem na rua da Cadeia do Recife n. 55 as 11 horas da manhãa; assim como vendera' uma escrava de nação, de idade 28 annos, muito bonita figura, e outros muitos objectos que se acharão patentes no mesmo armazem, se os cocurrentes assim exigirem.

Avisos Diversos.

—Nesta typographia precisa-se fallar ao Sr. Bento A. R. Tupinamba', que morou ou teve loja no pateo do Carmo.

ASSOCIAÇÃO TYPOGRAPHICA PERNAMBUCANA.
O primeiro secretario avisa a quem interessar que hoje ha sessão, as 6 horas da tarde.

— João de Aquino Gaspar pede a pessoa que recebeu uma carta na Bahia para lhe entregar, o que ainda não fez por ignorar a sua morada, o favor de a entregar na rua Direita n. 25 segundo andar, ou na loja do Sr. Guilherme da Silva Guimarães na rua do Crespo.

— Fugio hontem do primeiro becco da Cambôa do Carmo uma cabra bicho, com uma corda amarrada: quem a pegar leve-a ao mesmo becco que sera' recompensado.

— O secretario da irmandade do Divino Espirito Santo de S. Francisco em nome da mesa regedora convida a todos os seus dignos irmãos, para que no domingo 23 do corrente pelas duas e meia horas da tarde compareçam no consistorio da mesma irmandade, afim de encorporados acompanharem a procissão de Corpus Christi.

— Aterra-se por menos que he possivel, terrenos em alagado por empreitada: a tratar no armazem de madeiras do Miguel, confronte ao porto das canoas da rua Nova.

— Precisa-se de uma mulher de meia idade, que entenda de engommar, para se empregar nesse serviço, sómente de um homem: a tratar no pateo do Carmo, sobrado n. 3, das 9 horas até 10 da manhãa, e das 2 as 4 da tarde.

— Fugio no dia 13 do corrente mez o preto crioulo, de nome Caetano, representa ter 35 annos de idade, altura regular, barba fechada, costuma a estar por Santo Amaro e Campo Grande; quem o pegar póde leva-lo a rua larga do Rosario n. 37, que sera' recompensado.

— Fica em meu poder o bilhete inteiro da sexta parte da sexta loteria da matriz da Boa-Vista n. 2365 pertencente ao Sr. Manoel José de Sant'Anna Araujo, morador no Cabo.—Antonio Domingues de Almeida Poças.

— Recommenda-se a toda e qualquer autoridade policial ou capitão de campo que capturem o moleque Gonçalo, idade 18 annos, pouco mais ou menos, que desappareceu do abaixo assignado no dia 20 do corrente, e se julga estar perdido por ter sido comprado ha poucos dias vindo do sertão e não conhecer as ruas da cidade, isto em occasião de ir fazer um frete; levou camisa de riscado com mangas muito curtas e calça de ganga azul, altura regular, cheio do corpo, cara larga e algumas sarnas nas pernas: quem o pegar leve-o a praça da Boa-Vista n. 22.

— Precisa-se de um boleiro: na rua do Hospicio n. 3, sobrado.

— Pede-se ao autor do annuncio das lettras iniciaes J. A. S. M. se digne declarar se o mesmo se entende com o tenente José Antão de Souza Magalhães.

— Continúa a estar fugido o preto de nome Antonio, o qual he muito conhecido porque costumava vender tapioca, e depois tem estado alugado em algumas casas, e por ultimo tem estado ganhando nos carros da alfandega, e andava sempre com o preto Manoel que tem um braço de menos, o qual representa ter 18 annos, tem a orelha furada com uma argola do feitio de uma meia lua, e he conhecido por brinquinho, tem o dedo do pé junto do minimo muito pequeno, que fica muito dentro a vista dos outros, he muito bem fallante e intima de forro, tem sido sempre visto tanto no Recife como pela Boa-Vista, carregando trastes e agua: portanto se recommenda a policia e aos capitães de campo que o apprehendam e levem-o a travessa da Trempe n. 9.

— Precisa-se de uma pessoa que saiba cozinhar o ordinario de uma casa: na rua do Hospicio n. 9.

— Quem precisar de um forneiro de perfeição para qualquer padaria, procure na praça da Independencia, loja ns. 19 e 21.

— Precisa-se de uma ama que saiba bem cozinhar: na rua do Queimado, loja n. 46.

— Desappareceu um mulatinho por nome Izidoro, de menor idade, na rua Direita ao meio dia, no dia 21 do corrente: quem o achar dirija-se a rua das Aguas-Verdes n. 1, que sera' recompensado do seu trabalho.

— Precisa-se de uma ama que saiba bem cozinhar: na rua do Queimado n. 38.

NOTICIA.
Sairão a luz, impressas na typographia de Santos & C. 1856, as «Instituições liturgicas» para uso do clero em geral e dos seminarios em particular, compostas para o Seminario Romano pelo conego João Fornice, postas em vulgar com as notas com que as havia enriquecido Mr Boissonet, professor do grande Seminario de Provença, autor do diccionario de Ritos Sagrados etc. etc., por Ignacio Francisco dos Santos, presbytero secular.

Esta obra, que serve de compendio ao estudo de Liturgia no grande Seminario da Bahia, e nos seminarios do Rio de Janeiro, de Olinda, do Maranhão, do Pará etc., e cuja vulgarisação o Exm. Sr. arcebispo da Bahia não duvidou de qualificar como um serviço prestado a religião e as lettras, não só pela correcção e pureza da linguagem e como por que assim o traductor facilitou o estudo e o conhecimento desta parte tão essencial da sciencia ecclesiastica, he dividida em 4 partes; a primeira trata do santo sacrificio da missa; a segunda do officio divino; a terceira da administração dos Sacramentos; e a quarta finalmente das bençãos, das procissões e dos officios funebres.

A edição he nitida, feita com typos novos, em bom papel, formato de 12 maximo, quasi igual ao 8.º commum francez, e certamente faz honra aos prelos pernambucanos.

Vende-se cada exemplar de 440 paginas de impressão em typos de 8 pontos, entrelinhados, pelo barato preço de 4$ rs., brochado, e 5$ rs., encadernado, nas livrarias da rua da Cruz do bairro do Recife n. 56, e do largo do Collegio, n. 2.

Ignacio Francisco dos Santos.

— Hoje estara' a' venda no largo da Praça da Independencia, um cavallo que carrega, esquipa, e he optimo para viagens.

Hospital Portuguez de Beneficencia.

Em consequencia da deliberação tomada em sessão de assembléa geral dos senhores accionistas do Hospital de 9 do corrente, foi transferida do primeiro domingo de dezembro para o primeiro domingo de janeiro, a sessão ordinaria da mesma assembléa geral, procedendo-se neste dia, depois de lido o relatorio, a eleição da junta administrativa e da commissão de exame de contas, que serão immediatamente empossados, devendo a commissão de exame de contas dar o seu parecer dentro de 15 dias, para ser presente á assembléa geral, que se reunira' novamente no terceiro domingo de janeiro.

Hospital Portuguez de Beneficencia em Pernambuco 12 de novembro de 1856.—O secretario,
Manoel Ferreira de Souza Barbosa.

— A mesa regedora da irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos da matriz do Corpo Santo, convida a todos os seus irmãos para comparecerem no domingo 23 do corrente, pelas 3 horas da tarde, para encorporados acompanharem a procissão de Corpus Christi, assim como se roga a todos os irmãos que tiverem capas em seu poder, deas mandar entregar ao thesoureiro.—O escrivão, Domingos José da Costa Guimarães.

—A pessoa que perdeu uma carteira com dinheiro, a qual foi achada por um crioulo escravo, pode apparecer na casa do subdelegado da freguezia da Boa-Vista, que dando os signaes da carteira e da quantia perdida, lhe sera' promptamente entregue.

Aviso as senhoras que enfeitam bandejas com bolinhos e mesmo para presepes, que veram em bom tempo de festa.
Na confeitaria de Pinto & Irmão na rua da Cruz n. 21 em frente ao chafariz, ahi encontrarão os compradores diversos objectos em doce e figuras proprias para presepes e bandejas para casamentos e bailes, que ha muito deviam ter chegado para melhor se enfeitarem ditas bandejas o mais delicado que he possivel, vindo da Italia e França pelo ultimo navio, e os preços são commodos; assim como amendoas confeitadas e caixinhas para as ditas que servem para se brindar, assim como outros doces e bolinhos finissimos que se podem encontrar: os mesmos donos aprompiam qualquer encommenda de bandejas e commodos preços, o mais breve e com asseio que he possivel.

— Precisa-se de um senhor para guarda livros de uma casa commercial, que tenha boa lettra e habilitações necessarias para escripta: quem estiver nestas circumstancias pode se dirigir a rua da Madre de Deos loja n. 36—A que se dirá quem pretende a pessoa que tiver taes habilitações.

— The undersigned has the pleasure to make known to the public in general, aud especially to Ship Masters, that he has lately opened his new establishment at Parahiba as a Ship Chandler and Grocers Store, where he shall be happy to execute any orders which they may intrust him evith.
Antonio Francisco Ramos
Ship Chandler

LOTERIA DO RIO DE JANEIRO.
Resumo da extracção dos premios da 2 loteria concedida para construcção do asylo de Santa Leopoldina, estabelecido na capital da provincia do Rio de Janeiro; extrahida em 6 de novembro de 1856.

1	3351	20:000$
1	4530	10:000$
1	335	4:000$
1	3649	2:000$
6	128—2432—2440—3087	
	3135—4023	1:000$
10	470—1283—1440—1541	
	1632—1727—2160—2210	
	3512—5910	400$
20	14—237—350—1232	
	1809—1889—2216—2679	
	2814—2969—3006—3323	
	4015—4475—4577—4805	
	4826—5096—5359—5534	200$
60	171—238—328—492	
	814—847—876—912	
	1131—1133—1190—1192	
	1226—1254—1266—1271	
	1455—1487—1528—1566	
	1650—1700—2042—2032	
	2129—2299—2359—2483	
	2943—2976—3002—3007	
	3022—3168—3442—3681	
	3728—3841—3861—4220	
	4257—4265—4567—4613	
	4648—4661—4671—4721	
	4835—4845—5363—5368	
	5486—5624—5855—5858	
	5889—5916—5918—5974	100$
100	de	40$
1800	de.	20$
2000	premios.	

— Perderam-se no dia 21 do corrente dous mandados de penhora de que he autor Joaquim da Silva Lopes: pede-se a quem os tiver achado os queira levar a travessa da Madre de Deos n. 18, segundo andar, que sera' recompensado.

— Precisa-se de um feitor para engenho distante desta praça 8 leguas, que entenda da agricultura, horta, plantações de flores etc. e que dê conhecimento de sua conducta, prefere-se casado: a tratar na rua do Queimado n. 12, loja.

— Alugam-se escravos da Costa, acostumados ao carreto de saccos de assucar a 1$ diarios, com a grande vantagem de não carregarem a cabeça, e sim em carros com bois: na rua da Senzala Velha n. 70, segundo andar.

— William Lilley Junior, negociante matriculado nesta cidade, tendo de retirar-se para os Estados Unidos, deixa por seu bastante procurador o seu pai o Illm. Sr. William Lilley, consul americano.

— Em dias de setembro proximo passado fugio do engenho Poço Comprido uma escrava crioula, cor fula, olhos grandes, bastante alta, braços compridos e delgados, um pouco gaga, chama-se Ignacia, com idade de 30 annos, ou pouco mais, he captiva de Silvano Antonio Gaião: quem a prender ou der noticias certas será bem recompensado de seu trabalho.

— Apprehendeu-se no dia 19 do corrente, na povoação de Santo Amaro de Jaboatão, uma preta de meia idade, seguia com um comboy para cima, tem panno da Costa e vestido muito sujo, diz que he do Sr. Manoel de Abreo, não diz a rua: por isso quem se julgar com direito a mesma appareça na rua Direita n. 95, que pagando as despezas lhe sera entregue.

— Precisa-se de uma ama de meia idade para casa de familia, que cozinhe e compre: na rua de Hortas n. 51.

— A pessoa que lhe faltar um cavallo de estribaria, dirija-se a fabrica de charutos do aterro da Boa-Vista n. 77, que dando os signaes lhe sera' entregue.

— Precisa-se de 1:500$000 com o premio de um por cento por tempo de um anno, dando-se por garantia um predio nesta cidade livre e desembaraçado, e que rende annualmente 600$000: quem quizer este negocio annuncie.

— Constando ao abaixo assignado, que o seu excaixeiro João Nepomuceno da Silva, anda pelo centro da provincia cobrando dividas que lhe não pertencem, previne a todos os devedores da casa que exijam delle a relação existente em seu poder, por mim assignada; e, no caso que na mesma não estejam seus nomes lançados, devem satisfazer á casa e não ao referido caixeiro, pois que não levarei em conta qualquer recibo por elle passado. Recife 20 de novembro de 1856.—Amaro Benedicto de Souza.

— Da-se 1:000$000 em prata por dinheiro graudo, com um por cento de premio: a fallar nesta typographia, ou rua da Praia n. 20.

— Precisa-se de uma ama de leite, que seja forra e sadia: na rua do Crespo n. 5, casa da esquina que volta para a rua do Collegio.

Madama Rosa Hardy,
modista brasileira.
Rua Nova n. 34.

Tem a hoara de annunciar ao respeitavel publico que recebeu de França pelo navio ultimo chegado, um rico sortimento de chapeos de seda para senhoras, ditos de seda e de palha, de forma nova, da ultima moda para meninas de 2 a 6 annos, um grande e variado sortimento de enfeitos para cabeça de senhora, de flores, fita e froco, cortes de vestido de seda branco, ditos de cores, grosdenaples de differentes cores, córtes de vestidos de garça de seda muito modernos, e muitas outras fazendas. Na mesma casa compra-se uma escrava moça e recolhida, que cose bem e engomme.

— Precisa-se para uma casa estrangeira de um cozinheiro que seja perito em seu officio, paga-se bem sendo fiel e não tendo vicios: a tratar na rua do Trapiche n. 32, segundo andar.

AO PUBLICO.
No armazem de fazendas baratas, rua do Collegio n. 2,
vende-se um completo sortimento de fazendas finas e grossas, por mais barato preços do que em outra qualquer parte, tanto em porções como a retalho, affiançando-se aos compradores um só preço para todos: este estabelecimento abrio-se de combinação com a maior parte das casas commerciaes inglezas, francezas, allemãos e suissas, para vender fazendas mais em conta do que se tem vendido, e por isto offerecem elle maiores vantagens do que outro qualquer; o proprietario deste importante estabelecimento convida á todos os seus patricios, e ao publico em geral, para que venham (a bem dos seus interesses) comprar fazendas baratas: no armazem da rua do Collegio n. 2, de—Antonio Luiz dos Santos & Rolim.

— Quem precisar de entulho de caliça, mande buscar na matriz da Boa-Vista.

— Precisa-se alugar uma preta que cozinhe e engomme para o serviço interno de uma casa de pequena familia; paga-se bem: na rua Imperial, casa n. 191.

— O abaixo assignado comprou aos Srs. credores de Manoel João Francisco Duarte a loja da rua Nova n. 10, e as dividas da mesma; por isso roga-se aos Srs. devedores mandem pagar seus debitos no prazo de 8 dias, do contrario serão entregues as contas ao procurador para promover a cobrança. Recife 15 de novembro de 1856.
João Ignacio Soares de Avellar.

— Aluga-se um bom sitio para passar a festa no lugar do Cordeiro a margem do rio, com boa casa para grande familia, estribaria para 4 cavallos, asas para pretos e feitor, bonito pomar, muita ortaliça, grande baixa de capim: quem o pretender dirija-se a rua da Cadeia do Recife n. 4.

— Precisa-se de um trabalhador de masseira: na rua Direita n. 21.

— Precisa-se de uma ama para casa de pouca familia: na rua do Rangel n. 40, segundo andar.

—Domingos Alves Matheus sacca sobre a Bahia. Recife 20 de setembro de 1856.

—Precisa-se de uma ama capaz para tomar conta de uma casa de familia, preferindo-se que saiba engommar com perfeição, para occupar-se com este mister nas horas vagas: quem estiver nestas circumstancias, dirija-se a taberna da rua da Aurora, que se lhe dira' quem precisa.

— Precisa-se de uma ama forra ou captiva para o serviço de casa: na rua da Lingoeta, taberna n. 4.

— Quem quizer comprar uma tipoia dirija-se a rua do Sebo n. 5, de manhãa até as 9 horas do dia.

— Precisa-se de um caixeiro que saiba vender n'uma taberna e loja, para tomar conta de uma loja na villa de Pao-d'Alho: quem estiver nestas circumstancias póde dirigir-se a rua do Sebo n. 5.

— O bacharel formado em direito Antonio de Vasconcellos Menezes de Drummond, antigo advogado deste fôro, póde ser procurado para o exercicio da sua profissão na rua do Hospicio n. 9.

— Precisa-se de um sacerdote para capellão de um engenho na freguezia de Escada: a tratar na rua da Cadeia do Recife n. 50.

— Antonio José Zacarias de Carvalho, com armazem de molhados na rua da Senzala Velha n. 136, avisa ao respeitavel publico, que o Sr. Joaquim José Bernardo de Oliveira deixou de ser seu caixeiro desde o dia 17 do corrente.

Irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves.
A mesa regedora da mesma irmandade, convida a todos os seus irmãos em geral, para terem a bondade de comparecer no dia 23 do corrente pelas 3 horas da tarde, na igreja do Corpo Santo, afim de encorporados acompanharem a procissão de Corpus Christi, para a qual foram convidados por S. Exc. Rvm. Recife 19 de novembro de 1856.—O escrivão, Francisco João de Barros.

— Na rua do Vigario n. 33, precisa-se de um caixeiro que tenha bastante pratica de taberna.

— Para o serviço interno precisa-se de uma pessoa que cozinhe e engomme: na rua Nova n. 17.

— Precisa-se de um portuguez para feitor de 1 engenho que tenha alguma pratica: quem estiver nestas circumstancias dirija-se a rua da Cruz n. 21 escriptorio, que achará com quem tratar.

— Na loja de José Antonio Moreira Dias, na rua Nova n. 35, vende-se um completo sortimento das melhores perfumarias chegadas ultimamente, ricas carteiras de madreperola e de marfim para homem e Sra., carteiras de tartaruga para guardar bilhetes de visita, boas fitas de seda lisas e lavradas de lindos matises, fitas de velludo, trancinhas de lan de diversas cores, facas de madreperola, ditas com cabo de pé de viado proprias para fechar cartas, bonitos objectos de fantazia, luvas de seda de cores para senhora, ditas de fio de Escocia para homem, meias para homem e senhora e meninas, escovinhas para unhas, ditas para dentes, ditas para cabello, ditas para chapeo, ditas para fato, pentes de tartaruga para alisar cabellos; ditos de bufalo de todos os tamanhos, ricas abotoaduras douradas para para abertura e punhos, bicos e rendas de todas as larguras, carteiras com agulhas francezas, caixinhas com colxetes, ditos francezes em cartões, cartas francezas muito finas, carriteis de linha de 200 jardas, retroz de todas as cores, botões de madreperola para camisas, ricas charuteiras, papel amisade, dito de peso pautado, dito perlina, tesourinhas muito finas para unhas, ditas de todos os tamanhos para costura, lindos toucadores para senhoras, carteiras para algibeira, caixinhas com lacre muito fino, lapis finissimos, fivellas douradas para cos, obreias, ditas de cola, pos muito finos para dentes, canivetes muito finos de 1 até 4 folhas, e immensos objectos de muito bom gosto e por preços muito commodos.

—Na loja de ferragens e miudezas de José Antonio Moreira Dias na rua Nova n. 35, vende-se muito boas espingardas francezas de um e dous canos, ricos bules e cafeteiras de metal de principe, muito boas esporas de aço, brides, picadeiras, couro de lustre muito bom, cera de Lisboa em velas de 1 até 16 em libra, bugias, tudo por barato preço.

AVISO.
PARA QUEM GOSTA DO FRESCO.
Na taberna do Retiro casa do Ramos, ha excellente banho d'agua doce para refrescar o ardente calor que nos abraza, a 120 reis cada um; tambem ha boa agua de caju' cristalisada, e outras bebidas diversas refrigerantes; jogo de bolla, e tudo quanto se possa precisar sem ser preciso ir ao matto passar a festa.

ATERRO DA BOA-VISTA N. 16.
Mr. Pomateau tem a honra de participar ao publico, que recebeu pedras para fazer amolação todos os dias.

— Na rua de S. Gonçallo n. 14, precisa-se de uma ama de leite, sadia, e sem filho: paga-se com generosidade.

— Na rua de S. Gonçallo n. 14, precisa-se de uma escrava fiel para o serviço de casa e compras para pouca familia: paga-se bem.

— Precisa-se de uma ama para tratar do arranjo interno de uma casa de pequena familia; a fallar no aterro da Boa-Vista loja n. 44.

MUTILADO ILEGÍVEL

DEPOSITO DE LIVROS E BOTICAS HOMEOPATICAS,
DO
CONSULTORIO
DO
DR. P. A. LOBO MOSCOSO.

O Dr. P. A. Lobo Moscoso, tendo de fazer uma viagem deixa a sua botica sôb a direcção de pessoa habilitada e de inteira probidade, e um deposito na loja de livros do Sr. Manoel Nogueira de Souza na rua do Crespo, sobrado novo do Sr. Magalhães Bastos.

PREÇOS FIXOS.

Botica de 12 tubos grandes.	10$000
Dita de 24 » »	15$000
Dita de 36 » »	20$000
Dita de 48 » »	25$000
Dita de 60 » »	30$000
Manual de medicina homeopathica do Dr. Jahr com o diccionario dos termos de medicina	20$000
Medicina domestica do Dr. Henry.	10$000
Tratamento do cholera morbus	2$000
Repertorio do Dr. Mello Moraes.	6$000

PEDRAS PRECIOSAS.

Adereços de brilhantes, diamantes e perolas, pulceiras, alfinetes, brincos e rozetas, botões e anneis de differentes gostos e de diversas pedras de valor.

Compram, vendem ou trocam prata, ouro, brilhantes, diamantes e perolas, e outras quaesquer joias de valor, a dinheiro ou por obras.

MOREIRA & DUARTE.

LOJA DE OURIVES

Rua do Cabuga' n. 7.

Recebem por todos os vapores da Europa as obras do mais moderno gosto, tanto de França como

OURO E PRATA.

Adereços completos de ouro, meiosditos, pulceiras, alfinetes, brincos e rozetas, cordões, trancelins, medalhas, correntes e enfeites para relogio, e outros muitos objectos de ouro.

Apparelhos completos, de prata, para chá, bandejas, salvas, castiçaes, colheres de sopa e de chá, e muitos outros objectos de prata.

de Lisboa, as quaes se vendem por preço commodo como costumam.

Grande e asseiado collegio em Lisboa,

para meninas, internas e externas, cuja educação, prendas e mais vantagens, se poderão avaliar, em presença dos estatutos, que se acham na rua do Crespo loja n. 16, ou na esquina que volta para a rua da Cadeia.

ALVICARAS, RAPAZEADA !

Boa nova tenho a dar;
Este sol que vos abraza
Vai-se em gelo transformar.

La' do Pólo, onde os Lapões
Vivem na toca enfurnados,
Chegou nectar que refresca
Vossos labios dessecados.

E o Soares, que jurou guerra
Ao fogo, ao sol, ao calor,
Com gelo, ananaz e outras
Mitigara' vosso ardor.

Junto ao becco do Rosario
Ide, pois, e encontrareis
Ser verdade o que vos conto;
Bom cobre la' deixareis.

PREVIDENCIA,

Companhia de seguro contra a mortalidade dos escravos estabelecida no

RIO DE JANEIRO.

CAPITAL 2,000:000$000.

Agencia filial de Pernambuco n. 13 rua do Crespo.

Pagar-se-ha sobre a avaliação de 1:000$000 (e mais ou menos em proporção de outro valor) inclusive o sello da apolice etc.

Das idades.

De 12 até entrar aos 40 annos 36$100 por anno.

As condições impressas poderão ser procuradas no escriptorio da companhia.

Dar-se-ha consultas gratis aos escravos seguros das 9 para 10 horas da manhãa, no escriptorio da companhia.

— Ensina-se a pilotagem theorica-pratica, o curso mathematico e francez, contas para o commercio: a tratar na rua do Nogueira n. 7.

Aluga-se

5 casas na Torre, caiadas e pintadas, para se passar a festa, por commodo preço: na rua da Cadeia de Santo Antonio n. 17.

Companhia Pernambucana.

Os senhores que subscreveram novas acções desta companhia, são convidados a entrar com a primeira prestação de 30 por cento, no prazo de 30 dias: no escriptorio do Sr. Antonio Marques de Amorim, rua da Cruz. Recife 18 de outubro de 1856.—Manoel Alves Guerra, secretario interino.

—Recebe-se dinheiro para mandar dar na cidade do Porto, por letras, sejam de pequenas ou maiores quantias, ao cambio corrente: na rua do Trapiche n. 40, segundo andar.

— Aluga-se uma das lojas da casa de sobrado do aterro da Boa-Vista n. 11, proprio para qualquer estabelecimento: a tratar no mesmo sobrado, ou na rua da Cadeia do Recife no escriptorio da casa n. 3, quasi confronte ao dos Srs. Barroca & Castro.

— Precisa-se de um bom criado e paga-se bem agradando o serviço e comportamento: a tratar no campo do Hospicio junto ao quartel casa do desembargador Mendes da Cunha.

O Dr. Caetano Xavier Pereira de Brito (medico), faz sciente aos seus amigos e ao respeitavel publico, que regressando de sua viagem, continua a residir no aterro da Boa-Vista n. 45, no segundo e terceiro andar, aonde sempre o encontrarão prompto aos mysteres de sua profissão.

— Aluga-se a loja da casa da rua da Aurora n. 54, onde foi officina do fallecido marcineiro Henrique: quem pretender dirija-se ao Sr. João Pinto de Lemos Junior, no seu escriptorio, ou casa de sua morada, na rua da Aurora.

— Precisa-se para o serviço interno e externo de uma casa estrangeira, de um preto: a quem lhe convier dirija-se a rua da Cruz n. 4.

—Precisa-se fallar ao Sr. Joaquim José Marques, que morou em Santo Amaro: na livraria ns. 6 e 8, da praça da Independencia.

DENTISTA FRANCEZ.

Paulo Gaignoux, de volta de sua viagem a Europa, está morando na rua Nova n. 41, primeiro andar, onde pode ser procurado a qualquer hora.

Almanak da provincia.

Estando se confeccionando o almanak da provincia, roga-se a todas as pessoas que costumam nelle ser incluidas, e que o não estiverem, ou houver algum erro, queiram mandar levar a livraria numero 6 e 8 da Praça da Independencia, a emenda, assim como pede-se aos senhores de engenhos, se dignem mandar igualmente as transferencias a mesma livraria.

—Precisa-se de uma lavadeira que seja boa, não demore a roupa no rio e dê fiador a sua conduta: na praça da Independencia livraria ns. 6 e 8.

— Precisa-se de uma ama que seja fiel, que cozinhe e engomme com toda perfeição, para uma familia estrangeira de duas pessoas, paga-se bem; na rua do Trapiche n. 40, primeiro andar.

COMPANHIA DE SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES,

ESTABELECIDA NO RIO DE JANEIRO.
CAPITAL 16,000:000$000.

A companhia tem sua agencia no escriptorio de viuva Amorim & Filho, rua da Cruz n. 45, onde aceita todas as propostas de seguros de riscos e fortuna do mar.

Sobre o casco, quilha e pertences de navios de qualquer lotação na navegação de longo curso, de cabotagem, ou fluvial, ou na pesca, em viagem ou prestes a viajar, em carga ou descarga, amarrados ou ancorados, em concerto ou no estaleiro, quer por tempo certo, quer por viagem simples, ou a premio ligado.

Sobre mercadorias desde o momento de seu embarque ate o de sua descarga e deposito.

Sobre os lucros esperados de mercadorias encaminhadas para qualquer mercado.

Sobre o casco e quilha de embarcações miudas empregadas em descarga e trafico dos portos.

Sobre o capital e premios de dinheiro a risco.

Sobre o premio dos seguros e premio dos premios.

Sobre acções de terceiro por damnos causados por abalroamentos fortuitos.

Sobre os fretes.

A companhia recebe tambem propostas de seguro de riscos de incendio e damnos causados para preveni-lo ou extingui-lo de raio ou fogo celeste, e inundações.

SOBRE OS SEGUINTES OBJECTOS.

Predios urbanos ou ruraes, igrejas e quaesquer estabelecimentos, com exclusão de depositos, fabricas e laboratorios de polvora, e materias incendiarias ou inflammaveis, theatros e casas de espectaculos.

Mercadorias em qualquer parte que estejam, mobilia e utencilios de fabricas de quaesquer estabelecimentos industriaes, quer sejam feitas por seus proprietarios, quer pelos uso-fructuarios, locatarios, sublocatarios ou credores hypothecarios.

Finalmente aceita propostas sobre re-seguros, quer dos seguradores, quer dos segurados, nos casos em que a estes póde competir o re-seguro.

A companhia garante a prompta indemnisação da importancia de quaesquer sinistros, e a modicidade dos premios: igualmente um abatimento ás pessoas que na roda do anno fizerem uma avultada somma de seguros.

SEGURIDADE.

Companhia de seguros maritimos, estabelecida no Rio de Janeiro.

Capital mil contos de reis.

Offerece ao commercio vantagens que nenhuma outra companhia tem feito até agora. Aceitam-se propostas de seguro no escriptorio de Isaac, Curio & Companhia, agentes da companhia, rua da Cruz n. 49.

SEGURO CONTRA FOGO.
Companhia Alliance.

Estabelecida em Londres, em março de 1824.
Capital cinco milhões de libras esterlinas.

Saunders Brothers & C., tem a honra de informar aos Srs. negociantes, proprietarios de casas, e a quem mais convier que estão plenamente autorisados pela dita companhia para effectuar seguros sobre edificios de tijolo e pedra, cobertos de têlha e igualmente sobre os objectos que contiverem os mesmos edificios quer consista em mobilia ou em fazendas de qualquer qualidade.

Cozinheiro.

Precisa-se alugar um cozinheiro, escravo, que seja asseiado e não bebado, fiel, etc.: na rua da Cadeia de Santo Antonio, segundo andar da casa amarella.

J. JANE, DENTISTA,

continúa a residir na rua Nova n. 19, primeiro andar.

RUA NOVA n. 22.

L. Delouche acaba de receber um bello sortimento de relogios suissos de todas as qualidades, tanto de ouro como de prata, ditos galvanisados e folcados; assim como ha tambem meios chronometros e relogios francezes, com caixas, todos afiançados.

— Precisa-se de uma mulher idosa e de bons costumes para uma casa de pouca familia, assim como de um homem cozinheiro: a tratar em casa do desembargador Mendes da Cunha, junto ao quartel do Hospicio.

— O abaixo assignado avisa aos proprietarios das casas foreiras das ruas de Santa Cecilia, Nogueira, Açouguinhos, S. José, Santa Rita e praia da mesma, que venham ou mandem pagar os fóros vencidos, assim como se devem entender com o mesmo abaixo assignado para obterem a licença para traspassos nas occasiões em que lhes seja preciso faze-los: na rua dos Pires n. 33.—Manoel Gomes Veigas.

JOÃO DA SILVA RAMOS,

MEDICO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA,

continúa a receber em sua casa na rua do Cabugá n. 16, das 8 as 10 horas da manhãa, e das 3 as 5 da tarde, as pessoas que o queiram consultar: bem como se presta a sahir com a já reconhecida promptidão, a visitar qualquer enfermo, a toda a hora do dia ou da noite, quer dentro quer fóra da cidade.

ENTULHO.

Quem precisar de entulho de caliça, e de terra misturada com caliça, mande buscar na rua das Cruzes da freguezia do Santo Antonio junto a typographia.

Bilhetes de visita.

Gravam-se e imprimem-se com perfeição bilhetes de visita, lettras de commercio e todos os objectos da arte caligraphica, registros, vinhetas e quaesquer desenhos, abrem-se firmas, sinetes, tanto a talho doce como em relevo, ornamentos em objectos de ouro e prata, fazem-se riscos lindos e originaes para bordados de labyrintho; admitte-se a recusa de quaesquer destes objectos no caso de não ficarem a contento das pessoas que os encommendarem: quem pretender dirija-se a qualquer destes lugares: no bairro do Recife, rua da Madre de Deos n. 32, primeiro andar; em Santo Antonio, na livraria classica do pateo do Collegio n. 2; nas Cinco Pontas, sobrado da quina confronte a matriz nova.

— Precisa-se de uma ama de leite para criar uma menina. Tambem precisa-se de uma ama para andar com um menino; na rua Direita n. 86, segundo andar.

Aferição.

O abaixo assignado, arrematante das aferições do municipio do Recife, scientifica a quem convier, que tem estabelecido o seu escriptorio no pateo do Terço n. 16, aonde dara' expediente das 8 da manhãa as 3 da tarde.—José Custodio Peixoto Soares.

Seguros contra o fogo.

LONDRES.

Companhia Northern.

CAPITAL, — £1,260,000—Estabelecida em 1836.

Para effectuar seguros sobre propriedades, mercadorias, mobilia e generos de quasi toda a qualidade. Premio de 3/8 até 1/2 0/0 ao anno.—Agentes, C. J. Astley & C.

Irmandade do Santissimo Sacramento da Matriz da Boa-Vista.

Por deliberação da mesa regedora, são convidados todos os irmãos em geral, para comparecerem no dia 23 do corrente (domingo), as 2 horas da tarde, no consistorio da mesma irmandade, afim de encorporados acompanharem a procissão de Corpus-Christi, para que fomos convidados por Sua Exc. Reverendissima.

Compras.

— Compram-se apolices da divida provincial, na rua das Flores n. 37 1.º andar.

— Compram-se garrafas vasias a 8$000 o cento: na rua da Senzala Velha n. 110, no deposito de bebidas espirituosas.

— Compra-se uma planta de capim, que dê para sustento de seis animaes, e tambem se fara' negocio com o terreno por compra ou aluguel, não excedendo o lugar de meia legua de distancia do Recife: a tratar na rua do Pocinho, em casa do capitão Franca.

— Compra-se um escravo de meia idade, que seja robusto, e saiba trabalhar em sitio: a tratar no aterro da Boa-Vista loja n. 44.

— Compra-se papel Diario para embrulho, a arroba a 3$840: na padaria do aterro da Boa-Vista n. 66.

— Compra-se um boi para carroça, estando mesmo magro que não possa prestar serviço, com tanto que seja novo, bom, e não esteja a morrer: quem o tiver e esteja disposto a da-lo em conta, dirija-se a praça da Boa-Vista, sobrado na esquina que volta para a rua da Conceição, onde achara' com quem tratar.

Vendas.

CORDAS PARA VIOLA'O.

Vende-se superior cordas e bordões para violão e rabeca chegadas proximamente: na praça da indencia n. 3.

— Vende-se area posta na obra, em grande e pequena porção, por preço muito commodo: no armazem de madeiras do Miguel, confronte o porto das canoas da rua Nova.

EXCELLENTE FUMAÇA.

Os amantes de bons charutos os encontrarão da melhor fabrica da cidade da Bahia, na loja de livros da esquina da rua do Collegio; a elles, antes que se acabem.

RUA DO QUEIMADO N. 35.

Latas com fructas em conserva novamente chegadas de Lisboa a 800 rs., e com marmelada fina a 640 por libra.

BATATAS E CEBOLAS.

Para liquidar se vendem muito baratas: no armazem de Antonio Annes Jacome Pires defronte da porta da alfandega.

— Vende-se uma casa terrea nova, em chãos proprios, sita na Boa-Vista, rua do Jasmim: os pretendentes dirijam-se a rua da Conceição n. 11, que dirá quem vende.

Deposito de pão.

Vende-se pão o melhor possivel a 22 por pataca; as pessoas que quizerem ser fornecidas, levando-se em suas casas, deixem suas moradas no mesmo estabelecimento, na rua da Cadeia de Santo Antonio n. 6. No mesmo deposito ha quem enfeite bandejas para bailes e soirées pelo costume do Rio de Janeiro, sendo enfeitadas com gosto, e doces finos em bandejas de todos os tamanhos a vontade, e por preço muito barato. Vende-se tambem na mesma casa chá superior a 2$500 a libra, bolachinhas de ovos que tanto desafiam ao apetite a 640, bolachinhas a moda de Braga a 480, velas de espermacete a 1$000, assucar refinado cristalisado a 240, muito alvo a 200 rs. Tambem ha sempre um variado sortimento de bolachinhas, biscoutos, champagne, xaropes, vinhos, charutos superiores, e muitos outros generos, que tudo se vende muito em conta por ser casa nova.

— Vende-se superior banha de porco, igual a de Lisboa a 440 a libra: na rua do Cano n. 42.

— Vende-se uma preta, cozinha e lava de sabão: na rua da Aurora n. 44.

— Vende-se uma negrinha crioula, com 5 annos de idade: quem a pretender dirija-se a rua Direita n. 95.

— Vende-se uma propriedade no lugar do Peres, com bastantes commodos para uma grande familia, com arvores de fructo: os pretendentes dirijam-se a Victorino Francisco dos Santos, ou na mesma casa e lugar, a fallar com o Dutra.

— Vende-se manteiga ingleza a 560, 640 e 720, dita franceza a 600 rs., toucinho de Santos a 240 e 280, carnes e orelhas de porco a 160, feijão mulatinho novo a 500 rs., dito preto a 480, e branco a 400 rs. a cuia, azeite de carrapato a 280 a garrafa: na rua das Cruzes n. 20.

— Vende-se na rua Direita n. 27 uma canoa de carreira nova em folha.

— Vende-se um bom cabriolet, pintado e forrado de novo, com arreios e cavallo, ou sem elle: a tratar na rua do Trapiche Novo n. 12, escriptorio 1.º andar.

—No trapiche do Ramos vende-se superior jacaranda'.

— Vende-se uma escrava crioulá, a qual he quitandeira, fateira e lavadeira de varella e sabão: a tratar na estrada dos Afflictos em casa do tamanqueiro.

— Vende-se manteiga ingleza flor a 1$120, dita a 800 rs., dita franceza a 640, passas muito novas a 600 rs., figos a 220, bolachinha ingleza nova a 320, batatas a 80 rs., velas de carnauba refinada a 480, queijos do reino a 2$000, aletria a 180, vinho a 560, 640, 800 e 1$000, e outros muitos generos em conta: na taberna da quina da rua dos Martyrios n. 36.

— Vende-se uma cadeira da Bahia em muito bom estado: quem a pretender dirija-se ao pateo do Terço n. 7.

— Vende-se a confeitaria da rua da Cruz n. 17: a tratar na mesma com o dono A. A. Porto.

Fama Primeira.

Ao aterro da Boa-Vista n. 8, defronte da boneca, he chegado um grande sortimento de todas as qualidades de generos de molhados das melhores qualidades, por preço commodo; por isso convida a todos os freguezes que quizerem fazer sortimento para passar a festa e serem bem servidos, dirigirem-se a este grande estabelecimento, que acharão verdade quanto digo neste annuncio. Tambem se vendem biscoutinhos finos inglezes a 2$000 a lata, e de dez para cima mais barato, e uma porção de caixas vasias de espermacete, azeite doce, licores, massas, chá, e outras etc.

— Na quinta casa do lado direito da rua da União vende-se um moleque de 14 a 15 annos.

Semente de coentro.

Vende-se semente de coentro muito nova, cada garrafa 320: na taberna da quina da rua dos Martyrios n. 36.

— Vendem-se sapatos de couro de lustre e panno para senhora, pés pequenos a 400 rs. o par: na rua do Livramento n. 41.

Para padaria e refinação

Vendem-se as melhores peneiras de arame amarello, vindas de Lisboa, por barato preço: na padaria da rua estreita do Rosario n. 13.

— Vende-se um balcão de amarello para escriptorio, e uma carteira de duas faces em meio uso, uma mais pequena de uma face usada, na rua da Cruz n. 35 segundo andar.

— Na rua do Cabuga', loja de miudezas n. 4, defronte do lampeão, vendem-se babados de panno de linho de todas as larguras, tanto aberto como bordado, mais barato do que em outra qualquer parte, por se querer saldar contas com o fabricante.

SEMENTE DE COENTRO

nova, vinda do sertão: vende-se na rua da Cadeia de Santo Antonio n. 6, cada garrafa 500 rs.

— Vende-se um piano por preço commodo, que muito agradara' ao comprador: na rua do Aragão n. 14.

OBRAS DE MARMORE

Basto & Lemos, na rua do Trapiche n. 17, tem para vender estatuas, pias, pedras para mesas e tijolos de 10 e 12 polegadas, quadrados, todas estas obras de marmore, de elegante gosto, perfeitas e em bom estado, e por preços commodos.

Chapeos de palha de Italia.

Basto & Lemos, na rua do Trapiche n. 17, tem para vender chapeos de palha de Italia, dobrados e singelos para homem, tambem de phantasia, e para meninos e meninas, das melhores fabricas e modernos gostos, por preços commodos.

VINHO DO PORTO.

Vende-se muito superior vinho do Porto em barris de 8.º, vindo no ultimo navio daquella procedencia: entre elle ha uma marca de uma qualidade genuina, sendo da colheita de 1834; a vista da muito fina qualidade e do preço razoavel o comprador anima-se: na rua de Apollo n. 10, armazem de assucar.

Cemento.

Vende-se cemento novo em barricas e meias barricas, e a retalho, por preço muito em conta: na rua da Cadeia de Santo Antonio n. 17, para acabar.

— Vende-se um mulatinho com 3 annos de idade: a tratar na Ponte Velha da Boa-Vista n. 33, taberna.

Farinha da terra

Vendem-se saccas com farinha nova e torrada: na rua da Cadeia do Recife n. 23, loja.

CERA DE CARNAUBA, ABELHA E SEBO.

Na rua da Cadeia do Recife, loja n. 50, ha para vender cera de carnauba nova e boa, dita de abelha, e sebo em rama superior.

CHALES DE TOQUIM DA INDIA.

Na rua da Cadeia do Recife, loja n. 50, defronte da rua da Madre de Deus, ha para vender um chales de toquim de peso da India, branco, todo bordado, o mais rico que póde haver neste genero.

Na loja das seis portas

Em frente do Livramento

Pescoeinhos do mais fino pello branco e de côr para as senhoras porem ao pescoço a' sahida dos bailes e theatro para não constiparem, preço cinco mil rs., lenços de retroz matisados a dez tustões, romeiras pretas bordadas de côr a dous mil rs., lenços de seda de cor para pescoço e mão de senhoras a dez tustões, camisas de cambraia bordadas a dous mil rs., manguitos a dez tustões, collarinhos de recortes a dez tustões, e de massa a pataca cada um, saias brancas bordadas a dous mil rs., luvas de seda pretas a dez tustões: da-se amostras de tudo, levando penhor que equivala o que se quer ver.

— Vende-se ou permuta-se por qualquer propriedade nesta praça ou fóra della, distancia de cerca de duas legoas, não sendo em Beberibe; e tambem se arrenda por preço muito razoavel, sendo a brasileiro, um sitio em Beberibe, tem uma casa regular com 6 quartos e sala, toda envidraçada, estribaria com 50 palmos de comprido e 30 de largura, tem fructeiras e capim, e baixa grande para plantar o que quizer, e para ter vaccas de leite em abundancia, lenha e agoa para gasto de casa e para fazer cercado, e outras muitas commodidades, e para não ser mais extenso particularmente se dira' ao pretendente; tem 4 bois mansos e 3 carroças, este negocio se fara' com quem quizer: na rua do Vigario n. 19, terceiro andar.

Capachos grandes.

São chegados a loja de miudezas, na rua da Cadeia do Recife n. 45, optimos capachos em fórma de tapete, proprios para sofás em casas terreas, os quaes se vendem por preços commodos.

Vendem-se para liquidação as fazendas abaixo mencionadas, existentes na loja n. 10 da rua Nova: chapéos de castor branco, ditos pretos francezes, ditas para senhora e meninas, ditos para baptisado de crianças, toucas para os mesmos e senhoras, enfeites para cabeça, flores finas, pennas, manteletes, capotinhos, romeiras, manguitos, leques, chales de retroz bordados, lencinhos de dito, luvas de seda e pellica, bicos de blonde, ditos de linho, fitas de seda e velludo, damasco encarnado, azul e amarello, setim de cores, macas e saccos para viagem; e outras muitas fazendas que seria enfadonho mencionar, e que se vendem por metade do seu valor.

Na loja das seis portas

Em frente do Livramento

Indispensaveis camisas para homem com peitos de esguião francezas a dez tustões, peças de cambraia lisa com oito varas e meia para vestido de dous e tres babados a tres mil rs., córtes de cassa chita com sete varas a quatro patacas e meia, filó preto de chuvisquinhos para camisas a quatro patacas a vara, chales de merinó de todas as cores a quatro mil e quinhentos, chales de cassa adamascados para ir ao banho a sello, chales escuros para casa nas manhãas frias a duas patacas, tudo se vende barato a dinheiro avista para acabar antes do balanço.

VINAGRE EM BARRIS.

Superior a marca PRR e Falcão & Socios, acha-se a' venda no armazem do Valença, rua de Apollo n. 13.

PARA ACABAR.

Na rua Nova, loja franceza n. 8, confronte a Camboa do Carmo, vendem-se chapeos de seda para senhora, da ultima moda e qualidade, com um leve toque de mofo, pelo baratissimo preço de 10$ cada um.

Na loja das seis portas.

Em frente do Livramento.

A doze vintens o covado de alpaca franceza para vestido de senhoras, largura quatro palmos, chaly de flores, fazenda de gosto a duas patacas o covado, chitas escuras que não desbotam a meia pataca o covado, e de cores a seis vintens, riscados francezes a meia pataca, e largos a dous tustões, cassas pintadas a meia pataca o covado, riscado trançado para roupa de escravos a seis vintens o covado, cassas escocezas a doze vintens o covado, e todas as mais fazendas por preços que convidam a enroupar para a festa. A loja esta aberta das seis da manhãa as nove da noite.

CABRIOLET.

Vende-se um optimo cabriolet; para ver na cocheira do Sr. major Silveira, na rua da Cadeia de Santo Antonio; e para tratar na rua do Queimado, loja de miudezas da Boa Fama n. 33.

Aviso aos barbeiros.

Na rua da Cruz n. 51, sala de barbeiro, de Antonio Barboza de Barros, vendem-se bichas de Hamburgo, pelo diminuto preço de 20$000 o cento, as mais modernas do mercado; assim como se alugam mais barato do que em outra parte, e se vende a retalho.

Vaquetas para carro:

Vende-se muito superior vaquetas para cobrir carro, por commodo preço: no aterro da Boa-Vista n. 78.

—Vende-se um bonito cavallo rodado e bom andador: a tratar na rua do Queimado, com o Sr. Manoel José Leite.

Chaly de flores

SOLTAS E LISTRAS A 800 RS. O COVADO.

Na rua do Queimado n. 21 A vende-se chaly de flores soltas e listras, padrões modernos; dão-se as amostras com penhor.

Sedas de quadros

LARGOS E MIUDINHOS A 1$200 O COVADO.

Na rua do Queimado n. 21 A vende-se sedinhas de quadros miudos e largos a 1$200 o covado, cortes de cassa miudinhas de pinta a 2$800, murçulina a 360 o covado, dita matizada a 500 o covado, chitas francezas a 260 o covado.

Brilhantine

A 10$000 O CORTE.

Com este titulo chegou pelo ultimo navio francez lindos cortes de seda escoceza de lindos gostos: na rua do Queimado n. 21 A.

Rapé de Lisboa.

PELO VAPOR D. PEDRO II:
na rua do Queimado n. 35.

Superior cal de Lisboa.

Vende-se superior cal de Lisboa: no armazem de Novaes & C., rua da Madre de Deos n. 12, por preço commodo.

Velas de carnaúba.

Vende-se a 12$000 a arroba de velas de carnauba do Aracaty na rua do Queimado loja de ferragens n. 69.

Relogios

obertos e descobertos, pequenos e grandes, de ouro e prata, patente inglez, para homem e senhora, de um dos melhores fabricantes de Liverpool, vindos pelo ultimo paquete inglez: em casa de Southall Mellor & Companhia, rua do Torres n. 38.

Relogios de patente

inglezes de ouro, de sabonete e de vidro: vendem-se a preço razoavel, em casa de Augusto C. de Abreu, na rua da Cadeia do Recife, armazem n. 56.

— Na rua do Trapiche n. 14, escriptorio de Manoel Alves Guerra, vende-se por commodo preço o seguinte: — superior vinho do Porto em barris de oitavo, chapeos de feltro, e sabão amarello fabricado no Rio de Janeiro.

UM VESTIDO POR 2$000.

Novo e completo sortimento de córtes de vestido de chita de differentes padrões, cores fixas, pelo diminuto preço de 2$ cada corte: na loja de 4 portas, na rua do Queimado n. 10.

DEPOSITO DA FABRICA

Industria Pernambucana,

RUA DO CRESPO N. 9.

A fabrica de sabão e velas de carnauba, estabelecida na rua do Brum, tem estabelecido um deposito na rua do Crespo n. 9, para ahi unicamente dar extracção aos seus productos, proporcionando assim a maior commodidade aos consumidores. As velas manufacturadas nesta fabrica, offerecem as vantagens seguintes: são feitas com a carnauba simples purificada pelo meio do vapor, são inodoras e bellas na apparencia, queimam com igualdade e não esborram, e não fazem murrão e dão mais luz e mais clara do que as velas stearinas ou de qualquer composição, e que se vendem no mercado. Fabricam-se de 6, de 7 e de 10 em libra, vendendo-se em caixas que contem 192, 224 ou 320 velas cada uma pelo preço de 15$.

O sabão he branco, as materias primas de que he fabricado são simples e inofensivas, o cheiro que deixa na roupa he agradavel; rivalisa com o melhor sabão hespanhol e he superior ao sabão americano, que se vende no mercado a 240 rs. a libra.

Vende-se igualmente em caixas de arroba e a preço de 160 rs. cada libra.

Os incredulos comprando reconhecerão por experiencia a veracidade do que se annuncia.

— Em casa de Henr. Brunn & Companhia, na rua da Cruz n. 10, vende-se cognac em caixinhas de duzia.

Pekim.

Esta rica fazenda de 6 palmos de largura he inteiramente nova em Pernambuco; fabricada no celeste imperio, de cuja capital tira o nome, he de uns padrões lindissimos e ainda não vistos até agora: vende-se pelo baratissimo preço de 2$600 o covado: na rua do Queimado n. 7, loja da estrella.

AGENCIA

Da fundição Low-Moor, rua da Senzala-Nova n. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor e taixas de ferro batido e coado de todos os tamanhos para dito.

LABYRINTHOS.

Vendem-se lenços e toalhas de labyrintho, assentado em fina cambraia de linho: na rua da Cruz n. 34, primeiro andar.

CAL E POTASSA

Vende-se potassa da Russia e americana, chegada nestes dias e de superior qualidade; cal de Lisboa da mais nova que ha no mercado: nos seus depositos na rua de Apollo n. 1 A, e 2 B.

Cal de Lisboa e potassa.

Na rua do Trapiche armazens ns. 9 e 11, vende-se superior potassa da Russia e americana, cal virgem de Lisboa, da mais nova que ha no mercado.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixa de capim: na fundição de D. W. Bowman, na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

— Em casa de Saunders Brothers & C., praça do Corpo Santo n. 11, ha para vender o seguinte:

Ferro inglez.
Pixe da Suecia.
Alcatrão de carvão.
Lonas de linho.
Esponjas.
Drogas.
Algodão lizo para saccas.
Dito entrançado igual ao da Bahia.
E um completo sortimento de fazendas proprias para este mercado: tudo por preço commodo.

Farinha de mandioca.

Vende-se superior farinha de Santa Catharina, em saccas que tem um alqueire (medida velha) por preço commodo: no armazem de Novaes & C., na rua da Madre de Deos n. 12.

A 3$500

Vende-se cal de Lisboa ultimamente chegada, assim como potassa da Russia verdadeira: na praça do Corpo Santo n. 11.

TAIXAS PARA ENGENHO.

Na fundição de ferro de D. W. Bowman na rua do Brum, passando o chafariz, continúa haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido e batido de 3 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidão: embarcam-se ou carregam-se em carro sem despeza ao comprador.

— Vende-se superior linha de algodão branca e de cores, em novello, para costura: em casa de Southall Mellor & Companhia, rua do Torres n. 38.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, vende-se vinho do Porto de superior qualidade da bem conhecida marca GW em pipas, barris e caixas de uma e duas duzias de garrafas.

— A verdadeira gracha ingleza n. 97, em barricas de 15 duzias de potes: em casa de James Crabtree & C., rua da Cruz n. 42.

CEBOLAS.

Continua-se a vender cebolas soltas a 500, 640 e 800 rs. o cento, e de molho a 900 a 1$200: na travessa da Madre de Deos n. 18; e assim como batatas de Lisboa a 2$400 a arroba, sendo de uma arroba para cima.

Perfumarias finissimas.

Na loja de miudezas da boa fama na rua do Queimado n. 33 encontra-se sempre um rico sortimento de perfumarias de todas as qualidades, inglezas e francezas, sendo dos melhores autores que ha em Paris e Londres, a saber: agua de Colonia muito boa, sabão para barba de creme de amendoas, agua de lavande muito superior, vinagre aromatico para dores de cabeça, banha muito fina em ricos vasos, extractos de muitas qualidades, extractos proprios para bolso de estudante, essencias de varias qualidades, opiato o melhor que ha para limpar dentes, pós para limpar os dentes, e outras muitas cousas que não deixarão de agradar aos senhores compradores, e que tudo se vende por precinho muito barato.

Bonecas francezas.

Vendem-se bonecas francezas ricamente vestidas e de varias qualidades a 1$200, 1$600 e 2$, na rua do Queimado loja de miudezas da boa fama n. 33.

Pentes de todas as qualidades.

Vendem-se ricos pentes de tartaruga a 5 e 7$, ditos dito de alizar bons a 1$, ditos de dito de marrafa a 1$400, ditos de dito de travessa a 4$, ditos de unicorne para alisar a 1$, ditos de bufalo muito finos a 600 e 800 rs., ditos de baleia para alisar a 300 e 400 rs., ditos abertos imitando tartaruga para prender cabellos muito bonitos e bem trabalhados a 1$280 e 1$500, ditos de baleia abertos a 240, 320 e 400 rs., ditos de bufalo para piolhos a 500 rs., na rua do Queimado na bem conhecida loja de miudezas da boa fama n. 33.

Na loja da boa fé

vende-se tão barato que admira: panno fino azul a 3$ o covado, dito dito preto superior a 3$500, casemira preta fina a 2$, bombazina preta muito fina ou lapim, proprio para batinas a 1$280, sarja preta hespanhola a 1$800, setim preto macau a 2$600, cantão muito fino, fazenda preta superior propria para vestido de luto a 960, alpaca de seda de côr para palitó a 640 rs., ricos cortes de gorgurões de seda para colletes a 3$500, palitós pretos muito bem feitos a 4$, ditos de brim pardo de puro linho a 3$200, lenços pretos de grosdenaple a 2$, e outras muitas fazendas que se vendem por preços tão diminutos que ninguem deixara de comprar, na rua do Queimado n. 22, na bem conhecida loja da boa fé.

AOS AMANTES DO BOM E BARATO.

Vendem-se ricas charuteiras bordadas a retroz servindo tambem de carteira a 1$, ditas sem ser bordadas muito boas a 2$ e 3$, carteirinhas muito ricas a 2$, ditas proprias para viagem a 2$500, carteiras grandes para dinheiro a 1$500 e 2$, trancelins para relogios, pretos de retroz a 160, afiadores para navalhas muito finos a 1$, pedras inglezas de afiar navalhas a 1$ e 1$500, ricas bengalas pelo barato preço de 1$ e 1$500, pentes com escova e espelho para suissas a 800 rs., estojos para barba a 2$ e 2$500, fivellas douradas para calças e colletes a 120 rs., castões para bengalas a 80 rs., caixinhas para guardar phosphoros a 160 rs., escovinhas para limpar pentes a 240 rs., chicotes muito bons para cavallo a 800 rs., esporas finas de aço a 1$, gravatas de seda muito boas a 1$, atacadores de cornalina para casaca a 300 rs., pinceis inglezes para barba a 500, 600 e 800 rs., camisas de meia muito finas a 1$200, ricas abotoaduras para collete a 500 e 600 rs., ditas para palitós a 500 e 600 rs., estojos de navalhas finas para barba a 2$, caixas finissimas para rapé a 2$500 e 3$, ditas redondas de tartaruga finas a 6$, e outras muitas cousas que se vendem por barato preço: na rua do Queimado na bem conhecida loja da boa fama n. 33.

Meias de todas as qualidades.

Vendem-se muito boas meias de seda pretas e brancas para senhoras pelo barato preço de 2$500, ditas de laia para padres a 1$800, ditas de fio de Escocia pintadas para homem pelo baratissimo preço de 400 e 500, ditas brancas e cruas para homem a 200, 240 e 280 rs., ditas pintadas e brancas para meninos a 240 e 300 rs., ditas brancas, finas para meninas a 240 rs., ditas brancas para senhoras a 240, 300 e 400 rs., ditas pretas de algodão para padres a 600 rs., e outras mais qualidades que se vendem barato na rua do Queimado, na bem conhecida loja de miudezas da boa fama n. 33.

—N. O. Bieber & C., rua da Cruz n. 4, vendem:

Lonas da Russia.
Idem inglezas.
Brinzão.
Brins da Russia.
Vinho de Madeira.
Algodão para saccos de assucar.

Algodãozinho da Bahia

para saccos de assuçar: vende-se em casa de N. O. Bieber & C., rua da Cruz n. 4.

VENDE-SE

Graxa de patente, prova d'agua, para arreios de carro.

Vinho do Rheno de qualidades especiaes—Johannisberg e Marcobrunner.

No armazem de C. J. Astley & C.

RUA DA CRUZ N. 51.

Antonio Barbosa de Barros faz sciente ao publico que mudou a sua sala de barbear da casa n. 62 da rua da Cruz para a de n. 51 da mesma rua; na mesma sala se acham as mais modernas bichas de Hamburgo, que se vendem aos centos e a retalho, e alugam-se, tudo mais barato do que em outra parte.

Vinho do Porto, superior chamiço.

Em caixas de 2 duzias e em barris de oitavo, recentemente chegado pelo brigue «Trovador»; vende-se unicamente no armazem de Barroca & Castro, na rua da Cadeia do Recife n. 4.

—Vendem-se dous pianos fortes de jacarandá, construcção vertical e com todos o melhoramentos mais modernos, tendo vindo no ultimo navio de Hamburgo: na rua da Cadeia, armazem n. 8.

POTASSA E CAL VIRGEM.

No antigo e já bem conhecido deposito da rua da Cadeia do Recife, escriptorio n. 12, ha para vender muito superior potassa da Russia, dita do Rio de Janeiro e cal virgem de Lisboa em pedra, tudo a preços muito favoraveis, com os quaes ficarão os compradores satisfeitos.

MECHANISMO PARA ENGENHO.

NA FUNDIÇAO DE FERRO DO ENGENHEIRO DAVID W. BOWMAN, NA RUA DO BRUM, PASSANDO O CHAFARIZ,

ha sempre um grande sortimento dos seguintes objectos de mechanismos proprios para engenhos, a saber: moendas e meias moendas da mais moderna construcção; taixas de ferro fundido e batido, de superior qualidade e de todos os tamanhos; rodas dentadas para agua ou animaes, de todas as proporções; crivos e boccas de fornalhas registros de boeiro, aguilhões, bronzes, parafusos e cavilhões, moinhos de mandioca, etc. etc.

NA MESMA FUNDIÇA'O.

se executam todas as encommendas com a superioridade ja conhecida e com a devida presteza e commodidade em preço.

—Em casa de Timm Momsem & Vinnassa, praça do Corpo Santo n. 15, ha para vender:

5 pianos fortes do melhor autor.

Um sortimento completo de livros em branco, chegados pelo ultimo navio de Hamburgo.

VINHO DO PORTO GENUINO.

Vende-se optimo vinho do Porto em barris de quarto e oitavo, por preço razoavel: na rua da Cadeia do Recife n. 13, escriptorio de Baltar & Oliveira.

A ttenção!

Na rua do Trapiche n. 34, ha superior rapé Princeza do Brasil, chegado recentemente do Rio de Janeiro, em qualidade pouco differe do de Lisboa, ao passo que custa apenas 1$400 a libra; a elle antes que acabe, pois a remessa he pequena.

XAROPE DO BOSQUE

Foi transferido o deposito deste xarope para a botica de José da Cruz Santos, na rua Nova n. 53, garrafas 5$500, e meias 3$000, sendo falso todo aquelle que não for vendido neste deposito, pelo que se faz o presente aviso.

IMPORTANTE PARA O PUBLICO.

Para cura de phtysica em todos os seus differentes gráos, quer motivada por constipações, tosse, asthma, pleuriz, escarros de sangue, dôr de costados e peito, palpitação no coração, coqueluche, bronchite, dôr na garganta, e todas as molestias dos orgãos pulmonares.

—Em casa de Rabe Schmettau & C. rua da Cadeia n. 57, vende-se:

Elegantes pianos do afamado fabricante Traumann de Hamburgo.

—Em casa de Rabe Schmettau & C., rua da Cadeia n. 57, vende-se:

Vidros para espelho.
Vinho do Rheno superior.
Conservas alimenticias.
Tinta para typographia.
Tudo por preço commodo.

Navalhas a contento.

Continua-se a vender a 8$000 o par (preço fixo) e já bem conhecidas navalhas de barba, feitas pelo habil fabricante que ha sido premiado em diversas exposições: vendem-se com a condição de não agradando poder o comprador devolve-las até 30 dias depois da compra, restituindo-se a importancia: em casa de Augusto C. de Abreu, na rua da Cadeia do Recife n. 36.

Luvas de varias qualidades

Vendem-se ricas luvas de seda de todas as cores, bordadas e com bolotas a 2$ o para ditas sem ser bordadas brancas e amarellas para homens e senhoras a 1$, 1$200 e 1$500, ditas de fio da Escocia brancas e de cores para homens e senhoras a 300, 400, 500 e 600, ditas brancas e de cores, de algodão, proprias para montaria a 240 e 320 e outras qualidades mais que se vende na rua do Queimado na bem conhecida loja de miudezas da boa fama n. 33.

LEQUES FINOS.

Vendem-se leques muito finos com ricas pinturas, espelho e plumas a 2$, 3$500 e 4$: na rua do Queimado loja de miudezas da boa fama n. 33.

HE MUITO BARATO.

Chales de merinó de lindas cores com ricas palmas bordadas a matiz pelo diminuto preço de 8$; na rua do Queimado n. 22 na loja da Boa Fé, defronte da loja da Boa Fama.

FITAS DE VELUDO.

Vendem-se fitas de veludo pretas e de cores, estreitas e largas, lisas e abertas de muito bons gostos, pelo barato preço de 160, 320, 400, 500 e 600 rs., na rua do Queimado na loja de miudezas da boa fama n. 33.

Escravos fugidos.

— Fugio no dia 8 do corrente o preto Vicente, de nação Angola, idade 50 annos, altura regular, espadaudo, cara larga, marcas de bexigas, beiços grossos, pernas arqueadas, tem o costume de embriagar-se, foi comprado a Manoel da Silva Santos em 4 de outubro de 1851, que lhe fora remettido do Maranhão por José Pedro dos Santos. A profissão do dito escravo naquelle tempo era ser marujo, hoje empregado no serviço do campo: portanto, roga-se as autoridades policiaes, capitania do porto e capitães de campo, que o capturem e o mandem a seu senhor na rua estreita do Rosario n. 31, a José Moreira da Silva.

100$000 DE GRATIFICAÇAO'.

Ausentou-se em 28 de agosto deste corrente anno da casa de seu Sr. Francisco Mauricio da Matta Ribeiro, morador em Bom Jardim, comarca do Limoeiro, o escravo crioulo de nome Fernando, bem moço, representa ter 25 annos, com os seguintes signaes: altura regular, cabellos torcidos bem pegados no casco, cor preta, olhos vivos, beiços groços, com falta de um dente na parte superior, barba imperial, corpo reforçado, nadegar empinadas, em pequeno foi alguma cousa surrado e talvez mostre alguns vestigios, tem os pés e dedos curtos porém largos, he bem fallante, e cortez. Tem-se desconfiança ter procurado para o engenho Jardim, comarca da cidade de Goianna, onde o mesmo escravo tem seu pai, assim como tambem aparece leve noticia que fora visto nesta capital: roga-se por tanto as autoridades policiaes e capitães de campo de o capturarem e mandarem a casa do supradito senhor, que além da paga a cima mencionada será generosamente gratificado.

— No dia 18 do corrente pelas oito horas da manhãa fugio um negro por nome Antonio, o qual he de nação com os signaes seguintes: côr fula, pouca barba, puxa do quarto direito, os pés apalhetados, e no pé do lado direito tem algumas costuras imitando calor de figado, levou calça azul de riscado, camisa azul, chapéo de palha: este negro tem um irmão que he cortador de carne nos açougues da freguezia de Santo Antonio, sendo este o seductor daquelle, segundo que se tem sabido; foi escravo do Sr. academico Antonio Rogerio Freire de Carvalho, morador atraz da matriz da Boa-Vista, tendo vindo com o mesmo academico de Agua-Preta, talvez tomasse esta estrada; por tanto pede-se a todas autoridades onde e mesmo for encontrado, e os capitães de campo hajam de aprehender, ou leva-lo ao seu legitimo senhor abaixo assignado na rua larga do Rosario n. 48, que generosamente paga a quem o trouxer.—Bernardo de Cerqueira Castro Monteiro.

— Continua a estar fugido o escravo Antonio de nação Cassange, de idade de 35 annos pouco mais ou menos, altura regular, cangueiro no andar, cor preta, rosto redondo, sem barba, costas limpas, cheio do corpo, e conversa pouco; foi escravo dos herdeiros do finado Caetano Gonçalves da Cunha; ha quasi certeza de andar para as partes do sul desta provincia, se alguem acoitar o dito escravo fique certo de que o dono ha de proceder com todo o rigor das leis contra o acoitador, e a quem o capturar promette-se pagar com generosidade, sendo conduzido a rua da Guia n. 64 segundo andar nesta praça, ou no engenho Crusahy, ou Agua-Fria da freguezia de S. Lourenço da Mata.

— Fugio hontem as 7 horas da noite um escravo mulato, de nome Thomaz, alto, reforçado do corpo com marcas de bexigas, pernas grossas e nellas marcas de cicatrizes nas canellas, falla com muita mancidão; levou camisa de panno azul grosso guarnecida de ourello branco nas hombreiras e punhos, aberta na frente em forma de palito: este escravo he natural da Parahiba, e foi escravo do Sr. Carlos Coelho que o houve por herança de seu sogro José Joaquim de Souza daquella cidade, e foi comprado pelo abaixo assignado ao Sr. Hilario de Athayde Vasconcellos Junior, morador no engenho Tapua, freguezia do Pilar da dita provincia: quem o pegar leve-o a rua da Concordia a Pedro Antonio Teixeira Guimarães, que sera' generosamente gratificado. Recife 1. de outubro de 1856.

Pedro Antonio Teixeira Guimarães.

PERN.: TYP. DE M. F. DE FARIA 1856

MUTILADO